

Obras Completas
de A. J. de Castilho

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE E EDITORA
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
22, R. Augusta, 25 | 23, R. Nave, 31
LISBOA

OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 6.º

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º vol.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º vol.)
- VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)

NO PRÉLO :

- VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
- VIII — VIVOS E MORTOS—Apreciações moraes,
litterarias e artisticas.



CASILHO EM 1836

(Segundo o busto por Francisco de Assis Rodrigues)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 || 45, R. Ivens, 47

1903

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

VI

A PRIMAVERA

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME I



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 || 45, R. Juvens, 47

1903

*Stet quicumque volet potens
Aulæ culmine lubrico ;
Me dulcis saturet quies ;
Obscuro positus loco
Leni perfruar otio ;
Nullis nota Quiritibus
Ætas per tacitum fluat.
Sic cum transierint mei
Nullo cum strepitu dies,
Plebeius moriar senex.
Illi mors gravis incubat,
Qui notus nimis omnibus,
Ignotus moritur sibi.*

SEN. THYEST. ACT. II.

ADVERTENCIA DO EDITOR

Em 1822 sahia da typographia de M. P. de Lacerda uma nova obra de Castilho, collecção de quatro poemetos pastoris em bello verso sôlto; a saber: *Epistola á Primavera*, composta em Coimbra nos fins de 1821; *Um dia de Primavera*, composto no verão de 1822; *Os cantos de Abril*, idyllio; *A festa de Maio*, composta ainda em 1822; tudo muito correcto e cuidado, respirando uma doçura infantil e ingénua, desconhecida depois de Bernardim Ribeiro na Lyra portugueza. O exito d'este volume foi immenso.

Em fins de 1836 preparava o autor uma 2.^a edição; e como, no correr d'esses agitados annos, que as *Memorias de Castilho* historiam minuciosamente, o estro do poeta se desenvolvera nas *Cartas de Ecco e Narciso*, no *Amor e melancolia*, n'outras obras, e sobretudo na forçada reclusão da serra do Caramulo, e no estudo constante, auxiliado do melhor dos companheiros, Augusto Frederico, modelo de irmãos, entendeu Castilho dever refundir a obra dos seus vinte e dois annos; deu-lhe forma nova, muito mais rica, e acompanhou os versos com prologos, notas, e commentarios.

Verdade é que o lavor litterario, propriamente dito, se apurou; mas a ingenuidade da métrica primitiva perdeu-se.

Não levemos isso a mal ao incontentavel operario; sempre que podia enriquecer a fôrma, não lhe soffria o animo que não a enriquecesse.

Assim, pois, n'esta reproducção, que hoje damos ao Publico, da 2.^a edição aperfeiçoada, escrevemos ao mesmo tempo o epitaphio da 1.^a; o que não quer dizer que os estudiosos, que desejem comparar as duas, não colham, na meditação das alterações feitas, grande proveito para a technica da Arte. Mas como esses estudiosos e hypercriticos são em diminuto numero, offerecemos ao Publico o mesmo que o bardo lhe offerecia na maturidade do seu talento.

Uma das feições proeminentes dos prólogos de Castilho n'esta obra é a preocupação da vernaculidade e riqueza de linguagem, que em 1836 começou a senhorear-o. Não se falava n'esse tempo como elle escrevia; mas elle entendia (e muito bem) que uma certa exaggeração na pureza e abundancia da fôrma era necessaria, para combater as exaggerações tôrpes do francezismo. D'ahi, um dos meritos relevantes d'esta nova *Primavera*.

A paixão da Lingua nacional principiou-lhe na solidão da Castanheira do Vouga, ao ouvir em primeira mão os bons serranos beirões. Ficou atonito, presencendo vivas as louçanias dos classicos mortos, procurou senhorear se d'ellas e usal-as. Dos primeiros livros de Castilho para este, vai consideravel differença sob o aspecto da philologia artistica. Vê-se lá o portuguez limpo, bem aplainado, bem travado, bem acepilhado;

vê-se aqui a obra opulenta de um mestre, para quem o feitio da phrase, a deducção do vocabulo, o bem lançado das formas, é preocupação, por assim dizer absorvente.

Essa preocupação augmentou sob a influencia affectuosa da sua secretária, sua mulher desde Novembro de 1837; Notavel coisa! A senhora D. Maria Isabel de Baêna não era escritora, não era poetisa, mas apreciava os escritores e os poetas personificados no marido. Nascida no Porto, creada toda a vida n'um convento provinciano, lendo dois ou tres classicos que lhe provinham dos avós, cultivou, sem o saber, grande affecto á vernaculidade; e quando se viu em Lisboa, e quando lhe coube a missão invejavel de ser a mão e os olhos d'aquelle cego, incitou-o no caminho da pureza linguistica. Assim pois, a ella devemos em parte o *classicismo* de Castilho. Por isso, recordando-se dos seus estudiosos dias e serões de 1835 e 1836, elle escrevia saudosamente em 1861 estas palavras melancolicas:

«Não ha estudo, nem mais apetitoso, nem mais aproveitado, que o da fala da nossa terra, quando se tem por mestra uma mulher a quem se ama.»

ANTE-PROLOGO

Bem será para alguns motivo de maravilha, e de riso para muitos, a declaração por onde me agrada começar este Ante-Prologo; e é, que o estou principiando, e querendo Deus o levarei ao cabo, antes de conhecer a Obra para que vai feito.

Quatorze annos, e não poucos d'elles bem estirados, são hoje discorridos depois de impressa, e por tanto segundo meu costume aposentada e esquecida, a minha *Primavera*.

N'estes quatorze annos, começados a contar aos vinte e dois da minha vida, não só se encerrou, e desvaneceu aquella melhor, mais florida e derramada parte d'ella, que tanto discrimina, e afasta o periodo seguinte do anterior, se não que ahi se desatou tão desfeito temporal de successos estranhos, de terrores e calamidades publicas; tantas certezas sahiram vãs, realisaram-se tantos impossiveis; por tal arte se transtornou e renovou ora em bem ora em mal a face do nosso Portugal; tão fracas e ténues reliquias de um passado, que ainda nós os moços alcançámos, subsistem já agora quer nas pessoas, quer nas coisas e costumes, e emfim por tudo isto nos petrificámos e envelhecemos em tanta maneira, que por mim digo: n'estes quatorze annos me parece ter a Fortuna desbaratado cabedal de seculos, e o Tempo uma larga idade do mundo.

Tantos e taes annos que da minha Obra me separam, não custará muito a crer m'a tenham tornado ao cabo tão alheia, como se d'ella só mui por longe me houvera sussurrado uma leve noticia. Esta ideia confusa, mas suave e suavissima como apagado retrato de antigos amores, como lua de estio contemplada em fundo de ermo, ou como vista de remotas velas ao coração do que alem-mar definha desterrado entre asperezas, esta ideia toda mansa, toda rosada, toda primavera, mais temo perdê-la do que todas as minhas outras illusões, se por ventura já hoje alguma tenho.

Talvez receie, e se receio talvez me não falte rasão, que ao reler estes Poemetos, nem ache n'elles as côres que os longes me figuravam, nem os gostos com que os ia não compondo, mas para assim dizer colhendo e enramalhetando, pelas varzeas e valles do Mondego; ; tanta foi a metamorphose que de mim fizeram os livros, as coisas, e a idade!

Como que tenho uma dolorosa certeza de que me acontecerá com isto o que já me succedeu, visitando, depois de espaçossissima ausencia, as casas onde a minha primeira infancia fôra brincada, amada, e perdida: tudo achei mesquinho, solitario, e quasi mudo; tudo me dizia muita saudade, e nenhum prazer; cada pedra tinha sua historia, mas todas me clamavam outros tantos desenganos.

; Grande differença esta entre as nossas proprias antigualhas e as do mundo! as do mundo pelo seu mesmo mysterio nos deleitam;

são a primeira pagina de um romance para a imaginação; as nossas pela sua certeza nos contristam, e são a pagina ultima de uma historia que assaz nos corria formosissima.

Apraz-me por tanto boiar ainda por algumas horas ao de cima d'estas phantasias; e antes de se me apagarem, se já é que isso tem de ser, alegrar com o seu reflexo estas paginas, que mal poderão ser muitas. Sempre é cedo para lançar pelas janellas fóra os brinquedos de nossa puericia; e mal haja quem o faz sem que todo o coração se lhe aperte d'entro no peito.

*

Por isto que digo, entenderão meus leitores o porque, exausta logo no primeiro anno a primeira impressão da *Primavera*, tantos se teem devolvido sem que jamais me deliberasse a reimprimil a.

Pelos fins de todos os invernos e começos da melhor estação, me era ella de todos meus livreiros requerida; por mais de uma vez me senti abalado; mas a lembrança do meu desencantamento me era sempre esquiva; e repugnava-me, como uma certa simonia, o arriscar-me a por alguns cruzados malbaratar uma delicia do santuario de meu animo. N'esta parte não me entenderão todos, mas os meus intimos confirmariam com juramento o que digo.

Agora porém que até a minha pobre bibliotheca já se ahí vai rareando e desfazendo vendida, e me importa pôr entre mim e a terra do meu nascimento muita outra terra

de permeio, e Deus sabe para quanto tempo, obedeço aos desejos de muitos dos que ainda lêem, ao conselho dos amigos, e á lei da necessidade. Reverei para a impressão, e perderei para mim, este livro de saudades, livro que só fechado eu poderia ler como me convinha.

E por quanto, depois de sua leitura talvez me desamparasse a vontade de aventurar algumas reflexões sobre este genero de poemas, fal-as hei antes, e já aqui; deixando para o Prologo as que ácerca da Obra me forem por ella mesma suggeridas.

*

A Poesia campesina, ou, segundo vulgarmente lhe dão nome, pastoril, com ser de todas a mais antiga, nunca em nenhuma parte se perdeu, dado em muitas decahisse não raro do seu credito, e lustre; e, segundo todas as mostras, deitará ainda até ao fim das edades litterarias.

Sempre moça como a terra sua mãe, mansa como os arroios seus irmãos, formosa como as flores que lhe guarnecem o chapéo de palha, livre e leve como os zéphiros pela assomada dos montes, alegre, namorada e innocente como as aves na madrugada do anno, é de ver qual se vai sozinha e vivissima por entre tantas coisas mais fortes que morrem; com o seu cajado de pastora, segura entre tantos inimigos; girando todo o orbe, e por todo elle bem vinda; vingando e vencendo todos os seculos; dando a alguns d'elles de mais amoravel in-

dole a sua propria fórma; e relevando-lhe, anda os mais ferozes e guerreiros, que lhes ella misture com a sua frauta do serão os hymnos da guerra, lhes entreteça maliciosas violetas com os loiros, e os campos que elles a ferro e fogo devastaram os repovõe ella de imaginadas verdura, flores e felicidade.

*

Um curioso reparo poderão ter feito os que os fazem no ler poetas; e é, que apenas haverá algum dos chamados Epicos, para quem o campo, e sua vivenda, não fosse delectitoso assumpto.

Compraz-se Homero de travar com as façanhas dos heroes toques e pinturas do viver natural e primitivo; Virgilio, que já primeiro que se abalançasse ás armas e guerras tinha cantado os pastores, e doutrinado os lavradores, particularmente se recreia quando no meio das batalhas pode a uns e outros mandar algumas saudades; nos dois Orlandos, e em todos os livros de cavallaria, vai igual mistura; o mesmo na Jerusalem, cujo autor havia escrito o Amintas. E d'entre os nossos, para por todos citar um, mas um que por todos valha, Camões não só afamou os Portuguezes sujeitadores de elementos e homens, mas todo se deleita em conversar os pegureiros e campos da nossa graciosa Lusitania, terra cujos filhos, se me não engano, são por indole dotados d'estes dois extremos, de brandura e de valor, de amor ao obscuro rusticar e ao glorioso correr de aventuras e perigos; por onde entendo que

para muito mais do que são os fizera Deus, assim como fizera para muito mais do que é o grandioso torrãozinho que habitam.

*

Disse engenho subtil (e bons juizos o crêram) que o desejo, ancia, e esperança de bem, que todos temos innatamente, era claro argumento de uma vida futura, já que n'esta se nos não deparava contentamento. Assim tambem dissera eu, que este natural e universal gosto á poesia amena é um indício de que, se jamais o homem foi homem e ditoso, lá nos campos o foi; que as plantas d'onde nos brotam sustento e recreação, exhalam secretamente amor para os seus visinhos; e que pelos saudosos valles das edades patriarchaes, em quanto os bosques não cahiram para em sua vez se levantarem as muralhas, as benções do Ceo orvalhavam muito mais a miude.

Alguma coisa farão para aqui palavras do meu Florian; que porque d'elle são as verterei de muito boa mente—«; Oh! se nós «podessemos ler em seu original texto os «bons autores d'essa Allemanha, enlevar-«nos-hia a tanta singeleza, a tanta doçura «por onde de todas as outras se estremam «suas obras! Em conhecer a Natureza, e es-«pecialmente a Natureza campeзина, levam-«nos elles uma infinita vantagem: amam-n-a «mais deveras, retratam n-a com tintas mais «fieis. Todos nossos poemas pastoris nada «teem que ver com as meras traducções de «Gessner. Ninguém jamais fecha a Morte de

«Abel, os Idyllios, ou Daphnis, sem já se
«sentir mais soffrido, mais terno, mais ma-
«vioso, e, por que tudo diga, mais virtuoso que
«antes da lição. Não respira senão moral
«pura e fácil, e virtude d'aquella que logo
«vem trazendo bemaventuranças. Fosse eu
«parochio de aldeia, que sempre á estação
«da Missa havia de ler e reler Gessner aos
«meus freguezes; e por certissimo tenho
«que todos meus aldeões se fariam probos,
«todas minhas parochianas castas, e nin-
«guem me havia de ao sermão adormecer.»

Isto dizia de Gessner Florian, digno de o louvar pelo mui bem que o sabia comprehender e seguir. Isto não escrevia eu nem o dizia, mas amplamente o sentia n'esse bom tempo que já lá vai.

Gessner não era para mim um nome, senão um individuo presente, um suavissimo contubernal; nem já suas obras me eram livros, mas realidade, vida, e mundo. Sei que se não leva a bem o muito falar um individuo de si proprio, mormente em publico, e mormente ainda quando esse individuo é tão mesquinho sujeito como eu; mas ¿de que outra coisa posso eu escrever? ¿dos outros? não os conheço; erudito, não o sou; descobrimentos, não os fiz, nem já agora os farei; folgo de espraiair conversa com os meus patrios; na falta de melhor assumpto, falo-lhes de mim e de meus gostos.

O mais selecto de todos elles era pois Gessner, no qual e na escolha de Poesias Allemans por Huber, andou por alguns annos cifrada toda minha leitura, porque de quantos

autores patrios meus conhecidos haviam escrito e poetado de coisas rusticas, nenhum havia, que, ou por sobejidão de engenho e argucia, ou por mal cabida escuridade, ou pelo trivial do pensamento e dicção, ou pelo desageitado do metro, ou pelo urbano artificio do que lhes parecia singeleza, ou emfim por um não sei quê de mais ou de menos, me não lançasse lodo e areia no jardim, que bem ao meio da alma me havia sido por Gessner plantado. *

Muito aproveitei em tão boa escola: como poeta não, que bem o sabem meus leitores; como homem sim, que d'isso tive mui cabal e experimentada certeza. Minhas nativas propensões beneficicas se arraigaram; minha interior aspereza, que todos de si a teem, se amolleceu: sentia-me palpar no peito um coração da idade de oiro; esvoaçava-me na cabeça uma alma inteira de Arcade; com-

* Alguma vez publicarei o que ácerca d'isto disputámos por Cartas, de Lisboa para Coimbra, o Padre José Agostinho de Macedo e eu. Negava aquelle escritor, de incontestavel talento, que a Poesia Alleman e Suissa mais fosse do que a nossa rica em graças naturaes, e amena frescura; antes affirmava que a nossa a excedia grandemente. Ou não escrevia elle deveras, ou se convenceu do erro, como será de ver das Cartas, quando ellas apparecerem. O motivo porque até hoje as tenho dos publicos olhos resguardadas outro não foi senão receio, de que se me attribuisse a vangloria a publicação de uma disputa em que tamanho sujeito me cedeu, principalmente sendo notorio que o favor que em seus escritos deu ás minhas primeiras tentativas poeticas e infantis, jamais o de negou com o andar do tempo, antes o reforçou com mui graciosos louvores.

punha todo o meu economico futuro de uma choupana, um pomarinho, e pombas mui brancas, e cordeiros mui nédios; em summa: se Florian fosse meu parcho, propôr-me-hia nas suas homilias como um Santo da sua bema-venturança.

Assim, e por esse tempo, foi a minha *Pri-mavera* improvisada, e como ella as *Flores* e as *Quatro partes do Dia*, poemas que brevemente sahirão estampados, e inteiram com o presente volume o fragil monumen-tinho dos annos, em que fui tal qual desejava permanecer toda a vida.

*

Passe ainda a diante a sinceridade: com vergonha não só minha, mas do tempo em que vivo, confesso que d'essa ingénua bon-dade, pela qual eu mesmo a mim me com-prazia, o de mais (como espirito que era sub-tilissimo) se evaporou; parte se azedou no vaso com as más sementes de odio que de fóra lhe lançavam; o resto se recozeu e es-tragou ao fogo das civis dissensões. Procu-ro-me, e não me acho, ou se me acho não me amo.

Ainda a minha antiga choupana, os cor-deiros nedios e as pombas alvissimas se me fazem lembrados por uma noite de estio, mas riem menos, e não me acenam senão fracamente.

Tanto vi e vejo de alheias maldades, tan-to teem procurado os entes mais abjectos e vis amargurar-me, que nem quasi na virtu-de acredito, nem na possibilidade de ser fe-

liz; e este estado, se não é de todos o mais antipoetico, se, na escola romantica, póde até lograr os foros do *bello ideal* e ultimo sublime, pelo menos é o mais avêssio á philosophia e mansidão Gessnerica.

¡Oh! ¿quando poderão os dois monstros, em cujas garras inexpertamente cahi, quando poderão Politica e Romantismo dar-me um longe, uma sombra, dos interiores commodos que me lá ficaram com a poesia natural e singela? E igual pergunta dolorosa poderia fazer o mundo, a ter um coração e uma voz.

Já quanto á Politica me calo, que esse voto fiz eu; mas quando será que o Romantismo, exclusivo e tiranno qual se presenta, se gabe de perfumar entendimentos para o amor, de reclinar o amor como filho nos braços da virtude, e de transformar o templo da virtude, em casa do contentamento!

¿Quando será que outro homem, da laia e costumes dos nossos velhos, possa dizer na sinceridade da sua alma:—«Se eu fosse parocho, leria Byron ou Schiller á estação da Missa, para tornar castas e probas as minhas ovelhas»?

Mas todas estas reflexões de nada valem: a torrente vai funda e rapida; ninguem (e muito menos eu) lhe poria dique.

E até (que tão pouco dou pela minha philosophia) talvez que tudo que por ahi vai, que certamente parece bem triste e bem máo, seja bem necessario ao concerto e melhoria do mundo.

Não digo eu o que as coisas são, sim o que se me ellas figuram; não as sentenceio

sem appellação; na minha primeira instancia as julgo; e o que moralmente me parecem, isso assento com affeita liberdade.

¿Perde ou ganha a humana especie em cada vez mais se apartar por obra, por palavra, e por pensamento, do rural e simples teor de seu primitivo ser? por minha experiencia affirmaria que perde; mas os sabios que o decidam, e a mim seja-me licito pôr duvidas.

*

Não me intrometterei com o que vai por outros reinos; esse uso de qualquer contrabandista litterario de nunca chegar ás coisas patrias sem primeiro haver tocado nas de França e Inglaterra, não me quadra a mim, que ao menos tenho a sufficiente consciencia e pejo para não citar o que mal conheço: em Portugal me limito.

¿Somos nós mais felizes ou melhores que nossos avós? Certo que não; e tanto, que se esses bons e honrados velhos podessem ter adivinhado quaes seriamos nós, nós herdeiros de seus nomes, escarnecedores de seus exemplos, e deshonoradores de seus castos e amigaveis costumes, nós que ao seu velho falar e escrever de *deveres*, substituímos o nosso novo falar e escrever de *direitos*, e á moda de ter palavra, a moda de ter palavras, ter-se-hiam horrorisado, como de abominação, do pensamento de gerar.

Acordae do sepulcro um d'esses anciãos, que, depois de pagar inteira a divida a pae e mãe, viveu todo para a mulher, matou-se pelos filhos, guardou a palavra como religião,

a religião como necessidade, e cada paschoa de flores, bem com Deus, contentíssimo consigo, se ufanava de sentar ao melhor lugar de sua mesa o parcho, e todos os seus vizinhos de envolta com seus filhos.

Mostrae-lhe todos os nossos progressos, que em sós algumas vantagens materiaes e corporaes se resumem; alardeae-lhe o que esperamos, mas não lhe escondaes o que destruimos; lede-lhe a primeira pagina do primeiro jornal que topardes d'esse mesmo dia, raza de impudencia, empapada com fel, estillando lagrimas, revendo sangue, suando calumnias e desavergonhamentos, respirando e soprando odios de nação contra nação, de cidade contra cidade, de familia contra familia, de irmão contra irmão, de povos contra reis, de reis contra povos, e dos homens contra a Providencia.

Supponde que Deus lhe offerece renovação da vida, e offerecei-lhe vós todas as blazonadissimas excellencias do nosso viver e do nosso esperar; repellir-vos-ha com aquelle braço que antigamente defendia e não apunhalava a Patria; tapará com o resto da mortalha o rosto, que só depois de cadaver córa pela primeira vez; e, cerrando rijo os olhos contra a luz, e deixando-se recahir peadamente, de vós não pedirá mais do que um favor, o de lhe restituirdes a sua lagea. *

* Conceder-lh'a-heis, se já não tiverdes determinado empregar-a em outro uso, ou fundar n'esse sitio alguma casa de commissão que nada faça, ou algum quartel de guarda que legisle sobre os destinos publicos.

*

Emquanto assim vai o presente avêssô do preterito pelo que toca á moral e á felicidade (falo da verdadeira felicidade d'aquella em que a moral entra como elemento, e não da physica e corporal, da de fazenda e honras, como hoje se entende), vejamos a que ponto subiram com o *movimento e progresso* as nossas Lettras.

Entrae as typographias, e dizei-me por que assim amotinam com o seu nocturno e diurno labor a visinhança. Perguntae-lhes; por que assim gemem e se afadigam? ¿em quaes livros nos estão preparando mananciaes de doutrina, ou de costumes, ou de suave, honesto e já tão preciso desenfadamento? Disseréis que nossos laboriosos maiores as deixaram esfalfadas com os copiosos frutos de suas lucubrações; o mais com que se atrevem, são ridiculos farrapos de bestiaes torpezas. Seguem-se os mezes aos mezes, e os annos aos annos, sem outras litterarias novidades. Terra é que já deu opímas searas e vinhas abundosas; agora descultivada e baldia, e á lei da Natureza bruta, desata toda sua força e substancia em cardos, em ortigas, em venenos e serpentes.

¿Quantos livros, e quantos bons livros, que nós outros nem conhecemos nem já valem a sopesar, sahiam dos nossos prelos, nos tempos em que a probidade, e a mansidão, e a concordia tinham seu preço!

Um só reinado, e ainda bem chegado a nós, e de Rei que por bom se não cita, com tanta copia de litterarios monumentos nos

deixou avergadas as bibliothecas, que dez centos de annos como o presente não produzirão a decima parte.

São os nossos typographos de hoje, se com aquelles os comparamos, como os nossos cutileiros de punhaes, comparados com os bons armeiros, que forjavam espadas como as de nossos heroes de boa data, que só com sua pezada presença nos maravilham, a nós, que, por nossa verbosa sabedoria, acabaremos de desbaratar tantas e tão longes terras, como nos ellas ganharam esgrimindo-se.

*

Tal vai pois o estado litterario como o social; e nem menos podia ser, porque estas duas coisas, como alma e corpo, se pertencem inseparaveis. Mão de Deus que ao corpo politico quizesse restituir a saude, por ahi lhe fortaleceria não menos o espirito. Sopro de Deus que ao espirito restituisse a luz, por ahi lhe ordenaria e vigoraria todos os movimentos.

Por tanto, conhecendo e confessando que nem facil e, nem possivel, torcer a carreira desenfreada que o nosso mundo leva não sei para onde, todavia para mim tenho (se na cabeça está isto, se no coração, não o direi) mas tenho para mim, que mui bem fará, e muito amado será dos rectos juizos, quem nos fizer volver olhos de saudade para a vida que já se viveu, e que ainda um ou outro, aqui ou acolá, poderá inteira, ou quando mais não fôr, em partes, em amostras, reviver.

E pois ¿será isto uma illusão minha ?

Se o geral da gente vai por entre dores para uma coisa que se chama perfeição, ¿não póde um individuo em particular deixar-se ficar atraz, despir essas suadas armas de milicia conquistadora, e recolher-se, honrado desertor, lá onde viva seguro com Deus, comsigo, com poucos vizinhos, logrando-se da Natureza, e disfrutando em variados prazeres todas as estações, presentes que Deus enviou para todos os homens, mas de que os das cidades só pela folhinha teem noticia ?

¿Por quão feliz se não devêra dar o escritor desambicioso, se aos puros sons de sua lyra afinada nos bosques, lograsse, não como Amphião fundar e povoar cidades, não como Orpheu arrancar as feras dos arvoredos e domesticar-as ; mas arrancar d'entre feras humanas homens inda não corruptos, e assentá-los, para sempre feridos do reboiço dos grandes povos, no divino remanso de uma campestre solidão !

De mui leves causas e tenuissimos momentos pende as vezes o destino de toda uma vida. Assim como de um encontro fortuito resulta uma afeição amorosa, que logo produz um consorcio e um systema completo de existir, assim de uma palavra em uma conversa casual, da substancia de uma pagina lida em certa hora, do aspecto de um painel, podem nascer, e mil vezes terão nascido, determinações, vocação, e fados de individuos.

E para vir a um exemplo recente e meu, aquelle bom livro das *Prisões* de Silvio Péllico (todo imbuido, releve-se-me a expressão,

de uma christan e philosophica philosophia, que a maior parte das assim chamadas nem uma nem outra cousa teem) aquelle bom livro, já principiou e talvez acabará de me curar o animo; não lhe restituirá a muita harmonia com que o de Gessner m'o temperára, porque a mocidade das illusões passa e não volta; mas deixar-m'o-ha provavelmente assaz alto e forte, que ainda no meio das maiores tempestades repouse e abençoê tudo. E não é isto maravilha, que a alguns outros que o leram já eu ouvi eguaes, senão maiores, encarecimentos de sua medicinal virtude. *

*

Este desvio, por onde me agora deixava ir, levar-me-hia longe, que assim é accommodado a meus gostos; mas porque é desvio o largo, e retomo o caminho que ia seguindo.

A poesia amavel, a que nas mãos e seio nos vinha offerecendo ramalhetes, e frutos no regaço, e amores nos olhos, e nas falas consolações, afastou-se d'entre nós, onde ainda a alguns poderia aproveitar; e, assim como outras muitas boas artes e prendas, foi reclinar-se á espera na beira da torrente

* O Livro *Le mie Prigioni*, quanto á utilidade prática leva, me parece, a palma á *Imitação* de Kempis. Em Kempis apparece a descripção da caridade e piedade; em Silvio a applicação d'ellas aos successos da vida. Kempis aconselha; Silvio ensina a perdoar, a amar, e a ser feliz, em despeito da fortuna; dá o exemplo d'isso; é elle proprio o exemplo.

dos dias, d'onde não volverá, sem que primeiro se restaurem muitas optimas coisas, e todas suas, que o mundo velho tinha produzido.

¿Mas d'onde virão estas coisas? ¿Do mesmo mundo velho? mal o creio, que o novo quebrou a ponte que os juntava, e riu de ufanía vendo abismar-se fabrica que assim parecia eterna. Renascerão por tanto da propria natureza da terra, da indole da alma humana que já uma vez as produziu, ou do sopro do céo; renascerão tarde; renascerão quando nós já não formos; renascerão talvez diversas, mas renascerão.

¿E quaes são estas coisas do mundo passado, cuja perda tanto dóe ás Musas e á Virtude? são as formosuras e magnificencias da Religião, o respeito aos finados e a seus sepulcros, ás lições da experiencia, ás obras dos antigos homens, a veneração ás cans, o quasi culto ás mulheres, a benevolencia e sociabilidade, o aferro aos usos e modas patrias, o amor do estudo, que nós dissipámos com as leituras ephemerias, e o amor do torrão natal, nobre fecundissimo sentimento, mas impossivel onde se vive sem muita brandura e sem firme certeza de permanecer.

Tudo isto se perdeu para nós, e não sei que bens haja em seu lugar posto a *Philosophia*.

A que verdadeiramente o é, ainda que esse nome se não dê, a que realmente faz homens livres e felizes, não é Furia que destrua tão venerandos objectos; ama-os, defende-os, reforma-os quando o tempo os viciou, concerta-os que se amparem mutuamente,

pede-lhes frutos, e com seus frutos se fortalece.

*

Quando de espaço me dou a excavar estas verdades, nada me assombra a nossa crassa e desdenhosa ignorancia, mãe ou filha, e certamente socia, da nossa immoralidade. Esta mal agoirada ignorancia e esta immoralidade crescerão; já nossos filhos apenas saberão ler; e se o turbilhão que a roda leva não houver quem o suspenda, brutos e ferozes sairão os netos.

Applicae todos os vossos sentidos ao coração da nossa cidade: se a vida é movimento, ahí trabalha vida; se porém a vida ha-de ter um perfume, uma harmonia, ahí não ha senão morte; e aquelle movimento é de cadaver que fermenta para se dissolver.

Poesia, verdadeira poesia já n'este Reino, onde em todos os tempos pullulava espontanea, posto que raro amadurecesse, já por consequencia acabou. Quando desde hoje se poetar nas enamoradas doçuras da vida aldean, mais não será que recordações sem germen de futuro.

D'entre a memoria e o espirito, não da experimental convicção do poeta, nascerão esses versos, como lagrimas de balsamo, que não de dentro da arvore, mas d'entre a casca e o libro veem raras gotejando, para cahirem e se perderem no terreno bravio da solidão.

!Oh Liberdade, Liberdade! ;quão mal te comprehendem os que te separam do Bello! ;quão mal te servem os que te malquistam

com os homens de bem! ;como involuntariamente te levam à morte os que só te pedem como summa felicidade, o direito de nada respeitar, estradas de ferro, navios de vapor, um hymno, e punhaes ou carcerees contra quem quer que não beber ás suas mesas!

Pobre Liberdade, não é este ainda o teu dia: não és tu idolo de selvagens, mas Divindade benefica de homens prudentes.

*

Eis-me outra vez com a Politica, e o meu voto quebrado.

Já vejo que a minha cura não está tão adiantada como o eu suppunha: não ha remedio, ámanhan releremos Silvio Péllico; e por hoje voltemo-nos com toda a diligencia a rematar, como quer que seja, este escrito.

*

Sai pois o presente livro por todos os modos extemporaneo, já porque a estação nem é d'elles nem para elles, já porque lhe falleceram dias para amadurecer e sasoar, e já porque dos que lhe tomarem o sabor, uns o taxarão de temporão, outros de serodio, sendo que uma e outra coisa é elle, e demais a mais pêco, segundo a planta de que se creou.

Uma só lembrança me consola; e é, que assim mesmo já deveu ser peor, quando da primeira vez appareceu; e mas lhe não faltaram gostadores; tanto é assim, que nunca

faltaram sympathias ao que de sua origem é bom, ainda quando desbotado e estragado pela impericia de quem o tratou. Melhor é hoje do que então era; não porque eu o tornasse á forja e á bigorna, ou o recorresse e lustrasse com esmerada lima, senão porque, havendo hoje menos dados á lição dos livros, e em especial d'este genero, tambem já não ha criticos, se não é para as acções da vida publica e domestica; por onde as obras escritas podem passar a seu salvo, sem que suas pobrezaas e vergonhas sejam vistas e apupadas na praça.

Desconsolada consolação é esta de se poder desafinar cantando, por se cantar entre surdos; mas esse mal, se o é, só a mim me toca, e para o descontar me sobra a lembrança, de que alguns caladamente me agradecerão o divertil-os do publico espectáculo.

Para estes em boa hora saia e sai o livrinho falador de campos e amores; suave appareça como a violeta sosinha encontrada no passeio de inverno; suave e não estranhado como o raio de sol por cima de campo de batalha apoz uma noite de geada; nada aproveita elle aos cadaveres, mas alegre e consola como esperança aos que mal feridos jaziam, e a quem o regelado lentor das trevas coalhava o sangue, desesperava as dores, tranzia os ossos, e os descorçoava da Providencia.

*

Ramalhete é de flores silvestres que a meus amigos deixo na hora do apartamen-

to, que ao menos em quanto durar lhes recordará que os amei.

Terra de Portugal e outr'ora de Portuguezes, terra namorada do mais formoso ceo, terra sombreada de laranjeiras e murtas, acobertada de verde e bordada alcatifa, amorosamente abraçada do Oceano, talhada e regada de tão espelhados rios, terra de tanta poesia e de tanto amor, eu te deixo.

E para que já nunca, onde quer que a fortuna me detenha, me cuides de ti esquecido, terra do meu Portugal, lembre-te que o meu ultimo pensamento ao sahir das tuas praias foi o da tua Primavera e o da minha Mocidade.

Lisboa 1 de Dezembro de 1836.

PROLOGO

Não eram vãos os meus receios ; acabo de visitar a *Primavera*, não ainda para lhe emendar as miudezas, mas para a conhecer por alto, e poder-a sentenciar no todo. Reconheci-a, mas demudada, mui outra da que a tinha deixado na graça, geito e amores ; trocaram-m'a os annos, trocando-me. Desamal-a ainda não, mas amal-a tambem já não.

Se lhe não quero mal, é só porque lhe quiz muito bem, e foi minha ; mas como já me risquei de seu namorado, não hei-de chamar-lhe formosa, que o não é, nem dissimular que sejam defeitos, muitos que em bom tempo já talvez lhe tive por perfeições e primores.

Não ha remedio, prometti-me seu juiz ; passará por onde houvera de passar, se de inimigo fôra. Se ella perder do seu preço, e eu do meu, consolemo-nos ambos d'esse pouco damno ; ella por não receber de mim injustiça, eu com ter obedecido á consciencia, que tambem em lettras a ha.

Antes porém que entremos a contas e lhe formemos o summario, releva antecipar uma duvida não leve, que se me pôde pôr, e desfazer um reparo, que deixado a si pareceria de força.

*

E' o reparo e a duvida : que, pois é o Livro inamavel por defeitos a seu proprio autor, não havia por que de novo o semear em publico, antes importava pôr todos os meios para que o nunca mais vissem, nem d'elle se fizesse menção ; que o contrario é faltar a toda a reverencia, que aos leitores se deve, dando-os por broncos para conhecer o máu ; ou á caridade natural comsigo proprio, expondo-se sem força de obrigação a menoscabos, se não injurias.

Não quero responder, que em dar o que ha quando ou emquanto não ha melhor, já o que o faz se ha-de haver por desempenhado ; nem que, para réo que sem tratos e solto confessa os delictos, sempre por bom direito se usou de misericórdia ; melhores me parecem do que estes, os meus fundamentos : e ei-los aqui.

*

Primeiro : que andando a *Primavera* já impressa e corrente por muitas mãos, e não podendo ser recolhel-a eu de novo, e desluzil-a da memoria de muitos que a bem agasalharam, melhor arbitrio é, pois que tem de se conservar no mundo, renascer n'elle expurgada de muitos vicios da primeira impressão, e, se a paciencia me acudir com o preciso valor, retocada no que pertence ao litterario.

*

Segundo : que havendo talvez ainda, e podendo vir a haver, moços que se dêem a poetar, acontecerá que entre os mais livros portuguezes que ás mãos lhes cheguem, vão de envolta os meus (assim m'o promette sua boa fortuna, que os livros a teem como os homens, e ás vezes os mais ruins muito melhor do que os bons). Mãos de principiantes não sabem escolher; os amores, amenidades e branduras da *Primavera* cáem muito a gente moça; ir-se-hiam traz o gosto, e beberiam muitos defeitos, do que seria minha a culpa, se eu não procurasse agora arrancar boa parte d'elles, e contra os demais os não precavesse com honestas advertencias.

*

Terceiro, finalmente : que eu pretendo antes ser bem conhecido pelo que fui, sou, e hei-de ser, do que só pelo que sou ; porque nascendo-nos o presente do passado, ainda que diverso, e produzindo-nos, ainda que tambem diverso, o futuro, o sermos só conhecidos pelo que somos não é sermos conhecidos. É pensamento que merece ser entendido. Alexandre Dumas o explicará. Sem pedir venia traduzo o passo, com quanto seja longo, certo de que o não parecerá:

— «A maior desgraça da critica, ainda quando se não sai com ignorancias e velhacarias (diz elle no prologo da *Catharina Howard*) consiste em sentenciar uma Obra

nova desmembrada do feixe litterario cuja é parte: ahi está porque nunca se pôde avaliar um livro com exacção antes da morte do autor; e mais ainda é preciso que Deus lhe haja concedido desde o primeiro até o ultimo, os dias, que para acabar seu edificio se lhe faziam mistér; por quanto, se antes de tempo morreu, o monumento que traçára tem de ficar incompleto para sempre como a Sé de Colonia; e os homens, mal justos para com elle ainda para além da sepultura, lançar-lhe-hão á conta de humana fraqueza o ter-lhe ficado certo vão por tapar, quando a morte de invejosa e apressada lhe veio atar as mãos, e já talvez para se arrematar mais não faltava que uma só pedra. Ora por aquelle vão, é que a critica se mette e entra, quer o autor esteja vivo, quer defunto.

«De tres edades se compõe a vida de quem nasceu fadado a dar de si producções, e em tres periodos se disparte: como coisa alta e nobre que é, tem primeiramente sua base por onde se começa; depois um cume onde se chega; ultimamente lá por dentro um motivo, tenção e fim particular para onde se torna a descer. Pelo que, é necessario que o homem tenha vivido todas estas tres edades, e que o seu talento haja cursado estes tres periodos, para se poder avaliar aquelle talento no seu todo, aquelle homem na sua producção.

«Primeira idade, quando a phantasia prevalece á razão. A esta idade de viço pertencem

cem as horas que tão despedidas võem dos vinte e cinco aos trinta e cinco. E' o periodo para dever inventar *Hamlet* quem se chamar Shakespeare, o *Cid* quem tiver nome de Corneille, os *Salteadores* quem fôr Schiller.

«Segunda idade, em que a phantasia e a razão se embalançam, ajudando-se mutuamente, e vindo a formar das suas duas uma só força neutra. A esta idade vigorosa pertencem os dias que vão correndo dos trinta e cinco aos quarenta e cinco. E' o periodo em que os mesmos tres sujeitos produzem *O Rei Lear*, *Cinna*, *Wallenstein*.

«Terceira idade, em que a razão prevalece á imaginação. A esta idade de reflexão pertencem os annos que descem dos quarenta e cinco aos cincoenta e cinco. E' o periodo em que elles compõem *Ricardo III*, *Polyeuctes*, *Guilherme Tell*.

«Ora pergunto, ficariam completos Schiller sem *Wallenstein* e *Guilherme Tell*, Corneille sem *Cinna* e *Polyeuctes*, e Shakespeare sem *O Rei Lear* e *Ricardo III*?

«Parece-me portanto que nunca devêra a critica requerer de um poeta, senão as obras de sua idade; e bem sabemos nós como o faz ella sempre ao revez, sendo as obras que mais se empenha em querer extorquir de um engenhoŕas dos annos que ainda não vingou, ou as dos outros annos que já deixou transpostos. Pelo que toca a uma obra que vem condizendo com o periodo d'onde dimana,

nunca a impertinencia dos juizes a dá por cabal: são uns Aristarchos sem paciencia, que acodem logo com a critica a cada pedra de per si, ao passo que ainda se está guindando, sem advertirem que aquella pedra só assente e junta com as outras pedras é que ha-de dar prova da traça e desenho geral do architheto; são como uns pomareiros esquipaticos, que não tomando em conta o inalteravel fio das quadras do anno, pedem fruta madura á primavera, frutos verdes ao verão, e ao outomno flores.»

Bem haja Alexandre Dumas, que tão artificiosa e claramente me decifrou, e me ajudou a pôr em limpo, uma verdade, cujos ares muito ha que eu tomava de longe; uma verdade que eu andava adivinhando como por entre nevoas.

*

Ora pois: dos tres apontados motivos de determinação, foi este ultimo o de maior momento. Quiz dar completo o meu retrato, menos o intellectual do que o moral, a quem desejasse conhecer-me; não podia omitir como feição o que eu havia sido, e ainda antes d'aquella primeira idade, que dos vinte e cinco decorre até os trinta e cinco annos. A *Primavera*, escripta aos vinte e dois, tinha por tanto de entrar encorporada na colleção das minhas Obras.

Se a refundisse pelo meu gosto de hoje em dia, não sei se ficára melhor, mas sei que ficára outra, e por conseguinte falsa como feição. Tudo quanto era seu geito,

seu pensar, seu ser proprio, passára intacto; e n'isso, se hão-de perdoar gabos a quem sem disfarces nem dó se disciplina diante do Povo por peccados poeticos, n'isso, digo, alguma coisa ha de bom; sem o que, não tivera agradado a tanta gente. O por onde a lima póde e deve correr afoita e sem dó, são — *as numerosas faltas de boa fala portugueza — desleixo de phrase — e estiramento de periodos.*

*

Quero-me explicar, não para os mestres, sim para os novéis no officio de escrever, com os quaes particularmente converso nos meus prologos; e por que não havia eu repartir do fruto de minha tanta ou quanta experiencia com quem não a póde ainda ter, nem suppril-a com seguir cursos de Bellas-lettras que entre nós se não ensinam?

Um dos maiores delictos litterarios, e em que mais usualmente caem os moços, é o *desprezo de lingua e correccão*; delicto que por si basta para descontar muitos meritos intrinzecos de escriptura.

Sem bem saber sua Lingua, diz Boileau, o autor mais divino nunca passará, por muito que faça, de mau escritor.

E' ella a ferramenta para este genero de labor da alma; e quem põe as mãos na obra sem primeiro ajuntar, conhecer, escolher e apontar bem os instrumentos de que se ha-de valer, nem se póde mostrar bom artifice, nem merecer desculpa de o não ser.

Toda a Musa em creança padece dispensia de versos, diabetes disséra quem se menos prezára de cortez com divindades.

Na primeira idade é costume, e por muitas rasões, das quaes não será a mais fraca a aversão ao trabalho, presumir-se antes de facilidade e presteza no escrever, do que de correcção e primor; coração e phantasia tudo anda ligeiro; querem que a penna lhes obedeça, como se ella podesse; forçam-n-a, e d'ahi resulta que pensamento ou affecto que lá dentro era soberbo, apparece cá fóra frio, mesquinho, desengraçado. ;E maravilha-se o escrevedor quando a mesma coisa que valentemente o agitava, em quanto em si a revolvía, depois de passada para o papel adormenta os ouvintes, e a elle proprio o desconsola!

De todos os defeitos de autor, talvez se podesse affirmar que só este é verdadeiro, real e absoluto defeito; porque, se os pensamentos e affectos de cada idade são d'ella, e dessoam e descontentam a todas as outras, tem por si o serem d'ella, e como taes se defendem por conterem verdade e pintarem o homem. Não assim a Lingua, que em todas as edades é ou deve ser uma, não provando outra coisa o faltar-se a ella, senão que se quer falar antes de se ter aprendido.

Sou experimentado, e por bem do proximo direi, com vergonha minha, que no que me ficou escrito d'essa quasi infancia poetica, as coisas nem me espantam nem me offendem, ainda quando as desapprovo; mas a Linguagem e o dizer me fazem de conti-

nuo cahir as faces; e por isso que é escolhido em que naufraguei tão desastradamente, o assignalo com tanta miudeza e teima. Nem cançarei de o assignalar e accender-lhe em cima boa luz de pharol, em quanto vir, como vejo, outros, que nem por idade se absolvem, esbarrar n'elle e perder-se a todas as horas.

Mancebos, (se os ha ahi que se dêem ás Lettras) vós que encetais a mui ardua e perigosa vereda que pelas Lettras conduz á fama, seja qual fôr o genero de poesia para onde propendais, seja qual fôr o vosso não vulgar engenho, sejam quaes fôrem os louvores que os velhos na arte vos concedam, e os applausos com que as sociedades vos afoitem, não vos deis pressa de apparecer; os conselhos que Horacio vos deu, duram com toda a força que a natureza e a pratica lhe bafejaram.

Deve-se compor de espaço, consultar os bons e peritos, guardar por nove annos, chamar, e tornar a chamar dez vezes á unha a obra já perfeita.

O amor proprio nos persuade e impelle a apparecermos cedo; devia elle, se não fôra cego, ter-nos mão para nos não sairmos senão a horas;

A melhor fruta colhe-se mais tarde

(F. R. LOBO.)

Muito mais vale começar jornada com dia claro, do que, para adiantar horas, largar a poisada pelo escuro da noite, em que os tropeços são faceis, perigosas as quedas, e

quasi certo o extravio, que a final, lançadas as contas, nos farão chegar mais tarde e menos gostosos ao lugar que demandâmos.

Repetirei, porque nunca o repetido será de sobra, o que já por semelhante occasião disse em outro meu livrinho, contra esta enfermidade que se tornou praga, e nos traz a todos lastimosamente gafados; não ha mais remedio senão soccorremo-nos aos livros mestres de nossa lingua.

A aversão que vós outros, gente moça, lhes tendes, bem sei d'onde nasce, que tambem eu por ahi passei: correm para vós como rio caudal os livros d'essa França, todos especiosos e doirados, todos galhardos e louçãos, arrebicados e argutos no dizer, promettedores de maravilhas nos titulos e indices, conversando comvosco paixões fortes e brandos affectos, uns vomitando republica por todas as folhas, outros por todos os poros exhalando commodissima incredulidade, e todos á uma embebidos do presente, afinados pelo vosso ponto, e, se o posso dizer, mancebos como vós mesmos. Não já assim os nossos patrios autores: estes não vos saem ao caminho; poisam, antes jazem, pela escuridão êrma das bibliothecas, mal envoltos na grosseira capa de seu tempo, enterrados no pó, meio devorados dos bichos; se os olhais por fóra, parece-vos que a vida vos não daria para um só volume; se os consultais por dentro, já os titulos vos não namoram, os indices vos descoroçam: folheail-os por alto, veem os milagres incriveis, a historia encarecida ou chan, a poesia enleada e escura, o estylo incorreto e des-

florido, o amor grave e sizudo, os costumes castos, a moral severa, a fé religiosa e inconcussa; cada pagina na sua simplicidade apregoa Deus; revêem por cada poro o cheiro do mundo velho: mas esforçae, affazei-vos por alguns dias a soffrêl-os e consentil-os; continual-os heis sem tédio, logo com gosto, com ancia, reconhecendo a final quanto as primeiras mostras vos haviam mentido, como pelo meio e fundo d'aquelle enganoso dis-sabor andavam sumidas galas, joias, riquezas, maravilhas, que vos enchem os olhos, vos cativam a vontade, e fazem que vos peze do tempo que os não conhecestes.

Assaz nos divertimos do caminho, rasão é que a elle nos tornemos.

*

O segundo defeito geral que me occorreu n'esta leitura, foi o que eu chamei *desleixo de phrase*.

E' este muito menos grave que a impureza da Lingua, sendo-o todavia assaz que mereça quanta reformatão lhe eu possa fazer.

Quando quem não cura da pureza de sua Lingua, cura ao menos de lhe não deitar remendo de panno estranho ou novo que não seja vistoso e garrido, quando o que se não preza de dizer limpa e castamente, ao menos timbra no exprimir com viveza não vulgar, com certo matiz, com certa novidade, algum passe mais se lhe pode conceder.

Procurei se ao menos teria eu posto algum pouco d'isto, e achei um desconsolado não.

A locução não me pareceu tão poeticamente figurada como convinha em poesia, ainda pastoril; os epithetos eram tão sem succo e bastos, como a caruma no matto. Uma e outra cousa requeriam, em quem as quizesse bem emendar, muita paciência, e muitissima mais da que eu tenho.

De ambas, mormente dos epithetos, procurarei limpar a maior; todos não é possível: tanto e por tal geito estão com toda a Obra cozidos e enraizados, que lhes vale o que ás hervas parasitas em parede velha mas necessaria; foiçam-se-lhes algumas demazias, perdôa-se ao resto, com o medo que em faltando, se esboroe a parede, e venha ao chão toda delida.

*

Tambem me queixei de *estiramento de periodos*. E' defeito portuguez, peninsular, meridional.

Dava-me agora na vontade tornar a culpa ao sol, que n'estas suas terras faz que tudo se desaperte, e derrame, e desate em viço e sobejidão; mas fiquem esses milagres do sol para os esquadrinhadores metafísicos, a quem, inda assim, não quero mal; e eu, melhor que a nenhuma outra causa, lançarei aquella minha diffusão ás costas dos annos em que escrevia, com o que sempre fico de bom partido, por das minhas a tirar.

O que é grandemente verdade, é ser este defeito para muitissimos leitores, principalmente mancebos ou hospedes nas regras de escrever, virtude, e a virtude contraria vicio.

Sahiram a *Noite do Castello e Ciumes do*

Bardo muito mais contrahidos e apanhados em coisas e palavras, do que estes Poemetos e as *Cartas de Ecco*: pois comtudo muitos houve, e ha, que por isso mesmo ficaram preferindo aos novos os antigos e até velhos opusculos. A cada hora me diz um que me torne ao meu primeiro caminho; outro, que não desampare o novo: uns, que estas ultimas obras se não lêem senão de escaço numero; outros, que as passadas não occupam meia hora os olhos dos homens graves e bons juizes.

Oh! quem nunca reconheceu a verdade da fabula do velho, do rapaz e do burro, como o triste, que para expiação talvez d'algum grande peccado, entrega e desampara a publico os partos do seu tinteiro!

Pois que não póde ser contentar a todos, ir-me-hei como e por onde o meu juizo, gosto e natureza me levarem.

*

A poesia substancial e severamente escrupulosa, é o mais das vezes descontada por uma certa desharmonia; a muita harmonia, ainda quando mais apoucada de ideias, já entretem suavemente; qualquer leitor se entende e em taes escriptos, ninguem com elles se cança; são um genero de musica facil, que ainda quando não exprime affectos, se ouve com gosto; são como um deslizar de barco por uma agua mansa. Por isto é, que os livros do *Ponto* e *Tristezas* de Ovidio se lêem de um cabo a outro com muita deleitação.

Inter utrumquem: nem tanto apêrto como Almeno na chamada traducção de Ovidio; nem tanta soltura como o seu amigo, e outr'ora meu mestre, Elpino Duriense * nas poesias originaes; nem tanto pospôr a harmonia e clareza á brevidade, como Filinto; nem tanto sacrificar o entendimento ao ouvido como Elmano. Isto foi o que me parecêu lograr na *Noite do Castello*, e *Ciumes do Bardo*, e não me arrependo se por ventura o consegui.

Tanto não, mas alguma coisa d'isto fôra o que eu quizeria na *Primavera*: alguma coisa, para poder com ella conciliar os severos; tudo não, por não dessimilhar em demazia esta parte do retrato.

*

Até aqui descobrimos defeitos que importa emendar; agora os vamos vêr de outro genero, em que me não é licito bulir, por serem essencia do livro; eram aquelles no tocante á lingua, estylo e metro, que ainda que importantes, não passam de accidentes

* Quem bem reparar na justiça rigorosa (de cruel a taxarão alguns) com que eu proprio trato a minha Musa, perdoar-me-ha quando por amor ás nossas Lettras, aponto um defeito em meu mestre e amigo o sr. Antonio Ribeiro dos Santos. Ainda assim, por que me não fique remordendo a consciencia, como expiação, e mui suave, porei no fim do volume um penhor do meu respeito e grato animo a tão grande varão; capitulo já impresso no *Jornal dos Amigos das Lettras*, mas por isso mesmo apenas conhecido.

da obra; estes são da alma, vida e pensamento da mesma obra.

Entremos pelo descriptivo (não será portugueza a voz, mas o uso e necessidade lhe valerão).

Descriptivos se chamam em geral todos os poemas d'este genero; e como a taes, parece que tudo quanto fôr pintar dentro do quadro do seu painel, lhes compete e convem.

Não é comtudo bem assim, porque as descripções, por mui formosas e naturaes que se ostentem, tambem cançam a imaginativa de quem lê, quando umas ás outras se veem succedendo perennemente e sem um bom entremeio de narração, ou outro valente interesse, que por um modo verosimil as reuna, separando-as ao mesmo tempo, para que se não confundam, nem se affrontem, nem esmoreçam. Não o advertiu Delille, e d'ahi procedeu não bastar seu altissimo engenho para livrar seus poemas de enfadosos.

Ora este livro é quasi um embrechado massiço de descripções; e assim, se o posso dizer, mais para os olhos da alma do que para o seu entendimento.

Mas serão ao menos estas pinturas, consideradas uma por uma, de algum preço por fineza de tintas, ou pontualidade de desenho? autos são, em que me não compete dar sentença.

O padre Kinsey, ou o Portuguez que em seu nome escreveu, disse que eu não pintava bem a Natureza; talvez que outro tanto, e ainda peor, se devesse dizer da mór parte

de nossos poetas; mas não é contra elles, senão contra mim só, que eu enfeixei varas no principio d'este prologo: como os applicados noviços se não enganem commigo por minha culpa, que se desvairem e percam com os outros, paciencia!

Aqui está comtudo o que me parece; este descriptivo é desbotado e de côres pouco vivas e proprias, se com o de Gessner ou Kleist se compara, mas é o melhor que eu soube; eu, que nem podia ir-me pelos campos fazendo, como de si dizia Kleist, caçadas poeticas de imagens, nem discorrêl-os como Gessner, de lapis na mão.

Já pôde ser que o padre Kinsey, ou o seu *ponto*, não houvessem de se me avantajarem muito, se lhes coubesse tirar ás escuras, ou quasi, o retrato da Natureza. Muito mais faz quem atravessa o Tejo a nado, do que um Almirante Inglez, que em segura e bem apercebida nau rodeia a esphera; poderá este trazer mais riquezas e informações; mas á fé que não prova mais forças e esfôrço, que o desconhecido nadador de uma só corrente.

*

Passemos avante, e das descripções entremos nos affectos. N'esta parte direi pouco, porque, sem embargo de que o desabrimento com que me castigo onde entendo merecêl-o, me podia deixar alguma licença para tambem me louvar pelo que em mim visse de bom, melhor é que nos l'ouvore, em que mais facilmente nos podêmos enganar, nos contentemos de ser ouvintes.

Ainda assim, não acabo eu de dizer tão pouco, que muito bem se não entenda, já que no tocante a affectos não quero muito mal á minha Obra: falo dos affectos em geral, porque passos ha n'ella a cujo affecto não sei já hoje querer mal nem bem; honesto, formoso e macio me parece; sei que n'esse tempo devia ser meu, porque eu não compunha, tirava do coração; mas já o não posso entender cabalmente, e avaliar.

Esses passos, apesar de tudo e de mim, hão-de passar intactos, que em assumpto de branduras, o *eu* de hoje respeita religiosamente ao *eu* de algum dia; e por que tudo diga, ainda que quizera emendar, não saberia. Sim me inclino a que haverá (e já de algures m'o boquejaram) excesso, redundancia, languidez, em tantas suavidades, caricias e extremos de bem querer a tudo, e a todos.

Inclino-me, e talvez o creio; mas ¿que havia de cortar? ¿a que havia de perdoar, se assim como o *eu* antigo valia tanto mais que o *eu* presente, póde ser que o melhor se me figurasse agora peor, e o peor melhor?

*

Digamos duas palavras da Mythologia.

Já não sou tão emperrado pagão como n'outro tempo; desconsola-me ver o desmedido uso que d'ella fiz.

Não se entenda por isto que me alistasse debaixo das bandeiras triumphaes dos modernos espancamentos, nem que tiro vangloria de botar pelo mundo pregão, como Be-

ranger, que os deuses já sahiram do meu credo.

Todo o excesso em crêr ou não crêr, em admittir ou recusar, me parece hoje em dia um disparate, de que sempre, mais por aqui mais por ali, vem a resultar contras e arrependimentos.

Enjôa me a fabula dos Lusiadas, e muita, e muita, e muita outra; aborrece-me quasi todo o emprego que dos Romanos para cá se tem feito d'ella; *incredulus odi*.

Só consinto na fabula parca, explicavel; e só a amo, quando soberbamente poetada.

Allumiarei com um exemplo: quero-a assim como a derrama ás mãos cheias por suas tão poeticas prosas, o christianissimo Chateaubriand, esse mesmo que (de longe visto) assim parece guerreal-a. Nada d'isto acho eu pelo commum no meu livro: de cada canto me surde uma divindade; a boa parte d'ellas não responde verdade; e se alguma coisa ahi vieram fazer, certo que não foi inspirar-me um só rasgo poetico.

¿Por que pois as deixarei? porque são substancia do livro, e n'elle teem posse velha e aposentadoria.

*

Dêmos a derradeira parte do prologo (que em prologo deve ser sempre esta a de vantagem) a algum poucochinho dizer sobre a moral.

Moral hoje, moral em livro de poeta, grande novidade e grande estranheza! Sim hoje, que ainda ha muito quem se preze de

viver honesto, virtuoso e pela antiga ; sim, em livro de poeta, e por isso mesmo ; visto como tudo quanto era contra ella o tem a prosa a si tomado, não será muito que lhe abra sua porta a poesia, e lhe dê guarida em um pobre cantinho terreo de sua poisada, como é este. Ainda mal, que até cá, no fundo de tamanha escuridão e penuria, por todas as fendas e agulheiros do mal reparado edificio poetico, lhe chegaram as risadas sem alma nem sal de seus inimigos ; e contra essa não ha valer-lhe.

Ha pois do titulo d'este livro a dentro, dando se não prometta senão primavera, um como ar de bondade e saude para o animo, de socego e bemaventurança para a vida. E por isso é que, a despeito de todas as suas manchas, me parece bem, como já no Ante-Prologo deixei tocado, atiral-o, como sementinha de herva medicinal, ao baldio safaro e corrupto d'esta idade.

Bem estou eu antevendo quantos de mim hão-de haver lastima, por me assentar no meio de tão ferida e acceza batalha, por cantar entre tantas vozerias de odios.

! Paciencia ! tambem sei que homem sentado não sóbe, nem a trôco de cantigas se comprem riquezas e valimentos ; mas cada qual tem sua estrella, e a minha, que outra vez descobriu depois de largo eclipse, esta foi, e esta ha-de ser ; oxalá que para sempre!

Com o bom de Archimédes me pareço n'isto, o qual na hora em que a cidade estava sendo entrada do inimigo, e alagada das torrentes de ferro e fogo, nem tinha ouvidos para o estrondo, nem deixava de

proseguir na composição da lustróssima esphera celeste, únicos amores que no canto calado de sua casa o desvelavam. Havia ali uma não sei que magnanimidade; e a ninguém deixa de doer a cutilada do soldado feroz, que despede tal cabeça para cima de tal obra.

Mas quando me olho e me vejo a brincar com flôres e cordeiros, ao tempo que em redor de mim estão no chôco tão grandes destinos do mundo, não me lastimo, porém rio-me, e cuido estar vendo em mim proprio um menino, que por um dia de tempestade, enthesoira conchas e fórma lagôazinhas na praia, enquanto andam á vista galeões alterosos á luta com os elementos, e na mesma praia uns pasmam, outros se aterram, outros suspiram pelo instante do naufragio, para se arremessarem aos despojos, apenas o mar os cuspir.

Fugindo me iam agora outra vez os pés pela antiga ladeira abaixo; e a moral, esquecida até por quem lhe deu couto! Com ella sou, e com ella determino acabar.

*

E' a moral, na maior parte d'estes poemas, pura, facil e amavel; e se não tão efficaz como a de Gessner, não é porque o eu desejasse menos; é porque podia menos atavial-a e aformoseal-a do que elle, e atavios e formosuras até servem para fazer do bom optimo.

Todos os amores de que se urde e tece a domestica felicidade, se acham aqui repre-

sentados por um modo, que se recommendam, e d'elles se imbue de mui bom grado o animo: o amor filial, o paterno, o materno, o conjugal, a amisade, até o affecto aos animaes, arvores, flores, e mais creaturas de Deus, companheiras nossas n'este mundo, aqui veem de envolta com a recreação.

Por que tudo diga, pelo gostador ou gostadora d'este livro daria eu mais, e mais quizera viver com elle debaixo do mesmo telhado e tratar, quer negocios quer passatempos, do que (se dizel o ousado) com gostadores e pregoadores de outros livros que estamos vendo rebentar de muito mais avultados engenhos.

Se eu tivesse filhos e filhas a quem dar criação, sei que emquanto não podessem lêr lêr Gessner, e seus bons imitadores estrangeiros, lhes daria a *Primavera*; e já não digo o mesmo das *Cartas de Ecco*, e muito menos da *Noite do Castello*, e *Ciumes do Bardo*.

Mas, acudirá algum prudente, coisas se deparam na *Primavera*, que mais são para ser defendidas a donzellas, e resguardadas de phantasias ainda verdes, do que para se aconselharem por doutrina.

Sim as ha, e todas essas paginas, que para edades encorpadas e apercebidas de experiencia, bem podem não ser damnosas, e parar em mero deleite, todas rasgára e déra ao fogo antes de lhes entregar a obra para lição; e porei exemplos: na *Festa de Maio*, os fins dos episodios de Galatéa e Ignez de Castro; no mesmo poema boa parte da republica de Chypre, como o culto religioso da Natureza, os bens em communidade, a

nudez, o divorcio, o casamento de um com muitas, *et cætera*.

Antes de passar adiante, trasladarei (que alguma coisa fará para aqui) parte de uma nota que ácerca da republica de Chypre se lia na 1.^a edição, a pag. 169:

«Note-se que este poema está muito longe de dever ser considerado como didactico; que toda esta republica de Chypre é meramente um dithirambo, onde a licença do poeta é muito mais ampla do que em outro qualquer genero de poesia; que esta sociedade de que se ha-de formar a republica, é de poetas, homens de quem vulgarmente se diz que mais dão ao prazer do que á razão; e que em bocca de poeta se põe a arenga recitada no templo. Para os avizados escusada fôra a nota; mas para os fanaticos que ignoram ter a Musa do dithirambo licença para nos seus delirios arremetter contra tudo, é indispensavel».

Era este arasoado o melhor que o caso admittia; porém melhor houvera sido não carer de'elle; e se ainda por elle se póde perdoar á republica de Chypre, não assim ás demais desenvolturas, como as dos dois já apontados episodios.

¿Por que as puz umas e outras? vá mais penitencia. Puz as pinturas amorosas em quasi nudez, porque estava n'aquella sazão da vida e do anno, em que todos nos deliciamos nas phantasias sensuaes; e se somos poetas, cuidamos morrer abrazados e affrontados em não desabafando.

¿Por que não expurguei d'ellas esta segunda edição? pelo mesmo motivo do retrato, e não outro.

Quanto ao culto da Natureza, e á gente nua, e aos maridos de muitas mulheres, são nescedades taes, que não merecem que nos detenhâmos em as refutar: são d'aquellas demencias, cujo aggregado dá o que entre moços que esfolheiam livrinhos bem doirados e térsos, se denomina philosophia, e que só dura emquanto a experiencia e o tempo nos não desmamam da presumpção; pelo que, e pela razão geral, já muitas vezes apontada, de querer mostrar-me qual fui, vivam, durem, e passem, que depois d'isto já a ninguem farão mal.

*

Eis aqui por alto, mas com toda a lealdade, o juizo que da *Primavera* formei; é primavera por matos de serra, com mais flôres do que graças, com mais ares saudáveis do que hervas medicinaes, mui tibia de fragrancias mimosas, mui nua em muita parte de terreno, mas com seus longes de campos e casaes felizes, e muitas saudades lá pelos extremos confusos do seu horizonte.

Quem se d'estas coisas contenta, fico se recreie com ella; e quem com ella se recreiar, para amigo o quero, que esse saberá, como eu, amar muito os homens, fugindo-os; e enfadado, como eu, das terras onde não ha vêr passaros senão em gaiola, nem verdura fóra de gigas, nem arvoredos que não seja pintado, nem pastores e innocencia

senão na opera e trajados de seda e velludo, nem felicidade senão em promessas de politicos, irá procurar-se, achar-se e lograr-se de Deus, de si, e dos penhores de sua alma, no seio e entranhas da vida campestre.

¡Oh se assim fosse!... ¡e se Deus a um tal me dêsse ainda por visinho!...

Lisboa, 4 de Dezembro de 1836.

POST SCRIPTUM

Lisboa 29 de Março de 1837

Quando todo estava no trabalho de desempenhar minha palavra, e fazer ainda mais do que no Prologo deixára promettido, revendo cuidadosamente, afeiçãoando, podando e enxertando de novo este volume, sobreveio-me aos 2* de Fevereiro passado, o maior infortunio de minha vida, uma perda de que em nenhum tempo se me poderá o coração consolar. Quebraram-se-me as forças para continuar no trabalho, bem como se esvahiram muitos, antes todos meus projectos.

Já não arrancarei (e para quê?) este pouco e inutil resto de mim mesmo da terra que encobre a minha melhor metade: aqui procurarei, se tanto poder ainda, pagar com uma

* Aliás 1 de Fevereiro de 1837

pouca fama e muitas lagrimas, a quem a mim me deu até á sua ultima hora seus olhos, seu amor, toda sua alma.

Qual ficou este livro tal sai, e muito inferior ao que eu promettia, podia e devia fazer.

Se algum de meus leitores entende por experiencia o que seja padecer n'uma viuvez uma completa orfandade, esse passará com indulgencia, e ainda suspirando, pelos muitos defeitos que na leitura lhe occorrerem. Aos sem alma não tenho que dizer: se quiserem castigar o espirito meio morto, porque não poudes mais, façam-n-o, que dôres d'essas não acharão já em mim logar nenhum.

EPISTOLA
A
PRIMAVERA

Vai a Epistola em tudo outra da que fôra na primeira edição: conserva a invenção e os pensamentos, mas emendou-se a linguagem, apertou-se o estylo, deu-se alguma côr mais ás imagens, explicaram-se melhor alguns pensamentos, reformaram-se e afinaram-se quasi todos os versos.

DEDICATORIA

▲ MINHA IRMAN

Eu mandei o meu Genio campestre apanhar flores por entre os gelos do inverno. Formosas não sahiram, bem o sei, porém n'esta estação do anno não m'as dá melhores o estreito jardimzinho que me as Musas doaram nas fraldas do Parnaso.

A ti, minha Irman, me ordena o coração que as offereça.

Felicidade será para mim, se quando para o teu lado me tornar, tu me disseres abraçando-me: — «Eu amo as flores que tu me enviaste; no meu seio as guardo; as da primavera menos me contentam do que estas, que o teu Genio campestre colhe no teu jardim, por entre os gelos do inverno».

DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Fôra o inverno de 1821 para 21 dos mais desabridos e temerosos de que entre os vivos se faz memoria. Na Beira, onde me então achava, viam-se arrancados e espedaçados bosques, olivae, e pomares, sementeiras afogadas, pontes demolidas, e os rios sem margens.

Dos 25 de Dezembro até os 9 de Janeiro, que me demorei em uma aldeinha, uma legua desviada de Coimbra, saboreando no trato cordeal de alguns amigos e parentes as férias, então mui festivas, de meus estudos, foi sempre tão atada e rigorosa a porfia das invernadas, que nos falseou quasi de todo a recreação mais apetecida dos que, fartos da cidade, vão alguma hora ao campo desenfadar-se.

De não passear nos vingavamos o melhor que o tempo e logar nol-o consentiam: praticas desafrontadas de constrangimento, temperadas de bom sal, e muitas vezes substanciaes; á volta d'ellas, leituras accommodadas ao mais dos gostos, poesia, e improvisos de *charadas* e adivinhações, nos enchiam as horas não contadas.

As espaçosas noites e boa parte dos dias, se levavam n'estes e semelhantes passatempos, em de redor de uma farta fogueira, segundo é costume d'aquellas terras.

Por alguma rara tarde, quando o sol descobria, e o ar um pouco mitigado nos consentia sahir, nos iam os, ora pelo jardim, onde se explanava um soberbo lago, outr'ora pela orla mais assoalhada dos laranjaes, que, mui corpulentos e viçosos, acenavam de seus ramos com frutos e flores, pondo a vista, o cheiro e o gôsto em doce competencia de delicias.

Era ainda aquillo, ou já era, umas lembranças, uns longes de primavera no coração do inverno; sahiámos da prisão dos lares, aproveitavam-se com soffreguidão. Talvez nenhum dia de perfeita primavera na longa cadeia d'elles me pareceu nunca melhor e mais ledô, do que estas pobres tardes sonegadas ao mez do Natal. A phantasia enganada do sol, toda se me desatava em poeticas flores, o que n'esses tempos só por maravilha me acontecia fóra da primavera, e luars do verão.

Quando vinha a noite, accêita ao meu coração, (que sempre de si o conheci, não sei porquê, amigo de com ella suspirar saudades), e já todos ao concheço do nosso lume fiel nos tornavamos alvoroçados, comigo só me ia poisar a um canto, colhendo, concertando e accrescentando, com mui entranhado contentamento, quantas florinhas me havia brotado a phantasia.

De saudades da primavera me parece ainda agora que nasciam todas; o que certo sei, é que ahi, e n'um imaginar d'estes meus, me veio a lembrança e desejo de escrever á Primavera uma Epistola.

Se n'isto abusei ou não da licença tão

concedida a poetas, não o sei; sei que no ditar estes versos para se escreverem, e no conceber-lhes o assumpto a passear ou a seroar, gozei prazeres que já a critica me não pode tirar. Se contra o bom juizo pequei, todo o meu pezar é não poder outra vez peccar pelo mesmo modo, nem outra vez namorar-me da Primavera. Os annos que a trazem ás arvores nol-a levam a nós, e já lá vão quinze, (quinze annos!) sobre o tempo em que eu brincava com estas innocencias.

Lisboa 9 de Dezembro de 1836.

EPISTOLA

À PRIMAVERA

I

Corre a noite; jaz muda a Natureza;
os campos solitarios esmorecem;
mal se ouve ao longe o estrondo da corrente.
De quando em quando a lua desmaiada
mergulha em nuvens, surde, outra vez mórre;
e das planicies a extensão geosa
ora ressaí e alveja, ora se apaga.

N'esta cabana de grosseiros troncos,
tecido vime e colmo, onde sereno,
vento, e cuidados não coaram nunca,
n'esta onde habita perennal fogueira,
e onde é Penate o Genio da hospedagem,
venho entre amigos deslembrar tristezas.
Do frio lá de fóra o ultimo resto
já o atirei á chamma tragadora.
Em ti, amores meus, em ti só falo,
ó Primavera minha; em ti só cuido;
a ti quero escrever. Inda ha bem pouco
em meu passeio a flor das laranjeiras,
e do sol que ia a pôr-se o extremo raio,
cá me deram de ti saudades tristes.

II

Desde que ao sceptro do raivoso Junho
 tu doce com teus Zephyros fugiste,
 meu dia estendo em languidos suspiros.
 A noite em vagos sonhos me afigura
 ver-te, cantar-te, disfrutar teus mimos;
 mal despona a manhan, mal foge o somno,
 desespero-me, lido entre amarguras:
 peço aos bosques sem folha, aos ermos campos,
 aos rochedos de neve, ás turvas fontes,
 ao ceo toldado, aos ares tempestuosos,
 e a toda a Natureza, a minha Amada.

«Primavera, ¿onde estás?» do oiteiro exclamo;
 de valle em valle, de um cabeça em outro,
 «¿Primavera, onde estás?» responde o ecco.
 No prado o guardador, no monte o Fauno.
 pelo arvoredo as Driades á escuta,
 «Primavera, ¿onde estás?» depois exclamam.

Em quanto assim fiel, por ti ó deusa
 me desentranho em ais, ¿onde te escondes,
 perguiçosa gentil? ¿onde vagueias,
 bella inconstante que estes ais não ouves?
 ¿Algum deus namorado, em plaga estranha,
 encheria de amor teus olhos livres?
 ¿Esquecer-te-hiam, (¡Céos!) promessas tantas?
 Sim: ¿que te importa o definhar de um vate,
 do vate que te amou, te adora ausente?
 Tu folgas e elle gema; elle delire.
 Tu a prados sorris vestindo prados,
 revêste, amante nova, em novas flores;
 Fontes ha tambem lá, ¿que importam éstas?
 Da fonte ao claro espelho te engrinaldas;
 e ufana de encantar sensíveis peitos,
 tambem, como entre nós, por lá dardejas
 fogo de amor aos entes insensíveis.

Volta, volta, ó cruel, aos campos nossos.
 Qual paiz no universo, a não ser Paphos,
 é mais digno de ti? ¿por onde achaste
 para o cortejo teu, Nymphas, pastoras,
 como éstas que entre a murta o Ceo nos cria?

¿amantes mais fieis ? ¿florestas, rios,
namorar-se, mais frescas, mais formosos ?
¿mais doces flautas quando amor entoam ?
¿aves mais doces quando amor gorgeiam ?
¿A tua Cintra, Elysio dos desejos,
nobre jardim do Oceano, onde folgavas
contemplar na alta noite em mixta dança
Nymphas das ondas, Nymphas das florestas,
¿Assim te descahiú ? ¿já não proteges
os córos virginaes que ali passeiam
sorrindo ao ver seu nome em bosque e bosque ?
Por toda a parte as Graças que espáirecem,
do aligero esquadrão travêssos brincos,
frechas doiradas em continuo vôo
aqui e ali aos peitos descuidados,
e se erram corações, ferindo os bosques,
porque os bosques ali também suspiram,
¿tudo pois te esqueceu ? Volve, ó querida ;
cede, não sejas dura, a amor, aos versos.

III

Desde que te ausentaste ahí pende a lyra
nos braços nus de um álamo sem folhas,
a minha lyra ao vento abandonada !
A lyra d'oiro, onde entoei teu nome,
onde a minha paixão soou mil vezes
na linguagem dos céos a teus ouvidos,
ei-la sem honra ; os ventos lhe roubaram
dos antigos festões o escaço resto.
Ao passar com seu gado, e vendo-a muda,
diz suspirando a turba dos pastores :
«Ésta, que dava alento ás nossas festas,
¿mal haja quem a trouxe a tal desterro !»
Dryades ternas, que meu canto ouviam
não talvez sem prazer, dizem passando :
«O vate emmudeceu longe da Amada.»

Mas apenas teus Silphos precursôres,
coroados de violetas assomarem
na ethérea região de nossos climas ;
apenas este ceo pezado e turvo
mandar á terra os ultimos chuveiros ;

apenas rebentando as novas folhas
se remoçar esse álamo tristonho,
e entre a nova ramage, emtorno á lyra,
cançada de seguir-te andar poisando
a rolinha estrangeira, e sócia tua,
á lyra despirei do inverno o musgo ;
e n'ella, de aureas cordas melhorada,
só de ti cheio, na presença tua,
brotarei versos, como brotas flores.

Oh vóa, acode a consolar Cybéle,
Cybéle a térrea mãe da especie humana,
Cybéle, amores teus, qual tu deidade !
¡Se ora a visses !... do carro verdejante
os rebeldes tufões a derrubaram ;
co'a trança descomposta, o manto em rios,
a altiva c'roa em parte destruida,
nua jaz á vergonha, ao vento, á neve.
seu tanto desamparo é mágoa aos filhos ;
mas para dar-lhe a mão, tornal-a a nume,
poder, qual em ti ha, não ha nos homens ;
do fundo do teu lodo a ti só chama,
¡ai, leve-te algum vento as queixas d'ella!

IV

As torrentes sem freio divagando
contra marmóreas pontes indignadas,
investem, chocam, despedaçam, rojam
ruínas em montões aos fundos mares.
As Dryades, teu povo e tua gloria,
tremem, ¡oh dor! ao furioso assalto
d'Euros, e Notos, e Africos em guerra;
a seu brutal furor nenhuma escapa;
crer-se-hia que as prisões da Eolia furna
para sempre arrazara a mão de Jove.
Dryades nobres de arvores antigas,
refugio outr'ora das calmosas séstas ;
Dryades bellas de arvores vaidosas
co'a idade juvenil, verdura e fôrças,
teem a seus pés quaes victimas cahido.
co'os negros frutos oliveira amiga
baqueou; não lhe valeu celeste guarda;

e Minerva pranteia o estrago enorme.
Cái o pinheiro amedrontando os valles,
e Pan, sentado nos troncados restos,
triste espera por ti co'a flauta muda.

¡D'esta cabana a rustica fogueira
sabes quem a sustenta? ¡ah! corre, vòa:
Cedro, que eu te sagrei, cahiu por terra ;
e onde brincou favonio estalam chammass.
Mui tarde chegarás se não te apressas;
do colono e pastor os ais te invocam;
a mesma Natureza é morta quasi!

¡Que fragor, que trovão! piedade ó Numes!..
Este deu raio, e pértó.—¡Outro rebrama!..
¡O Olimpo sobre nós desaba em fogo!
Chlôe, e Amarilis trémulas, gritando,
desfeita a rubra côr em côr da morte,
enchem de seu terror esta cabana.
O' innocentes, miseras pastoras,
não griteis, não tremais; vereis em breve
dissipado este horror nos longos ares ;
contra o crime orgulhoso os deuses trôam ;
Não fere o raio a rusticos alvergues.

Não, não me engano, ¿ouvís como se afasta?
¿como lá vai já longe? o mais do estrondo
já é toada van no vão dos bosques.
Chuva propícia em caudalosa enchente
desce na escuridão; ressoa o tecto
com o crebro saltitar das frías gotas ;
sibilla o vento na vizinha serra.
Chlôe a porta fechou; nós apertâmos
o cerco estreito em derredor do fogo.
Cantou o gallo esperto ; é meia noite ;
e eu vélo ainda, e velarei saudoso
as horas todas que á manhan precedem;
horas, horas de paz no horror das trevas;
horas de estro, mysterio, omnipotencia
ao que nasceu das Musas bafejado !

Sonhe a ambição com purpuras, e sceptros ;
torpe avareza com os inuteis cofres ;
a vingança, fatal a si e aos outros,
cogite embora nas traições, no engano,

nos agudos punhaes, no sangue em jorros;
vulgar amante afine, esmere, astucias,
com que succumba a tímida innocencia,
e aos laços venha dextramente armados.
Eu dando a amor o que se deve ao somno,
em chamma pura, porque é tua, ardendo,
alégro com teu nome a horrenda noite,
a saudade em saudades apascento,
e inda ausente, contigo ausente falo.

Como o perdido em temeroso escuro,
que ao mais leve rumor trémulo pára,
assassinos agoira em cada tronco,
não ousa resfolgar, prosegue a medo,
aqui lhe surde a silva, além penedos,
e lhe abrem fauces mil os precipícios,
só tem na aurora esp'rança, e mal que ao longe
annuncios d'ella vê, canta e renasce;
serei mais que feliz pois vais ser minha,
mal te sonhar ao longe, ó Primavera.

V

Sim; eu te amo inda mais que a vide ao tronco,
mais do que o toiro em Maio ama a novilha;
quero-te mais que o deus de amor ás trevas,
mais do que Flora ao Zéphyro inconstante.
Eu suspiro por ti, como suspira
murchada planta por sereno orvalho,
e ardente ceifador por fresca fonte.
E's-me tão cara como a bella esposa
a seu amante de chorar cançado,
quando no dia d'hymeneu se abraçam;
tão doce emfim como o primeiro beijo,
que uma terna pastora, a medo e a furto,
Consente ao seu pastor levar-lhe aos labios.

Qual dos amores, que no mundo giram,
é mais grato que o meu? Este em delicias
excede tanto aos mais, como tu vences,
tu, belleza do ceo, do mundo as bellas.
Eu amo, e para amar não me recato,
ao mundo inteiro meu ardor confesso,
tenho rivaes, e do ciume zombo;
gozo-te, e nem pudor nem leis m'o estorvam.

VI

Inda me está lembrando (¡hora doirada !)
quando longe do mundo, e a sós contigo,
pela primeira vez te disse «Eu te amo.»

Abria a aurora o roxo mez das flores ;
juntas em córos no arvoredó as aves,
de ramo em ramo aos ranchos adejando,
em nunca ouvidos sons a luz saudavam ;
inda do puro rio a opaca nevoa
bem não era desfeita ao sol nascido ;
inda das folhas concavas pendiam
trémulas gottas de luzente orvalho,
que depois leva o brincador favónio ;
quando (¡ai memoria doce !) eu dei contigo
inda meio a dormir na fofa relva.
N'alguns loiros de roda entretecida
hera tenaz um toldo te formava ;
o melro grave, o rouxinol cadente,
para encantar-te os sonhos, diffundiam
entre uns rozaes a musica dos prados ;
enchia aroma puro os puros ares.
Ligeiras, bellas silphydes, velando
invisiveis teu placido retiro,
impediam que um Fauno petulante,
ou rustico pastor, pozessem olhos
em teu corpo sem véo, cheio de encantos.
Ali me conduziu propicio acazo ;
Não m'o impediram silphydes zelosas ;
a Natureza inteira é franca ao vate.

Ridente somno, da innocencia imagem,
cerrava ainda os olhos teus ao dia ;
todo brandura o juvenil semblante,
até sem o saber, até dormindo,
faria suspirar homens e feras.
Entre a face mimosa e a fria relva
tinhas meio curvado o braço lindo ;
como ao desdem, na esquerda seguravas
a cornucopia, a não poder com flores ;
halito doce de fragrancia amena
saí do seio, que túrgido se eleva ;
dos roseos labios, da pequena bocca

vem tão doce, vem tal, que um peito humano
bafejado por elle, excede os numes,
e a alma, em vez de pensar, delicias volve.

Tal eras, tal fiquei, ó Primavera.
Espertaste de todo ; e toda risos,
e todos luz e amor os olhos verdes,
o que era já sem termo acrescentaste.
Dobrou-se a graça ao mundo, o fogo aos peitos.
Um mar de deleitosas phantasias
me sossobrou, confesso, e tempo largo
jazi com o ledó mundo em braços da alma.

Depois tornando em mim, vi-te já prestes
para baixar do oiteiro aos amplos valles ;
;quão mais louçan, e em galas mais garrida !
; Que muito, se a mais nova das tres Graças,
de duas mil Oréades servida,
pozera as proprias mãos ao vago enfeite ?
Eram-te manto ondado, e roupas simples,
quanto verde ha na terra, e flor nas plantas ;
mas triumphava a rosa. Aos botões d'ella,
nem já todos botões, nem flores todos,
fôra o tépido seio em throno dado,
e em vez de o embellezar, se ornavam d'elle ;
eram raios do sol a c'roa tua...
Parei de embevecido ; je quem no mundo
te viu jamais como te viu teu vate !
Em teu seio amoroso um Cupidinho,
qual borboleta d'oiro, esvoaçava
de botões a botões, na escolha incerto ;
viu-me ; e curto farpão, doirado, agudo,
curto farpão que os olhos não percebem,
me arrojou, me sumiu dentro no peito.

; Graças ao tiro do mimoso Alado !
Na profundez da f'rida, e gôstos d'ella,
contente reconheço, adoro, um nume.

Amante, desde então, ditoso amante,
de dia a dia te encontrei mais terna.
Incenso, que antes dava a falsas Musas,
offreci-te, acceitaste, e foste minha.
Abriste-me a Aganippe em cada arroio ;
cada monte foi Pindo, e Tempe os valles ;

E tu em cada valle, em cada monte,
ante a lua, ante o sol, me estavas sempre,
Musa do coração, presente aos olhos.
De poetas foi sonho a voz das outras ;
a tua graciosa ciciava,
de toda a parte vinha em tom macio,
que filtra inspirações, e a amor contenta.

VII

¡ Se os de ambições miserrimos forçados,
que ás cidades dão vida, e a si a roubam,
podessem vir um dia onde tu reinas !
¡ Se a mente que as paixões lhes anuviam,
e olhos em que os cuidados, seus verdugos,
atáram com trez nós perpétua venda,
podessem ver-te a luz deliciosa,
o manso da alegria, os gostos puros ! . .
Deixando sem adeus tumulto e pompas,
mais de um, mais de um, salvando a tempo os filhos,
co'as poizadas dos bons unira a sua.

¿ E a quem darás tu nunca o riso cheio,
como o déras a este, que trocasse
oiro a virtude, e marmores a flôres ?
¿ que já solto de si e a si tornado,
viesses pôr, para os livrar de queda,
e adoral-os em ocio, os seus penates
á beira de uma límpida corrente,
que de um bosque através sussurra e foge ?
Vira os Genios da terra o anno inteiro
a lhe aprestar a meza ; aqui brotando-a
no pomar curvo, ali na horta regada,
lá no chão da seára, além na vinha
que o recôsto do oiteiro alastra e enreda,
mais longe nos cabeços verdejantes
onde o gado em socego os leites cria.
Não lhe ameaçára o raio o tecto humilde.
As manhans, dentre as ramas espreitando
pela aberta janella, o acordariam,
por lhe alargar a vida ; os passarinhos
lhe diriam nas frescas alvoradas:
« Bem vindo, alegre amigo, ás nossas casas !

«Nós cantamos teu Deus, somos felizes;
«tu louva o nosso, e goza d'este mundo.»

Se algum cuidado a vespera deixasse,
levar-lh'o-hia na veia murmurante
a correntinha onde lavasse o rosto.

Vê zagalas fieis, vê peregrinas
de formosura e joias não compradas,
(que uma dá-lh'a a saude, outras o prado).
Com ellas espairose a phantasia;
e se inda o coração quer mais ventura,
ama; ao ceo que já tinha, um Deus lhe accresce.
Quanto via e pasmava em mortos quadros,
onde astuto pincel prodigios obra,
sombras vans, cujo preço é rios d'oiro,
tudo agora real, vivo, mais bello,
de mais subida mão pintura immensa,
de graça lhe cercára o lar e a vida.

Mas; ah!; por que me sólto em vans ideias!
Embora o preço teu não saiba o mundo,
Primavera, eu te adoro e tu me afagas;
cazo co'a lyra vezes mil teu nome,
e tu me enfloras magamente a lyra!
Em longo mutuo abraço almas trocâmos;
a minha é mansidão, frescor, perfume,
toda a tua, poesia, amor, extremos.
Lanças-me em teu regaço; e quando a noite
a lyra e cornucopia aos dois nos furta,
dás-me dormir co'a fronte no teu seio,
d'onde me veem coando uns sonhos leves,
todos teus, todos candidos, na fórma
de flôres, de aves. de amorinhos, de auras.
Assim, me queres teu até no somno;
e por que sombras más o não perturbem,
m'o ficas a velar á luz dos astros,
o semblante pacífico ao sereno,
os olhos no ceo d'alva, e o peito amores.

VIII

Mas tu... ¿por que não vens?—Não não me engano,
inda agora os trovões rijo batalham.

Talvez rola n'esta hora a tempestade
pelo Oceano de Atlante ondas sobre ondas;
rugindo estoura o mar em crespas serras;
possança de baixéis, esforço, industria
não vale a contrastar-lhe a valentia;
de toda a parte a morte esvoaça, ruge
na horrenda cerração com sons do Averno;
o naufrago abraçado a sôlto lenho,
de toda a parte á vê, a ouve, a sorve;
vai a abysmos e a ceos repulso d'ambos,
e perde, antes da vida, a luz e a mente.
Sumiu-se o ultimo audaz de sôbre as aguas;
de nuvens atro veio submerge a lua;
não luz na escuridade alguma estrella;
é o luto do homem forte! O' mar és livre;
triumphaste, adormece.

taes scenas, tal horror, maior, mais negro,
nos tem de si brotado a umbrosa quadra!

O' tu contrária sua, ó tu dos homens
sempre invocada amiga, ethéreo nume,
a quem ceo, terra e mar dão vassallagem,
onde estás, que não vens co' um leve assopro
trazer serenidade aos elementos?
Se inda és a mesma, e súplicas te movem,
sobe ao carro da aurora, os ares fende,
e acode ao Luso clima, onde te invocam.

IX

¿ Lembra-te a gruta, a gruta onde Amaryllis de seu já quasi esposo Umbrano, astuto, acceitou, de sincera, a grave aposta ?
¿ Qual era ? que o pastor lhe não podia dar n'uma tarde tantos beijos, tantos, como as folhas do plátano vizinho, sendo o premio da aposta inda outro beijo.
¿ Aquella gruta, onde ambos consumiram um dia teu, a adivinhar a ponto todas as graças do primeiro filho; e só no sexo os votos discordavam, porque Umbrano pintava outra Amaryllis, e Amaryllis raivosa um novo Umbrano ?

Pois n'essa, n'essa gruta os meus amigos
para hospedar-te um grão festejo traçam.
Pôr-se-ha do cedro á sombra altar gramíneo
com seus flóeos listões, onde coroados
te libem vinho annoso e leite puro,
concertando hymnos teus com lyra e flautas.
O lavrador da proxima campina,
a estirada cantiga aos bois tardios
parando calará, para escutar-nos.

Então, então começa o tempo d'oiro.
Folgam no campo os naturaes prazeres,
e a rustica alegria apraz aos deuses.

Aqui, apoz as candidas ovelhas,
vai trigueira, descalça pastorinha
aos eccos do arredor cantando amores;

Ali galhudo Sátyro se esconde
para colher alguma Nympha errante.

Além com ledos sons retine o bosque,
o riso ferve, as flautas se misturam.

Mais longe, aos pés de mal fingida ingrata,
se exhalam rogos apiedando as selvas.

Um favonio subtil encrespa as aguas,
e enfada a Nympha, que estudava uns geitos
de se enfadar com quem de amor lhe fale.

Priápo brincador gira saltando
nos jardins, nos vergeis, e nos pomares,
ramos bate, alvoróta o plúmeo bando,
que foge, mas de Amor não foge ás settas.

Amor e seus Irmãos, com o facho em punho,
lançam tácito fogo a quanto existe.

Junto da verde faia sussurrando
se ouve outra faia um não sei quê, tão doce,
que aos amantes apraz o seu murmúrio.

Do rebanho o marido entre o rebanho
bala amoroso, e todas lhe respondem.

Pela novilha se enfurece o toiro,
accommette o rival, goza o triumpho.

Côr de neve, innocentes cordeirinhos
já balam na verdura, já recresce
maravilhando a serra, a grei profusa
das erradias cabras saltadoras.
A nova criação corre exultando;
aquelle foge, os outros o perseguem,
voltam, saltam, empinam-se, discorrem
por toda a parte n'um momento o prado;
cresce o leite, e o pastor a quem já faltam
cinchos para o queijar, tarros que o levem,
lédo se enraiva com riquezas tantas.

Todo o arredor da aldeia é movimento;
contente lida, esp'rança, amenidade.

X

¿Por que se hão de calar da infancia os brincos?
A infancia é primavera, é mundosinho
florete, de que nasce um grande mundo.

Menino á espreita e mudo entre as silveiras,
apoz o som do grillo o vai buscando;
outro os ramos envisca, as redes arma.
Prêzo de longo fio ao pé mimoso
passarinho pelo ar chirla e revoa;
e crendo-se de novo o rei do espaço,
de inconstante creança um dedo o rege.
Um mais travêso, ás árvores trepado,
nos ramos se embalança, ou furta os ninhos;
outro mais atrevido, em vão forceja
por montar no carneiro, que se escapa,
fazendo ao longe retinir os bosques
co'o crebro som da aguda campainha.
Tenra menina um malmequer desfolha,
e pelo amor da mãe á flor pergunta ;
em quanto seus irmãos vão na corrente
pôr de cortiça um concavo barquinho.
Na luta, na carreira apostas fervem.

¡Oh! da infancia do mundo amaveis scenas!
Se inda as virtudes sobre a terra existem,
se inda existe o prazer, o socio d'ellas,
é no campo, no campo; e a quadra tua
nos mostra, ó Primavera, este prodigio.

XI

Mas da fogueira as chammass enfraquecem.
Ja os gallos das proximas cabanas
vão começando a annunciar-me o dia.

¡Que som grato! ¡que enlêvo estar sentindo
por um sereno albor, estes vizinhos
nuncios da aurora, a cuja voz respondem
outros aqui e alem, com voz diversa!

Sim, o dia começa: a luz nascente
pelas fendas do fecto está brilhando.
Eis-me só junto ao lar. ¡Quem sabe ha quanto
se iriam meus bons hospedes ao colmo!
Agora em doce paz lá estão dormindo.

¡Que breve noite! e é finda; ah toda é finda.
Da fresta, onde cheguei, contemplo os ares,
e claro vejo o ceo, de nuvens limpo.
Mal brilha no horizonte a estrella d'alva.
E os olhos meus (¡oh dor!) só descobrirem
como por um véo denso a Natureza!

Os montes que longissimo se alcançam
de vinhas e arvoredos entresachados,
o rio ao longe a fulgar co'as ondas,
os remotos casaes da gente humilde
pelas verdes campinas alvejando,
¡não vêl-os eu! ¡não ver!...

¡Mas que murmúrio
sóta a folhagem do loireiro antigo,
que defronte de mim remonta aos ares?

O favonio acordou, que hontem de tarde,
cançado de girar, adormecêra
junto á cascata no pomar sombrio.
Vai subito partir; em curtas horas
será contigo, e te dirá meus versos.

Meus Amores, ¡adeus! ¡adeus, meu Nume!
Da Epistola a resposta a vinda seja.

O DIA
DA
PRIMAVERA

POEMETO EM DOIS CANTOS

Em dois cantos se divide agora este Poema, para commodo de quem lê. Entendi em apertar, melhor que da primeira vez, este feixe de flores, se o é: algumas deitei fóra sem fazerem mingua; as demais foram refrescadas, e, se me não engano, mais algum viço ganharam.

Puz-lhe com tão boa vontade as mãos como na Epistola; pelo que, sem deixar de ser o mesmo, é outro; é o mesmo no essencial e intrinzeço, todo outro no lustre e na toada.

DEDICATORIA

A MINHA MÃE

A' maneira das arvores, que acordando do somno do inverno ao bafo onnipotente da primavera, como que ressuscitam com o riso e vida nos primeiros olhos e flores, o meu engenho começa a matizar-se das suas, com a tornada d'estes dias puros, e deleitosos aos amigos do campo.

As primicias que d'ellas pude colher, foram para a grinalda que apresentei na Festa da Primavera celebrada com os meus amigos. Depois de a haver tirado do altar da deusa que governa a mocidade do anno, e a quem se não a ti, ó minha Mãe, devêra offerrecer esta grinalda? sim: outrem qualquer a enjeitára por de nenhum preço; de ti sei eu certo que lhe acharás uma graça especial, mais finas côres, e fragancias mais suaves. Emfim me atrevo esperar que póstos amorosamente os olhos na minha Obra, entenderás, sem o dizer, como eu sinto todo o amoroso da gratidão, ao cuidar em quem me deu além do ser, a educação, e todos os mais carinhosos desvelos. Alguns suspiros e lagrimas, para cúmulo da minha felicidade, serão talvez por ti, ó minha Mãe, espalhados na minha ausencia.

HISTORIA DA FESTA

DA

PRIMAVERA

Remontando a veia do Mondego até obra de um quarto de legua para cima da Cidade, encontra-se na margem do poente um gracioso retiro, selvatico sem aspereza, e como que enfeitado sem arte. Disséreis que em hora de contentamento o fizera a Natureza, para algum dia hospedar no regalo d'aquellas suas sombras um ajuntamento de poetas seus.

De *Lapa dos Esteios* pozeram nome ao sitio em dias remotos, segundo sôa, os vinhateiros e pomareiros, que de umas e outras varzeas do rio costumavam acudir ali por paos, com que estear suas parreiras e arvores derreadas com o peso da fruta.

Ainda permanece o nome, porém já o arvoredado se não desbarata pelos vizinhos, e a Lapa, de tão solitaria e amena que é, parece a apetecida estancia do Genio da liberdade.

Entra-se por um breve caes ornado de cinco alterosas arvores, das quaes uma, torcendo-se toda para o rio, se debruça para

saudar e cobrir com a sua sombra os bateis que chegam. No topo do caes, e fronteira a quem desembarca, se alevanta um genero de muralha nativa de rochedo, rôto em muitos seios.

Esta penedia, até aos nove ou dez palmos de altura, sóbe nua e só ornada de sua mesma aspereza; d'ahi para cima, como envergonhada de sua dura condição, se esconde toda com um frontal de heras, que ora ressaem como cabeços pendurados, ora se recolhem para phantasiarem lá por dentro suas grutasinhas e labirintos, d'onde ás vezes se estão vendo sahir por um cabo e por outro os passaros, que depois de beber e se banharem na veia da agua, se empoleiram pelos lamegueiros visinhos, namorando e cantando a suavidade e fresquidão de suas habitações.

Pelo lado direito d'esta aprazivel scena, sóbe uma cerrada espessura de bosque pequeno, onde os olhos se enleiam na confusão de troncos e folhagem; pelo esquerdo abre-se para cima uma escada, rustica mas comoda, de doze degraus.

Tecem-lhe estendido toldo dois lamegueiros velhos, e outras arvores mais pequenas se abraçam por ali, travadas com mil voltas de hera.

Dá esta subida em uma planura sobre o comprido, com seus assentos de ambas as bandas, isto é da terra e do rio, o qual por entre um basto arvoredado, que d'aqui, por uma especie de promontorio, vai descendo até lhe metter os pés na corrente, se está vendo a furto transparecer. Das primeiras

cabeças d'este arvoredó cai para os assentos uma boa e vedada sombra.

O puro e perfumado dos ares, a varia presença da terra e aguas, o sussurrar dos ramos abanados da viração, as melodiosas querellas das aves, em summa a Natureza enfeitada só de suas mãos, e paz e descanso de deserto, são a fonte perenne dos encantamentos d'este sitio.

Uma ladeira suave opposta á escada, e ainda mais sombreada, despede em outro caes com seus degraus nativos de rocha até á agua. E' este menos bem assombrado que o primeiro: não tem relva, nem arvore, nem verdura, afóra a da muralha no topo, toda velada de musgos, matizados com seus tufos de fetos silvestres, congossas, e um sem numero de outras plantas e hervas, sobresahindo a espaços alguns ramos solitarios de figueira brava; mas o que de interior graça lhe fallece, lh'o compensa a larga vista que para fóra disfruta.

*

Era chegado o primeiro dia de primavera. Tratado e assentado estava de muito entre mim e meus amigos, como iríamos pas-sal o juntos, em uma romaria e festa poetica á honra d'aquella mais formosa parte do anno.

Não faltavam á volta da Cidade muitos sitios accommodados ao intento, antes não creio que possa haver no mundo outra verdadeira Arcadia, que em tão pequeno espaço resuma tantos; mas d'entre todos coube

á Lapa dos Esteios a palma da competencia.

De doze se compunha o rancho, todos amigos, poetas, e academicos.

Por volta de meio dia, pouco mais, nos ajuntámos com muita alegria e abraços; e todos com os nossos ramalhetes de primavera nas mãos, nos pozemos alvoroçadamente em caminho para o rio, onde já o barco nos aguardava.

O ar estava puro; contra o sol que ardia rijo, nos acudia com refrigerio um pouco vento, que ao mesmo tempo nos fazia mui boa feição para contrastar a corrente. Saltámos e partimos.

Em quanto alguns por um e outro bordo ajudavam o favor do ar com o trabalho de suas varas, repellindo o álveo, e fazendo-nos resvalar mais prestes á medida de nossos desejos, os demais amotinavam ao longe ambas as ribeiras com suas cantigas de amores, entoadas em chusma.

A cada momento porém se quebrava por si o canto, para se contemplar e encarecer o muito que a Natureza e o artificio poderam e souberam crear para enlevo de olhos, por ambas aquellas dilatadas margens e campos: pradaria verde e florída, oiteiros risonhos, casaes branqueados, grangearia e recreação de quintas, pomares, hortas, jardins, e mil arbustos curvos por entre choupos e salgueiros até beijarem a agua, esse era o painel em que meus amigos se iam enlevando, e que a mim, que pelo longe que era posto, o não podia nem por nevoas enxergar, me desentranhou algum suspiro, dando-me a

sentir no meio da geral alegria alguns momentos magoados, recostado na borda da embarcação.

Mil coisas pequenas, e por ventura vans (mas quaes ha que sejam taes para gente moça em dia de jubilo?) matizaram toda esta viagem: taes como a grita que de subito alevantámos ao passar por baixo do arco grande da ponte, aonde as vozes, reflectindo do massiço da cantaria, nos ressurtiam para os ouvidos com uma estranha soada, como que por aquella porta e csteiro estivessemos entrando um mar nunca d'antes descoberto; despedidas á Cidadè, que de nós se alongava, branca e assentada em seu monte, até que desaparecia, e ás margens que para nós arremettiam correndo com seus estendões, lavradores e rebanhos, para logo nos passarem além, fugir-nos e perderem-se; a vista de um bando immenso de pombas, que, levantando se espavoridas com a nossa passagem, de um ilheo de areia onde se estavam a beber e banhar-se, nos atravessaram pela prça, e foram derramar-se todas queixosas pela ribanceira visinha; o ceo a espelhar-se inteiro nas aguas, ufanas de retratarem multiplicado o sol da primavera com toda sua magnificencia. Similhantes nadas produziam em somma um genero de felicidade a estes moços Anacreontes viajando, á qual, para de todo o ser, só faltava poder durar.

*

De instante para instante importunavamos os barqueiros, perguntando insoffridos quan-

to nos restava do caminho. Cuidava-se ver a Lapa dos Esteios em quantas soledades aprazíveis nos appareciam ao longe.

Emfim a apontaram com o dedo; levantam-se todos, todos com clamor unísono a saudam. Saltámos logo no primeiro caes, deixando o nosso barco amarrado a uma arvoresinha, que, se algum curioso vier visitar aquelle sitio, é a terceira da parte esquerda.

Uns de outros derramados, nos fomos prestesmente por onde o acaso ou a phantasia nos levavam, correndo e devassando toda aquella solidão, que por algumas horas vinhamos povoar; e tornando-nos a ajuntar no alto, onde tão commodos assentos se nos deparavam.

«Esta Lapa disse um, para estancia e habitação das Musas parece feita; por aqui as heras pendem de toda a parte.» Sobre o que, se procedeu logo á lição dos poemas que todos levavamos.

Aqui usaram meus amigos para comigo de uma cortezia, de que, por mais que fiz, me não foi possível defender-me, ordenando-me com seus rogos que os meus versos, para os quaes o ultimo logar em tal companhia podéra ainda ser de muita honra, rompessem antes de outros aquelle acto.

Estes, a que eu pozera o titulo que ainda teem *O Dia da Primavera*, já primeiro que o sitio fosse escolhido se achavam feitos, rasão por que não ha que procurar n'elles a pintura d'elle.

Concebera eu um dia de Primavera levado pelos campos em contentamento com

aquelles companheiros; tomei de' minha livre imaginação o que me pareceu bastaria para o encher; e poetei-o sem me obrigar a nenhuma outra verdade.

Elmiro (que todos haviam arcadicamente tomado para si nomes de pastores) assim como a leitura foi rematada, veio para mim com um listão de heras nas mãos, e m'o lançou, a todo o poder que eu pude para me excusar, do hombro direito ao lado esquerdo.

Seguiu-se *Anfriço*, o qual em pé junto de mim, e com uma corôa em punho, recitou uma formosa Ode, toda floreada dos louvores que a amisade lhe figurava poderem-me bem assentar; e chegado que foi á ultima estrophe, me coroou abraçando-me.

Tambem a esta honra me foi forçado ceder, com quanto claramente em mim sentisse o muito que vinha mal empregada; a amisade ordenava, o dia era seu, rendi-me. Era a grinalda de artificiosissimo lavor, mui fresca, e tecida de loiros, heras, e cópia de flores naturaes; guardei-a com ufania e como joia; quizera conserval-a para sempre, mas representava gloria, e minha; murchou, desfez-se, largos annos ha que é pó, e pó disperso.

*

Dado que já então fosse tal o meu triumpho, qual em sonhos de ambição o podéra antever, *Josino*, a cuja feiticeira Musa já eu era, muito havia, devedor, inda o subiu de ponto, lendo antes de um poema, pequeno em extensão mas grande e grandissimo em

merecimento, um elogio a mim em tão delicados versos, que não posso menos de perdoar-lhe a lisonja.

Aulizo * leu um longo poema intitulado *A primavera*, que todo respirava amor aos campos e á virtude, ataviado de mui mimosas galas poeticas, e de mui particular doçura e sabor para os ouvidos. Nem se cuida que sangue, ou amizade, ou van gloria, me fazem fôrça para o dizer, que antes o dissimulára eu, se o ser irmão e amigo fossem partes para, quando a todos os mais vou distribuindo seu preço, lh'o sonegar a elle; e ainda assim talvez o não ousára, se tão boas testemunhas não valessem a confirmal-o.

Foi esta leitura interrompida de uns sons de flauta, que por cima das cabeças, e de mui perto, nos vinham: era o meu caro amigo, Horacio portuguez, José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia, que alvoroçando-nos e alvoroçado, nos apparecia ao cimo da curta escada que da Lapa sobe para a *Quinta das cannas*, que lhe fica sobranceira.

Foram tudo clamores de alegria, recebendo entre nós, poetas todos verdes, o nosso decano e patriarcha; cercámo-lo com abraços, das mãos lhe furtaram a flauta, foi levado de repente a todos os recantos do nosso Parnaso, contando-lhe todos á uma o que até ali se passára, que vezes se falára n'elle, e se desconfiára de sua promettida vinda.

Este homem amavel, jovial, incapaz de

* Meu irmão Augusto Frederico de Castilho.

estudadas gravidades, dado e corrente com todos, bom sem merecimento de esforço, filósopho sem o cuidar, coração que ainda não sahiu, nem já agora sahirá, da infancia, homem só comsigo parecido, que a ninguem imitou nunca, nem de outrem será nunca imitado, e cuja vida, se alguém soubesse escrevê-la, sahiria tão original e unica como elle mesmo, este, digo, nascido para ser alma de qualquer ajuntamento moço e alegre, tomou para logo seu quinhão na festa.

Deu-se fim ao poema interrompido com a chegada do novo socio, que muitas outras vezes o tornou a interromper com applaudir e abraçar o poeta.

Josino, que assim como o ouvia fôra entrançando uma corôa de hera da arvore mais chegada, mal que o ultimo verso expirou, se foi com ella, por entre as palmas de todos, premiar a fronte do cantor.

Elmiro, que de apoz se seguiu, nos captivou as atenções com um poema de muita invenção e belleza, onde outra vez a amizade me brindou com perfumes seus, para os não dizer da lisonja.

Egualmente o coroámos ; e outro tanto se foi fazendo aos demais, que recitaram poemas mais breves ou traducções.

Salicio * repetiu uma mimosissima traducção livre de uma parte da *Primavera* de Thompson.

* Meu irmão Adriano Ernesto de Castilho.

Albano, uma traducção em lindas quadras do *Idyllio Primavera* de Gessner.

Francilio, uma traducção em prosa de Utz, que leu de pé com o copo em punho, e rematou com um brinde.

Franzino, uma versão da *Primavera* de Cramer: cerrando-se finalmente este rico banquete poetico com mais de quatrocentos versos de um poema de meu irmão José Feliciano de Castilho, que, pelo muito menino que ainda áquelle tempo era, não foi dos menos victoriados.

*

Todos estavamos coroados, e o rancho se espalhou.

«Já lá vai o sol abaixo; os seus raios apenas tocam já os cumes dos oiteiros d'alem; «¡aproveitar o tempo!» bradaram alguns amigos da borda de uma eira que dominava a Lapa; e todos sentimos que a tarde nos ia insensivelmente escapando.

Então, ao som da flauta do nosso Horacio, começaram todos de dançar e saltar; e as aves, incitadas da musica, levantaram mais alto os gorgeios da tarde.

As folhas das heras, que por ali guarneciam todas as arvores, e algumas flores, voavam ás mãos cheias como em chuva, de uns contra os outros.

De quando em quando se alevantava alguma voz inculcando, por que o fossem todos

ver, algum particular gracioso e ainda não observado d'aquelle sitio.

Chamando *Auliço* pelos outros, lhes fez notar do cães mais arido, o como o rio d'ali visto, á conta da sua curvidade se afigurava lago cercado de collinas deseguaes, coroadas e semeadas de laranjeiras, oliveiras, e pinheiros, e casaes alvejando, enxergando-se mais a longe, e por entre estas, outros oiteiros, quasi a se desvanecer na distancia e sombra da tarde. Debuxava eu no animo toda aquella scena saudosa; sahia-me o quadro maravilhoso, ¿ mas era por ventura verdadeiro ? não o sei.

*

Uma merenda saborosa nos appareceu de repente, e como por encanto: *Elmiro* fôra o magico providente.

Toalhas brancas de neve estendidas no cães do desembarque, foram povoadas de primorosos manjares, garrafas já de dias, e copos coroados de verdura; uns rolos de arvores estendidos em quadro nos valeram de assentos; dois meninos gémeos, vestidinhos de branco, eram os Ganymedes do nosso banquete folgazão.

Parte assentados, parte reclinados em diversas posturas, outros por entre estes girando com os copos e pratos na mão, boas descachidas, descuidos a tempo, apontadas graciosidades e risos do intimo, brindes com o copo alto na direita, enviados a mui longes e mui diversas terras (que não havia um só que da sua não padecesse ausencia, e se não finasse com saudade), outras saudes ora mais ora me-

nos sumidas, a objectos nomeados umas vezes e outras não, mas mui bonde adivinhar pelos suspiros e geito do saudador, a voltas e proposito d'isso narrativas e contos para folgar, musicas alegres de flauta mil vezes começadas e outras tantas interrompidas, e outros muitos nadas com que a penna se não atreve, convinham em aprazível mistura para encantar a ultima hora da Festa da Primavera.

*

Posto era o sol, mas o ceo ainda não carregado de noite. Havia-se de partir, faltava o animo para o fazer; instavam os barqueiros, cresciam n'elles a rasão e o importunar, acabáram comnosco que nos rendessemos.

Despedidos amorosamente da Lapa, já aquella hora entranhada de escuridão temerosa; com os pés já postos na beira da agua, nenhum queria ser primeiro que trocasse terra de tanta festa, por um barco que nos ia tornar para onde vida de prosa e cuidados nos aguardava.

Senão quando, levantando o bom Gouveia a voz, com ella suave e cheia que se ia por aquellas margens alem, começa de cantar *A minha Lilia morreu*; improviso seu, cheio de uma branda tristeza, que aos cançados e não fartos de gozar costuma ser segundo gozo.

Assim ia elle até n'isto imitando o seu Horacio; que nos poeticos festins que dava ao Genio da alegria, nunca se esquecia com seu quinhão de pensamento para a morte. Profundo era o silencio que de toda a parte cercava o

nosso cantor; só se ouvia o murmurio baixinho da corrente.

*

Não havia quem nos apartasse: por derradeira vez nos tornámos ainda á Lapa, travou-se uma dança por despedida, e fez-se uma saude geral ao logar e ás tres Graças que ali costumam a vir muitas vezes *, até que emfim nos embarcámos, com as nossas corôas na cabeça.

Foi aos barqueiros defendido usar de vara, antes se lhes encommendou que nos deixassem embora ir, tão mansa e perguiçosamente como á veia mal desperta do rio parecesse, e ainda n'aquelle pouco descer das aguas houveramos nós tido mão, se podessemos.

*

Pareceu bem, para atalhar a confusão de tantas vozes como as que ali ferviam juntas, nomear, á maneira do Rei do vinho nos festins dos antigos, um que nos governasse.

Este foi Gouveia por acclamação unanime. Lembrou um que d'ahi ao diante nos ficássemos uns aos outros dando o tratamento de confiança, que a boa amizade consente e requer: approvou-se. «E quemquer que a esta «lei desobedeça, haja-se por expulso da *Sociedade dos Amigos da Primavera.*» Approvou-se com alvoroço; levantaram-se todos abraçando-se, apertando-se entre si as mãos,

* As Senhoras Mellos, a quem pertence a Lapa e a Quinta das Canas.

dando-se entre risos o tratamento novo, tão amiudado para lhe quebrar a estranheza, que ninguém se entendia.

«Todos os Socios (gritou outro, e de novo se fez silencio) «hão-de conservar até que «o tempo as destrua, estas suas corôas, se «não monumentos de gloria, penhores, certo que mais vale, de horas felizes.» Approvou-se por lei o que já todos levavam no coração bem votado.

Suscitou-se depois que recitasse cada um, segundo a ordem dos assentos, alguma sua poesia breve, e que mais lhe parecesse accommodada á occasião. Não faltaram aqui seus debates, lembrando uns como apoz tanto recitar, tinha a cantoria muito melhor cabida do que os versos nus; outros affirmando que a flauta melhor que nenhuma outra coisa diria com a hora, sitio, calada grande do rio; até que um veio conciliar a diversidade dos pareceres, dizendo que umas coisas não tolhiam as outras, antes podiam ir todas a revezes tendo seu lugar: o que assim se cumpriu.

*

A serenidade da noite, junta com as saudades do dia, nos fez achar inefavel doçura nos sons da flauta, que pareciam modulados pela melancolia, e se esvahião ao longe nos ares.

Se ás vezes o acaso nos levava mais para uma das margens, uns frouxos eccos cheios de doçura e tristeza se compraziam de repetir a musica e as palmas com que a nós applaudiamos.

Em quanto um só cãntava em meia voz, e

nós o ouviamos calados, a face na mão, e meio reclinados contra o rio, suave nos era escutar como as quasi insensíveis ondas, com som muito mais baixo, nos vinham beijar os lados do batel, d'onde se fugiam partindo com um murmurinho saudoso.

*

Descemos em terra, e abraçando-nos repassados de igual amizade, e das mesmas lembranças, votámos logo ali nova Festa em honra do primeiro dia de Maio, a qual se veio a fazer como ao diante o declarará o volume; e todo esse meio tempo de uma até á outra, foi tecido de doces memorias, phantasias poeticas, tenções e esperanças de prazer.

Assim se podia e sabia ainda então passar dias mansos, innocentes, e bemaventurados.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1837.

O DIA
DA
PRIMAVERA

CANTO I
A MANHAN

I

¡Eil-a que chega, a amante Primavera !
Logo ao romper do dia sussurrando
vós, favonios azues, a annunciaveis.

Chega... ¡chegou! as aves a festejam
desatinadas, doidas; já com verdes
braços lhe acena o bosque; estão-se os rios
a retratal-a; as fontes a murmuram;
traz gala o monte; os valles se alcatifam;
ri-lhe o ceo todo; a Natureza é d'ella!

II

Mais cedo ao leito do marido annoso
hoje a Aurora fugiu; tomou regaço
de orientaes aljofares mais rico,
mais cópia em seio e mãos de ethéreas flôres.
Aos hombraes inda escuros do horizonte
¿quem a aguardava, quem? os meus Amores.

¡Que encontro! ¡que abraçar-se!... O zephyrinho,
que já por entre nós passou trez vezes,

trez vezes ao passar m'o ha segredado :
viu tudo, tudo ouviu, que era elle proprio
um dos que pelo ar vinham soprando
o matizado pavilhão de nuvens,
em que ás terras baixava o par celeste.

Rosto a rosto inclinado ; as mãos unidas ;
mago riso um só riso em boccas duas ;
absortos em luz mutua os mutuos olhos ;
duas Gémeas do ceo, duas Virtudes
n'uma Virtude só, se afiguravam.

— «O' minha Irman (dizia a Primavera)
; quem nos ha-de estremar ? tu és do dia
a primavera, eu sou do anno a aurora.» —

— «Filha como eu do Sol (acode rindo
a aurora), ó doce irman, vértete o Fado,
não que eu t'o inveje, os bens de urna mais ampla;
deu-te folgar sem mim, deu-te a alegria
dos dias que eu só abro, e os tão gabados
prazeres que eu não vi, não verei nunca,
prazeres do sol pôsto, e de alvas noites.
A mim lida perenne, a mim rigores
de oppostas estações, reinar de instantes,
contínua fuga, e os odios dos ditosos,
e as maldições de Amor contigo affavel.
Eis por que a meu pezar, já por costume,
de olhos que espargem luz se orvalham choros.
Perdôa-m'os; teu jubilo m'os sécca;
desce, eu parto, urge o Tempo, e já me acena
co'a mão rugosa para novos climas.
Fica-te em nossa amada Lusitania,
inda pouco ha tão triste. Observa os cumes
contra o nosso nascente ; ahi vês á espera
a turba toda dos campestres deuses,
Flora, Cybéle, Dríades, Napéas,
Hamadriades, Náíades, Silvano,
a caçadora Cynthia, Amores, Graças,
os ledos Risos, a amorosa Venus;
e Pan ha muito tempo em nova flauta,
no verde cume do apartado monte,
lá onde canas trémulas sussurram,
para a tua chegada estuda um hymno,
a cujo estrondo os Sátyros volteiem.» —

Diz : olha para traz, vê o sol, desmaia,
beija a amiga, e fugindo a entrega ao dia.

III

Desfez-se a névoa, ; eis sol ! Joelho em terra,
amigos meus ; é o sol da Primavera !
O' sol das flôres, ; salve ! O' sol de amantes,
; salve ! ; E tres vezes salve, ó sol dos vates !»

Vêde-o doirando do arvoredos os cumes ;
vêde nas aguas limpidas fervendo
de reflexos de luz aureo cardume.
Corrâmos n'um momento os campos todos !

Como esta luz do ceo, que a toda a parte
desce, rompe, insinua-se, alvoroça,
como esta luz do ceo, vates mancebos,
Jevassemos a terra ; uma só gruta
não fique, um arvoredos, ou valle, ou fonte,
por onde não mergulhe a vista, o estro.

Esta, que ora seguimos, tortuosa
concava senda, ha pouco estreito rio
co'as grossas chuvas da vizinha serra,
parece de um jardim curiosa rua.
De um lado e de outro os cômaros pendentes
já não são montes de crueis espinhos,
montes são de verdura, e roxas flôres,
onde n'outra estação virão c'os cestos
colher nevadas mãos negras amoras ;
rescende o legação, e a madresilva ;
de madresilva ornemo-nos as fronte. . .
Mas não ; fique-se em paz a flor nevada ;
quer-se antes a violeta ; eu sei oiteiro
onde ella móra ; é flor da Primavera ;
d'esta eu fiz eleição ; não quero d'outra ;
vós, se outra preferis, apanhae d'essa.

IV

Por aqui vai a encosta disfarçada :
como que já de cór meus pés a sabem.

Já vós de cá vereis, lá quasi ao cimo,
um ramalhete espesso de avelleiras,
e de dentro luzindo uma apparencia
de alvo lyrio entre verde, um cazalinho ;
pois essa é a caza de Egle.

E mais avante,
no alto ; não volteiam solitarias
as pandas velas de veloz moinho ?
tambem já lá poisei n'uma afrontada
tarde do estio, e lhe dormi á sombra.
Tudo isto me conhece.

Esta ladeira
de rusticos degráos, que ahi desce á dextra,
de perenne verdor acobertada,
cai na fonte da aldeia. Ahi vão por agua
com seus vermelhos cantaros as moças.
Outras cá veem, com passo mais tardio,
subindo já, com os pótes á cabeça
lustrosos, vacillando, e sempre firmes.
Não presumis quanto é social a boa
da fontinha aldean ! não ha formosa
que ali se não detenha e não se enfeite ;
não ha pastor cortez, que ao fim da tarde,
já recolhido o gado, ali não desça
para ajudar a encher ; inda não houve
na visinhança amor, cantiga nova,
ou falado successo, que cem vezes
do fundo de seu antro os não ouvisse
a Náyade ancian ; nem bôda alguma,
sem se enramar o portico musgoso.

V

A' esquerda, pela varzea, anda rebanho,
que ouvi balar, e inda oiço a cantilena
de pegureira voz.

Dizei-me á pressa:
; que scena off'rece a varzea ? A relva molle
de alvas boninas trémulas brincada,
onde o calor nascente o orvalho enxuga,
o sombrear das arvores dispersas,
; bellos não são de ver ? ; é vasto o bando
das ovelhas pacificas ? ; é linda
a guardadora sua ? ; está sozinha

em pé volvendo o fuso, e olhando o pasto,
ou com algum pastor sentada em ocio ?
;traz disperso o cabello, ou prezo em rosas ?
;Que donoso cantar ! ;que peregrina
poesia que desperdiça aquella moça
com broncas solidões e ovelhas rudes !
Coisa que assim namore a phantasia
não quero que haja, não : ; virgem formosa
sozinha sob o ceo ; velando em brutos
a que era de velar como um thesoiro ;
a graça envolta em lans, contente e rica ;
e annos verdes, sem pena aqui florindo,
longe de olhos e amor, jogos e esp'ranças !

Detende-vos : o aroma é de violetas.
Eil-as. Irei tecendo a c'roa minha
com estas, que escondidas, pudibundas,
como a pastora, em paz desabrocharam,
o ar, como a pastora, em roda encantam.

Já percebo o rugir das avelleiras ;
não vejo inda o cazal estancia d'Egle,
mas perto, oh perto vem. Todo esse rôlo
de espesso fumo que serpeia aos ares,
é da interna fogueira que amanhece,
cuidadosa do almoço aos moradores.

VI

Entremos no poñar. Já Primavera
copiosa o bafejou, de agradecida
a's pomareiras mãos que lh'o aprestaram.
Inda folhas não ha, mas tudo é flôres !

Vêde como ante o sol tremúla e brilha
o pecegueiro co'o vermelho ornato.

Vêde além da pereira a branca véste,
da cerejeira, do abrunheiro a cópa.

Vêde como uma vide em cada tronco
tenaz se enleia em tortuoso abraço ;
já seus pequenos pampanos rebentam,
verdejantes festões já vão formando.

Do cheiroso morango a planta humilde
aqui e ali no verde chão rasteja.

Arvores, plantas d'Egle, a nomeada
em todo este arredor pelas delicias
dos ricos frutos seus, não se numéram,
nem sei louvor que lhes não ceda, e muito.
O por que sejam taes, fique em segredo
quando vol-o eu disser.

Aqui Vertumno
veio uma tarde do passado outono,
mudado em rouxinol, cantar nos ramos,
d'onde, mais bella que a gentil Pomona,
Egle andava colhendo a rica fruta.
Julgou ver sua deusa o terno amante,
e tão doce cantou por entre os frutos,
tão queixoso gemeu, gemeu, tão meigo,
cercou-a tanto com chorosos pios,
tantas vezes poisou na mão de neve,
na trança negra, no virgineo seio,
que Egle o metteu no candido regaço,
o levou toda ufana ao lar paterno,
e em pintada g*iola inda hoje o guarda,
que o deus não quer fugir do captiveiro.
Quando a sente acordar pela alta noite,
acalenta-a com languidos requebros ;
ao romper da manhan, quando no bosque
ouve perto cantando as outras aves,
logo a acorda com vividos gorgeios ;
mas quando a vê surgir, qual Venus da agua,
sem mais vestido que a esparzida coma...
ahi é o pipillar, o esvoaçar-se,
o encrespar da plumage, o dar sem tino
contra os duros varões co'o peito brando ;
ahi o abrir do bico a pedir beijos,
e o revelar calado o amor e o nume.

Por isso é que ao pomar onde foi prezo
fadou, quanta vos prende, infinda graça.

VII

! Como é puro este ceo do campo d'Egle !
! Como é doce este zephyro que folga.
entre as arvores d'Egle ! este é ditoso.

Eil-a que sái de seu campestre alvergue.
Calados se podeis, entre estes verdes
por que vos não descubra, olhae-a um pouco.
¿Quereis ver como a ponto lhe adivinho
os passos, e o que faz, e os pensamentos ?
Sim, Egle é sempre aquella, é sempre a mesma;
arvore sem enxerto é sua vida,
dá sempre a flôr equal, eguaes os frutos.
Mas silencio, Vertumnos insoffridos,
já vol-a pinto, e me direis se eu erro.

Do braço nu e candido lhe pende
de loiro milho o pródigo cestinho.
Chama as pombas, lá vão poisar no alpendre ;
á eira arroja os grãos, lá são na eira,
arrulham, comem soffregas, refogem ;
ahi vai novo punhado, ahi vem de novo.
Uma d'ellas, mais alva do que o leite,
vai poisar no cestinho ao lado d'Egle,
e mansa come na formosa dextra;
furtam côres com o sol o collo, as azas.
Egle lhe chama filha ; affirmarieis
que o brutinho a entendeu, salta-lhe ao seio,
espaneja-se ; agora lhe promette
o pombo mais fiel para consorte,
e um ninho todo fôfo, e muito afago
aos pequeninos seus ; mas quer em paga
um beijo, e um beijo pede : a face inclina,
o bico a vem libar ; allonga os labios
unidos em botão, corre o biquinho,
e ao centro do botão lhe leva o beijo.

Agora vem ao tanque, aos rubros peixes
trazer segundo almoço ; ¡ oh ! — providencia
não ha mais desvelada, ou mais formosa.
Mal que o choveu nas aguas transparentes,
por entre os crebros circulos assoma
de vivos olhos purpurina turba,
tragam-n-o, e fogem requebrando as caudas.
Ermo o lago outra vez ficou dormindo.

¿ Que dizeis ? ¿ volve a casa ? ¿ em manhan d'estas
Egle volve ao cazal ! tornará logo.
Mas vós não ficareis, que o não consinto ;
hoje é só divindade a Primavera.

Emquanto a hora da festa inda vem longe,
irmos correndo á sôlta, irmos folgando
é o nosso dever, foi jura nossa.

VIII

¿Mas que risadas d'esta parte sôam
entre os salgueiros, do regato á borda !?

Rasgado o cinto, desgrenhada a trança,
uma Nympha gentil é quem sozinha
se ouve rir no pacifico arvoredo.
¿Lá vai na veia d'agua bracejando,
e a soltar de afflicção piedosos gritos,
um Sátyro infeliz ! já muito longe
a corrente lhe leva o odre e a flauta.
Agora á flôr das aguas apparece,
some-se agora no lodoso fundo.
Em vez de o soccorrer, o apupam rindo
da opposta varzea os rusticos pastores.

— «Dize, bom guardador das vaccas nédias,
¿que successo foi este ?»

— «Eu vol-o conto.

«A Nympha ia correndo, antes voando,
«ao longo d'esta margem que verdeja,
«quando eu dei fé ; suava-lhe no alcance
«o mofino do Sátyro... ¿Que vejo !
«inda poude aferrar... Más horas leve
«a agua que o não trouxe ! Pois já não larga
«os vimes que aferrou co'a mão pelluda.
«Lá trepa . . ¿Vêl-o em cima ! ¿Oh como o bruto
«se estira ao sol e arqueja ! Ia no alcance
«da pobre Nympha o Sátyro ; umas silvas
«a prenderam, travando-lhe do cinto.
«Carpia-se a coitada entre alaridos,
«como passaro preso ; esta novilha
«não muge com mais ancia em vendo os lobos.
«Bate as palmas o fero, e mais ligeiro
«atropella a carreira, e vai clamando
«— Venci-te — Avida mão já lhe lançava,
«senão quando (tomado está dos vinhos)
«o pé caprino na orvalhada relva
«resvala ; vêl-o vai de tombo em tombo

«medindo a ribanceira, e dá no rio !
«Logo ao cahir, fugira-lhe dos hombros
«o odre do vinho, e a flauta d'entre os dedos.
«Mal poudes resfolgar. — ¡O' flauta ! ¡ó odre !—
«disse trez vezes, e esqueceu-lhe a Nympha» —

— «Bem hajas, guardador das nédias vaccas :
«mais feliz sejas tu com teus amores,
«e menos apressada a que seguíres. »

IX

«Socios, ¿que mais ha ahí ? ¿Que vos demora
em de redor de um choupo ? ¡Lettras, versos
entalhados no tronco ! ¡uma grinalda
a abraçal-o, outras mil por toda a cópa,
que parece um rosal ! na terra mirtos !
Lede-me esse lettreiro : algum queixume
de infeliz namorado ¡Oh ! ceos, ¿é crível ?
¿LEI DE AMOR tem por titulo ? ¡se fosse
da propria mão do Nume aqui gravada !

*¡Amar, amar ! ¡viver d'amores !
que o tempo off'rece e nunca espera ;
aos corações bem como ás flôres
não se renova a Primavera.*

¡Oh Lei, porta de Elysio antes da morte !
Sim, sim, de Amor tu és ; vós sois das Graças,
coroas que a ufanaes, a encheis de aroma ;
Socios, ministros das Piérias deusas,
erguei mão não profana ás flôres sacras ;
privilegio é do estro, ouzae colhêl-as.
Levará cada qual no peito a sua
bem sobre o coração, tão perto d'elle
que ouvindo-o palpar lhe fale amores.

Pois é lei, quero amar ; sim. Porém ¿onde,
onde estará da Primavera a deusa ?
Por toda a parte os seus vestigios nóto,
mas não a posso achar. ¡Ah ! vós que rides,
a insólita paixão julgais chimera.

Existe, existe a Virgem graciosa,
dos Ceos a Filha occulta; anda na terra;
não são sem divindade estes prodigios.

¿ Quem faz tão branda murmurar a fonte?
¿ Quem abre a rosa na materna planta?
¿ Quem dá cheiro á violeta, e côr ao lyrio,
ao ar fresco o regalo e verde aos campos?
¿ Quem poesia de amor ensina ás aves?
¿ Quem é que influe no coração dos homens
tanto amor, tanta paz, doçura tanta?
Existe, existe a Virgem graciosa,
a minha doce amante, a minha amada,
dos Ceos a Filha occulta anda na terra.

Signaes de sua mão, pizadas suas,
frangancias que espirou, por toda a parte
me envolvem, me arrebatam, me endoidecem.
Mas busco-a, e não se mostra; exclamo, ¿ é surda!
O dia é falador, é distrahido;
deidade virginal receia o dia,
casta, só quer talvez ás castas sombras
revelar seu mysterio, abrir seu peito.
¿ Oh! ¿ quem me dera que baixasse a noite!

Da noite no pacifico silencio
côa pelo ar vazio o som mais leve;
por isso a Philomela a quiz por sua,
e o mocho lhe confia as longas queixas.
Quem me já dera que baixasse a noite!
Irei clamar do cume dos oiteiros
«¿ O' Primavera, ó minha Primavera!»
e depois que trez vezes repetirem,
ao longe os eccos meu tristonho grito,
attento escutarei se me responde.

Se nada ouvir, prostrando-me, e cobrindo
de igneos beijos a terra (os igneos beijos
teem valor de conjurio entre amadores)
com maior devoção, dobrada força,
clamarei «¿ Primavera, ó Primavera!»
e os campos todos correi bradando.

Na solitaria gruta alguma Nympha
ha-de acordar, e á parte do Oriente

lançar a vista, procurando a aurora :
a aurora não virá, e eu longo tempo
andarei pelas trevas suspirando.

Se trez vezes o sol descer ás ondas,
sem que possa encontrar a minha Amada,
e sem que algum mortal dê novas d'ella,
apagarei no peito o incendio inutil,
pensando que era ingrata, ou que por sonhos
somente a víra em extases do estro.

X

¿Mas viver sem amar, sem sem ser amado?
Vida entre gelos equivale á morte,
no pasto ao coração mantem-se a vida;
sois, brandas affeições, a essencia d'ella.
¿Confessar-me da lei que abrange a todos,
o primeiro infractor?

O' Chlôe, ó bella,
serás tu d'entre mil, o preferido
emprego aos versos meus e aos meus excessos.
Já tens da Primavera o genio, as graças,
sua fama terás, terás seus hymnos.

Quando com teu rebanho para o rio
o bosque ao fim da tarde atravessares,
de longe me verás na flórea margem
sobre um penedo a celebrar teu nome.

Quando o quente redil ao gado abrires
no frescor da manhan, dir-te ha meu rosto
que entre as da tua porta arvores caras
não fui amanhecer, mas toda a noite
de amor andei cercando o teu descanso,
sentindo-te o respiro, ou crendo ouvil-o.

Quando na sésta, á sombra da oliveira
tiveres descuidosa adormecido,
em sons de flauta escutarás por sonhos
o cantar novo que te mais recreie.

XI

Mas vede ; como leve escapa o tempo!
Já alto e rijo o sol encurta as sombras.
Largo se ha divagado. Hora purpúrea,
a mais social, mais folgazan das horas,
chamando está por nós co'a mesa agreste.

¿Onde a iremos tomar? ¿n'algum tugurio
de solitaria Baucis? nem de feno
pobres tectos consente o sacro dia.

Ali temos o oiteiro alcatifado,
rico montão de flores. ;Que mui frescos
pela assomada os loiros se entrelaçam!
;Mas sobre tudo que aprazível grutal
Por fóra é de hera um tufo luzidio,
dentro um fôrro de musgo. Alvitre novo,
ó socios, escutae.

Esta collina

desde hoje para nós fique Parnaso.
Eis a gruta de Cirrha, onde costuma
Phebo sonhar magnificas imagens.
Esses loiros são d'elle. Aquella fonte
(; ceos nada falta!) é fonte de Castalia.
No remanso diáphano boiando
niveos ganços as azas empavezam;
fingi-lhes doce a voz, chamae-lhes cisnes.
Lindas pastoras nossas Musas sejam.
Respiremos o estro. O' lá de Cirrha
virações, acudi-nos contra a calma;
e vós loiros selvaticos, ó loiros,
velae, com vossa abobada frondente
os vates e o banquete, o rir e os versos.

A primeira saude a Bacho, e Ceres
a Pales e Pomona, ora presentes
do banquete á rural simplicidade.
Para dias eguaes, plantar-lhes voto
cá bem no viso do sagrado oiteiro,
densa cabana de perpetua folha;
para aqui de canceiras feriados,
viremos a miude abrir os peitos

ao bachico folgado, a Amor e aos cantos,
c'o a alegria assombrar, e co'a amisade
do loireiral as Dryades vizinhas.

Na venturosa paz d'este retiro,
não virá pertubar nossa humildade
com seus trovões, com seus *coriscos horridos*
urba sublime de soturnos vates.
Alçando o collo, enphaticos preguejem
contra os *tirannos*, contra os *monstros barbaros*;
pintem de rôjo os *prepotentes déspotas*,
fulminem os *perversos aristócratas*,
e fujam por estudo á Natureza.

Não lhes invejo, não, a bronzea tuba,
que despede trovões e rasga ouvidos.
De nosso humilde genio estou contente.

Nada mais temos que uma agreste flauta;
com ella muda, ás vezes longas horas,
da Natureza os quadros estudâmos.
Socios dos rouxinoes, só diffundimos,
depois de meditar, nossos gorgeios;
em quanto o mocho a luz aborrecendo,
nos amenos vergeis nunca discorre;
dorme o formoso dia em cava furna;
e solta pela noite horrendos guinchos,
poisado junto ao ceo, mas entre horrores.

Elmiro, ó tu que, tanto como odeio,
odeias as sonoras bagatelas,
e ris, como eu, dos estrondosos nada,
nunca te afastes da florída róta,
por onde a Natureza o Genio chama.

Da madrugada nos mimosos sonhos,
costumas ver de murtas coroada,
a amavel Sombra do risonho Géssner.

! Oh! quando aos campos teus um dia voltes,
á sombra de teu cedro será doce
ouvir-te prantear perdida amante.
Entre as folhas cheirosas sussurrando,

qual favonio indeciso, os Manes d'ella
mansa tristeza ao coração te enviem.
Emquanto no escarceo da gran Cidade
eu misero, eu saudoso andar lutando,
lá no fertil torrão verás contente
por ceos de teu jardim nascer a aurora;
regarás pela fresca as flores tuas
junto da terna mãe, que este só gôsto
na morte conservou do esposo amado;
triste e formosa qual viuva rôla.

Outras vezes as pombas que sustentas,
terno irás vizitar co' as irmans bellas,
qual entre as Graças passeára Adonis
nos arvoredos da ociosa Chypre.

Elmiro, ¿ e alguma vez tambem meus versos
serão do teu retiro um passatempo?
Quando eu t'os enviar, vós reunidos
junto do fogo nos serões do inverno,
contentes os lereis; e tu, girando
co' a vaga ideia nos passados tempos,
dirás a suspirar «E meu amigo».

FIM DO CANTO PRIMEIRO

O DIA
DA
PRIMAVERA

CANTO II
A TARDE

I

Já dos loiros as grimpas se embalançam;
; surgir, surgir da relva somnolenta!

Já fresca viração consola os ares;
; que zoadas que vai por toda a selva!
Estrépito de rio impetuoso
na calada da noite a crê mil vezes
o viandante perdido. Hora da festa,
bem te ouvimos anciosa estar chamando.
; Da Primavera á festa, á gruta, ó socios,
de Amaryllis e Umbrano á vasta gruta!

Já agora o bom de Anfrizo ha-de ter prompto
de sua dextra mão o altar gramíneo,
arqueado em doce do cedro a cópa,
e do cedro no pé com flórea tarja
da nossa Primavera aberto o nome,
se é que amor, lhe não fez gravar—Dorinda—;
Dorinda, cujos magicos encantos
na lyra do amador geram milagres;
cujos olhos, tão negros como a noite,
são como a noite ao deus de amor, tão caros.

II

Sim, vamos. ¿ Vedes vós o pequenino
que lá vem amontado em verde cana ?
¿quão guapo agita as redeas côr de rosa,
e açoita co'a varinha a brava fera !

¿Ouvís-lhe a doce voz que por mim chama ?

— «Salve, menino ! e adeus, que hoje não posso;
«outro dia virei, toda uma tarde,
«trabalhar nas flautinhas, que arremedem
«cantar de rouxinol soprando-as n'agua.
«Amanhan me procura aqui no oiteiro,
«verás, verás que historias te não conto.»

Partiu ; ¿como galopa afervorado !
Ja vai contal-o á mãe. Este menino
é da aldeia a doidice, e os meus amores.

É dote de seus annos a innocencia,
como do botãozinho é dote a graça ;
mas aqui ha melhor, é botãozinho
já fragrante, é virtude antes do sizo.

N'aquella sésta do abafado `Agosto,
quando fostes nadar, eu passeava
sozinho a esparecer pela frescura ;
eis para mim correndo este menino,
vergonhoso me diz :

«¿Queres atar-me
«este cordel nas pontas do meu arco,
«bem seguro, bem forte, que não quebre ?»

— «Sim, amavel menino (eu lhe respondo)
«Sim quero atar-t'ó bem seguro e forte.»—

E enquanto lh'o fazia, assim lhe disse :

— «¿Vais caçar borboletas ? ¿ou mordeu-te
«alguma abelha, e queres castigal-a ?»—

— «¿Não, não: vou dar em minha mãe um tiro.»—

— «¿Um tiro em tua mãe !»

—«Sim n'outro dia
«deu-me tanto nas mãos, que me ficaram
«a doer, tão vermelhas como as rosas.»—

—«E por que assim te deu, que te ficassem
«as mãozinhas vermelhas como as rosas?»—

—«Eu tinha (acudiu elle) um melro novo;
«era meu, apanhou-o a minha rede.
«Sempre estava a cantar; jera tão lindo!
«E quando assobiava? os outros melros
«punham-se lá do bosque a responder-lhe.
«Quería tanto á nossa Myrtilinha!
«(A nossa Myrtilinha é a mais pequena
«das minhas tres irmans); e ella tratava-o,
«quando eu ia á seara ás cégarregas.
«No outro dia esqueceu-nos a gaiola
«ao sol toda a manhan; quando fui vê-lo,
«não se podia ter; abria o bico,
«e não tomava nada. Um pequenito
«me disse qua era calma; agarro n'elle,
«vou-me ao tanque, e mergulho-o cinco vezes.
«Ficou mui peór: punha-o direito,
«e elle sempre a cahir, fechtava os olhos,
«e estremecia todo. Aquietou-se;
«cuidei eu que dormia, e disse: Dorme;
«veiu um velho, abanou-o e disse: E' morto.
«Fui com elle na mão chorando, e em gritos,
«procurar minha mãe. Ficou pasmada
«quando o viu, e eu lhe disse: Ahi está, não canta;
«nem já faz festa á nossa Myrtilinha—
«Poz se a ralhar por isto, e castigou-me» —

—«Cruel menino (lhe volvi severo),
«cruel menino, je em tua mãe pretendes
«ir-com setas vingar-te?»

—«Oh! não (me torna),
«não lhe hei de fazer mal ;Se tu soubesses
«o que uma setta faz!...»

—«Não te percebo;
«e pois ;que faz? explica-te, saibâmos»—

—«Na cabana de Silvio (me responde)
«ha um cópo de páo todo pintado,
«que elle já prometteu que me daria

«se eu lhe levasse a fita, com que ás vezes
«a minha irmã Glycéra ata os cabellos.
«Por fóra do tal cópo está com um arco,
«para atirar a uma pastora linda,
«um menino como eu, com os olhos negros
«voltados para mim, e sempre a rir-se.
«Anda nusinho ao frio, e tem nos hombros
«azas, que lhe não ganha a borboleta.
«Silvio disse-me o nome que lhe davam,
«porém... já me esqueceu; tambem me disse
«que elle costuma á gente descuidada
«atirar muita vez d'aquellas settas.
«Eu cuidava que as settas matariam;
«tinham-m'o dito um dia os caçadores;
«mas Silvio me jurou que não matavam,
«e contou-m'o sem rir; Silvio não mente.
«Aquellas settas veem, entram no peito
«sem ferida nem sangue, e até sem dores.
«Se obrigam a chorar e ficar triste,
«como ás vezes succede ao meu bom Silvio,
«em toda esta tristeza ha tanto gôsto,
«que é mais doce gemer, que estar alegre.
«Eu d'isto nada entendo, porém Silvio
«me disse que algum tempo o entenderia.
«Lembra-me agora! o tal menino d'azas
«chama-se *Amor*; não e verdade?» — «É certo
(lhe respondo, apertando-o nos meus braços),
«chama-se Amor, e é como tu formoso.»

— «E seus tiros não fazem que fiquemos
«tão amigos de alguém, como o cordeiro
«que anda a brincar com seu irmão no prado?»

— «Sim, é verdade.»

— «Então venha o meu arco,
«ja tenho em casa muitas settas promptas,
«vou ferir minha mãe.»

— «Louco! o teu arco
«como o d'elle não é (lhe brado rindo):
«lança-te ao collo seu, perdão lhe pede,
«beija-a, conta-lhe tudo, e eu te prometto
«por cada beijo teu, mil beijos d'ella.»

Não me ouviu mais, correu : e de caminho
colheu para offertar-lhe algumas flores.

III

¡ Mas eis-nos já no suspirado sitio !
Essa a gruta ; este o cedro annoso e immenso,
condigno pavilhão do altar votivo.

Inda as c'roas vos faltam, eia ó socios,
rompei demoras, ide ás flores, ide,
e volvei logo a dar princípio á festa.

Só fiquei. ¡ Se eu pudesse aqui no prado
por meus olhos tambem colher algumas !
(que as violetas que hei posto andam já murchas.)

— «O' pastorinha de formoso gado,
«se podes, nem te peza, alguns momentos
«perder comigo, apanha-me violetas,
«ensinar-te-hei por prémio outros cantares.
«Teu rafeiro no emtanto o gado vele.»

Partiu, deixando ao lado meu, na relva
o cordeiro que tinha em seu reção,
tão alvo, tão pequeno como um lyrio.
¡ Pobre innocente ! nos meus dedos busca
da mãe, que ao longe bala, a doce teta.
Se comer já soubesse, eu lhe daria
d'estas papoilas, d'esta fina gramma.

¡ Que silencio ! mal oiço uma fontinha ;
serena viração de quando em quando ;
o crepitar miudo dos raminhos,
que a leve cabra arranca do espinheiro ;
a voz d'um lavrador aos bois tardios ;
e o cançado gemer de um carro ao longe.

Cá volve a minha Flora ; estou c'roadado :
«Graças ó doce e rustica belleza !
Sempre em torno de ti rebentem flores
que o teu rebanho cubiçoso pasça ;
nunca te falte pelo estio a sombra ;

e amor te volte em fruto as esperanças,
se esperanças de amor no peito nutres.

¿Vês tu aquelle altar? foi obra nossa,
foi por nós consagrado á Primavera,
e vamos festejal-a. Altar sem Nume
faz menos devoção; se tu quizesse,
bem o podias ser. Anda, mimosa
e amavel pastorinha; enflora á pressa
a trança, o collo, o seio, e no regaço
lança flores quaesquer, qualquer verdura.
¿Oh! dá-me este prazer. Do cedro ao tronco
vae-te encostar do modo que te digo:
co'a a mão na face, e com o sorrir nos labios.
Direi aos socios meus, quando voltarem:
«Invoquei tanto e tanto os meus amores
«(nome é que á deusa dou, não tenhas susto
«nem me furtas a mão) e é tão benigna,
«tão docil, tão cortez a Primavera,
«que sahiu do seu bosque, e apraz-lhe ouvir-nos.»

Folgaremos de os vêr cahir no engano,
ajoelhar-se á fingida Primavera,
e mais de coração cantar-lhe os hymnos.

¿De que te ris, singela rapariga?
¿Por que foges de mim? Se não consentes,
cedo iremos buscar-te nos teus montes,
chamar-te deusa, em dobro envergonhar-te.»

IV

¿Que é isto! ¿Já volveis? Mostrae-me as c'róas.
¿Como escolheste bem, terno Josino,
meigo no coração, na voz mavioso!
Goivos com myrtos para ti casaste;
com o suave condiz a suavidade.

* Na *Primavera* de meu irmão Augusto Frederico de Castilho ha um logar parallelo, não quanto á expressão, mas quanto ao pensamento principal. Releva porém que em duas coisas se advirta: a uma, que nenhum de nós foi plagiario, nem o podíamos ser, porque todos compunhamos em segredo; a outra, que o passo do poema em que elle descreve Nize a figurar de Primavera, leva grande vantagem de valia a estes versos.

Se nos campos do ceo, reino do Genio,
eu pudesse colher miudos astros,
dos versos onde alçaste ao ceo meu nome
c'rôa de ethérea luz seria prémio.
Dou-te o que posso: gravarei teu nome
em bosque, onde Hamadríades o leiam:
decorarão com o verso os teus louvores,
e alguma em si dirá: «¡Quem me ora desse
em minhas solidões este Josino,
por vêr se é no cantar, qual dizem, meigo»

V

Vejamos, meu irmão, * a tua escolha.
Eis-te como eu cingido de violetas;
jah! ;quanto são eguaes os gostos nossos!

Abraça-me, cantor da Natureza,
um a outro, um pelo outro aqui juremos
juntar sempre em buscal-a a industria nossa.
Abraça me outra vez: nossa amisade,
nossa terna amisade, e nosso estudo
aperte mais e mais do sangue os laços.

Se jámais fado atroz nos separasse...
;longe do pensamento esse impossível!
Duas vidas irmãs que medram juntas
teem uma só raiz; dão flôr, dão fruto
nas mesmas estações, e ás horas mesmas.
Quer benção mande o ceo, quer sôpro de ira,
um só bem, um só mal abrange as duas;
emquanto uma existir, persiste a socia.

Vae para o nosso altar; um só momento
me prende; o meu logar tu lá conserva
entre ti e o das Musas já mimoso
nosso irmão, que no berço achou a flauta;
menino, a quem cingistes de alvas rosas,
como elle emblemas da innocencia breve.

Elmiro, o teu diadema é bello e simples:
mirto e teixo, pregões de amor e magua.

* Augusto Frederico de Castilho.

Não são menos de vêr, nem menos proprias
as vossas, bom Franzino, alegre Albano.

Do amor-perfeito as flores melindrosas
tecem, Franzino, a tua, e teem por joia
uma saudade a tremular na fronte.
De teus suspiros o ditoso emprego
longe está, bem o sei, mas não suspíres:
tua amada fiel na ausencia chora,
sua imaginação durante o dia
vôa a buscar-te aos campos do Mondego,
dos campos do Mondego aos braços d'ella
sua imaginação te leva em sonhos.

Albano, a ti o amor foi mais propicio:
vês amiude os olhos que te inflammam,
e o sorrir facil que te muda em louco.
Não muito abertas, incendidas rosas
cercando as tuas fontes, me afiguram
a imagem vêr de envergonhados beijos.

Vem. meu Am~~or~~izo: a tua d'entre todas
é por certo a mais funebre grinalda;
um ramo de cypreste e alguns suspiros.
;Ah tua mãe tão cedo abandonar-te!

Orphão triste, perdôa ao vate amigo,
que em chaga inda tão fresca a mão te ha posto.
Se para ella ha balsamo no mundo,
só Amor sabe d'elle, e mãos de neve
teem para t'o applicar virtude innata.
Sim, Dorinda gentil como que busca
esse ermo de tua alma encher de affectos,
e no vão do teu peito insinuar-se.
Mas a saudade maternal é muito;
todo o mundo, a amisade, e até Dorinda,
só poderam na angustia confortar-te.
;Teu mal sustido choro eis recomeça!
Só a dôr te contenta, á dôr sirvamos:
narrar-te quero a historia do cypreste,
que dos ramos feraes partiu contigo.

VI

Preso das graças da opulenta Silvia
Tytiro guardador de pobre armento,
com seus ais estes montes abalava.

A bella desdenhosa, muitas vezes
quando o sentia a modular ternura
ao som da flauta n'um sombrio valle,
torcia, por não vê-lo, o seu caminho.
; Ah! se o visse, estendido entre o rebanho,
o pranto a borbulhar nos fitos olhos,
e ao som da flauta, em baixa voz unidos
de quando em quando um ai, e o nome d'ella!...

Rigores virginaes, desdens de rica,
a amor, á compaixão talvez cedessem,
e ficasse mais bella, a ser piedosa.

Por só consolação de seus desgostos,
co'a pêga que já foi da ingrata Silvia
folgava repetir de Silvia o nome.
Nunca a avesinha ao misero deixava,
que assim a haviam prêza os novos mimos.
Só ás vezes aos lares revoando
da formossa cruel, de lá trazia
furtada alguma prenda ao pobre dono;
sem querer lhe aticava o fogo inutil.
Era triste, mas doce, ouvir de noite
pelos bosques bradar: «O' Silvia, ó Silvia»
o terno amante; e acompanhál-o a pêga,
já poisada em seu hombro, ou já gritando
lá de cima de um tronco: «O' Silvía, ó Silvía!»

Longos tempos assim pelas florestas
vagar se ouviram solitarios ambos;
té que o loquaz bratinho de cançado
veio um dia cahir entre as mãos d'elle,
bateu as azas, terminou seus dias.
A' fiel companheira ultimas honras
deu como poud Tytiro: sagrou-lhe
um pequenino tumulo de barro,
e um ciprestinho de anno, que por novo
inda estudava o geito de ser, triste.

Aos Numes implorou que o não crescessem;
mas pouco e pouco o tronco foi subindo,
e com elle de Tytiro a saudade.
Bem póde ser que o tumulto não visses,
que hervas espessas de redor o afogam,
ah desde que o pastor tambem jaz morto,
j morto ás mãos da saudade, e em terra alheia !

VII

Tempo é da festa. A' festa!—Ahi estão as flautas
já silvando rebato ás alegrias.

Travae dança, alta dança ruidosa,
quæes em seu monte os Sátyros a saltam!
Venham de apoz os hymnos; logo Baccho
nos acuda co'as taças, menineiro
no aspecto e no palrar, no resto annoso,
de cans a reluzir por entre as parras.
Ser-lhe-ha boa salva o retinir dos copos,
e os das saudes misturados gritos.
Do altar meu canto agora ascenda ao nume!

Vem ó Dona das Graças e Flores,
volve á terra teu mago calor;
aos que fógem de amor gera amores,
nos que a amores se dão cria amor.

Tu és Venus, a Grecia delira
crendo-a filha do turbido mar;
tu és Venus e musa da lyra,
cumpre á lyra teu Nume exaltar.

Tu és Dryade, e Náíade, e Flora,
mocidade, e saude, e prazer,
com mil nomes o mundo te adora,
mil poderes compõem teu poder.

Do ceo puro és a noiva corada,
és só d'elle como elle é só teu;
rica em trajos, de aromas banhada,
a seus beijos te off'rece Hymeneu.

Feliz extase, abraço jocundo
do consorcio completa as prizões,
Primavera, em teu seio fecundo
já pulullam mais tres jestações.

A' voz tua amorosa e macia,
a teu mago e perpetuo sorrir,
tudo cede, e te adora á porfia;
como te ha de o mortal resistir ?

Léda brinca a feliz meninice,
léda a nympha em seus dons se revê,
lédo o velho desruga a velhice,
tudo é ledó, e não sabe o porquê.

Onde assomas, o mato floresce,
desatina a avesinha a cantar,
côr d'esp'ranças a terra amanhece,
arde o peixe nas brenhas do mar.

Perde as iras a rábida fera,
e se extranha de ter coração.
Primavera. que és tu Primavera?
Vida, força, virtude, união.

Desde que abre ao carneiro doirado
hora alegre o celeste redil,
e das sombras e gelo espalhado
despe as terras favonio subtil;

despe a mente por ti bafejada
suas neves e escuro invernál,
ressuscita de flores toucada,
enche a lyra, nem sôa mortal.

Pois tu és quem me accorda e me inflamma,
a ti, deusa, os meus versos serão;
mas debalde o meu estro te chama,
os meus olhos jámais te verão !

VIII

Amigos, baixo é o sol, findem-se os hymnos:
ponde silencio aos copos faladores;
assaz é tempo.

O dia era dos campos,
 ás aguas toca a noite; a noite grave,
 recolhida, saudosa, ama pascer-se
 no murmurinho de deserto rio.
 Também o coração tem dia e noite,
 e precisa dos bens desfadadar-se.

Largo dista a corrente; o passo apertado quem sabe quanto é grato á luz de estrellas ouvir palrar as Naias a deshoras. Vamos tomando o gosto aos fins da tarde; e emquanto mais ligeiro o bom Josino corre a aprestar a barca, entreteremos o caminhar, colhendo rósmaninho para o colchão nocturno.

ir-se acamado em flores aboado
á luz modesta da nascente lua!
Ama o rio os cantares de saudade;
cantares de saudade atiraremos
até ao mar pelas sombrias margens.

Logo que o não rogado, amigo somno,
de papoilas toucado perguiçosas,
lá nos fôr procurar, e manso e manso
forem cahindo os sons e pensamentos,
iremos amarrar na margem muda
a qualquer tronco a barca flutuante ;
lançaremos por cima o branco toldo,
bastante abrigo do nocturno orvalho ;
e estendidos macio, e conversando
em voz baixa, embalados cederemos
ao começado somno os restos da alma.

Quando alta noite algum de nós acorde
a um leve crepitar do linho undante,
cuidará que uma Náyade surgira
fôra da agua a cabeça curiosa,
e inclina o seio ao bordo, e nos espreita.

Assim como alvoreça, a luz da aurora,
e vós, madrugadoras andorinhas,
para o campo acordado heis-de acordar-nos.
Correremos as candidas cortinas,
e veremos de subito, encantados,

sobre nós a verdura estar pendente,
do pranto da manhan já rociada.

IX

Não tarda o sol momentos em sumir se;
no mais vivo escarlata ensopa os campos,
tinge a folhage, os rostos nos accende.

Por montes e olivae dos ceos oppostos
começa a desdobrar seu manto a noite.

Busca o rustico asilo o boi tardio;
por toda a parte os gados vão passando.

Sustenhâmos o halito, escutemos
esta distante musica toada,
que assim transporta os animos em gostos;
é toda feminil, toda feitiços,
vem toda ao coração; ¡oh! ¡se a conheço!
Pastoras são, que ao longe no arvoredado,
vão para a aldeia recolhendo em chusma
o tropel dos rebanhos misturados.
Cantam, porque é sazão de primavera,
e peito de mulher, como avezinha,
desfaz-se em canto e amor em vendo flores;
cantam, porque de um dia assim formoso
serão formoso as toma, e o fuso leve
que andou por solidões um dia inteiro,
vai girar no concheiro da fogueira;
e cantam, porque flautas de pastores
que vão na companhia, as desafiavam.

Mas tantos sons confunde-os a distancia,
figura-se uma voz de tantas vozes;
como que uma só bocca a manda aos ares,
exprime um só effeito, um só desejo.

¡Oh Natureza! ¡oh Tarde! ¡oh Primavera!...
Lgrimas de prazer vertem meus olhos.
¡Somos em bosques de propicias Fadas?
ou vagueio já sombra, e vós commigo,
na semi-vida e semi-luz do Elisio?

X

Já tudo se esvahiú, tudo é silencio;
por campo e campo ao largo impera a noite;
erguida a lua nova o horror lhe troca
em saudosa tristeza, e o mocho alerta
lá do alto a ajuda com o piar carpido;
já oiço o estrepitar das frescas aguas.

Vem, barquinha da noite, perguiçosa,
vem, toma o rosmaninho, e a nós recebe.
|Oh que ameno é poisar passada a lida,
em meio de aguas tantas, rodeado
de amigos bons, e triste, não de proprias
tristezas, sim das mansas do Universo!

Ouvi, amigos meus, os meus desejos,
quaes m'os ora no seio estão brotando
a hora, o sitio, a lua, aquelles pios;
relevae que ao folgar vos furte instantes.

Se os deuses minhas supplicas ouvissem,
um torrão fertil, rustica vivenda,
houveram de abrigar-me a vida pura.
As minhas ambições se fartariam
de nobre, de quieta obscuridade.
Mas, pois que de outra sorte aprouve aos deuses,
e o fio, não de lan grosseira e nivea,
me torcem, mas de ferro as tres do Averno,
guardae vós na memoria o meu desejo.

Depois que entre os abraços delirantes
de todos os que amei, findar meus dias,
sepultae-me n'um valle ignoto e fertil *.
Para marcar da sepultura o sitio,
sobre o cadaver que vos foi tão caro,
mangeronas plantae, cuja verdura
em roda fechem variadas lyrios.
Na raiz funda de soberba olaia

* O meu amigo José Victorino Freire Cardozo da Fonseca (Elmiro) tinha começado em uma sua quinta na Beira um jardim tal como o descrevo nos seguintes versos, e que pretendia consagrar á minha memoria. Mal haja aquelle, a quem semelhante peulhor de amizade não enternece!

poise a minha cabeça, e o tronco amigo
sobre mim curve a côpa florescente.
Mil piteiras unidas, ostentando
na hastea vaidosa as flôres amarellas,
em quadrado não grande me defendam
das incursões das cabras roedoras.
Em meu tronco se escrevia este epitaphio:

*Foi poeta amador da Natureza:
d'entre as sombras ancioso a procurava,
qual terno amante a bella fugitiva.*

Sôbre isto pendurae sonora flauta,
que se revôlva á discreção do vento.
Não cerque os ossos meus, não m'os ensombre
nem teixo nem cypreste; arvores quatro
quizêra só no meu jardim de morte.
N'um canto a laranjeira graciosa,
que mescla util e doce, a flôr e o fruto;
n'outro a figueira sob as amplas folhas
modesta occulte seus nectareos mimos;
defronte um pecegueiro em frutos mostre
que amavel é pudor, quando enche faces
de penugem subtil inda cobertas;
no ultimo canto... (a escolha me confunde)
plantae no ultimo canto uma ginja; *jeira*;
é a arvore da infancia, até na altura;
d'esta por sua mão colhe um menino
a mui ridente baga, e ri de ufano.
Alguns tempos depois que a fria terra
meus restos encerrar, á minha olaia
vós, meus amigos, vós dareis meu nome,
pois de mim se nutriu, e eu serei n'ella.

Dos guerreiros nos tumulos afiem
faminta espada os barbaros guerreiros;
no sepulcro do sabio o sabio estude;
e dos Reis nos marmóreos monumentos
vá sonhar a ambição grandeza e pompas;
vós soltos de freneticas loucuras
aqui vireis mil vezes visitar-me,
na amisade pensar que nos unira,
e unir-nos deverá transposto o Lethes.

Por que me intorrompeis com taes suspiros ?
;Ah! deixae-me acabar.

Quando sentados
emtorno a mim na flórida alcatifa,
guardardes meditando alto silencio,
se d'entre as mangeronas que me cobrem,
sahir acaso a borboleta errante,
;não vereis n'ella o espirito do amigo
que vem gosar do sol a claridade?

Quando o suave rouxinol de noite
da minha olaia gorgear nos ramos,
;não pensareis, de santo horror tranzidos,
que feito rouxinol, meus cantos sólto?
Sim pensareis, e erguendo-se inspirado
algum lhe ha-de bradar "O' meu amigo";
responderão "O' meu amigo,, os bosques;
e vós direis que o meu phantasma errante
da argentea lua á muda claridade,
á conhecida voz d'alem responde,
e em tudo encontrareis a imagem minha.

Se inda então meus costumes vos lembrarem,
se vos lembrar meu coração piedoso,
velae que em meu retiro as bellas aves
de caçador cruel cantem seguras.
Amor, o leve Amor, com arco d'oiro,
só elle e mais ninguem, logre atirar-lhes;
careço de amorosa melodia
que me poetize o somno derradeiro;
morto que nada tem precisa d'estas
pobres delicias rusticas, se folga
que a namorada moça, o terno amante,
juntos ou sós a visitál-o acudam.

Então ao som de languidos suspiros,
de alegres cantos, de amorosos versos,
de ternas queixas, de perdões suaves,
muitas vezes contente a minha Sombra,
formando ao pôr do sol vermelha nuvem,
girárá n'estes ares, revolvendo
da passada existencia almas lembranças.

NOTAS AO POEMETO ANTECEDENTE

Pag. 118, verso 3

Com seus trovões, com seu *coriscos horridos*

Trazia este verso na primeira edição a seguinte nota—*Eis ahí os primeiros esdruxulos que fiz em minha vida, e espero que sejam os ultimos, ainda que por isso fique excluido da communhão de certa seita moderna.*—Supprimi-a, e no declarar o porquê, vou dar não equívoca prova da minha candura.

Prezar-se um escritor de mais amigo da verdade que de Platão e de Aristóteles, alguma coisa é; mostrar porém que mais do que a si proprio a ama, certo que não é vulgar o exemplo, e esse tenho eu dado, e não raro, já falando, já escrevendo limpa e rasgadamente o que de minhas obras me parece.

E' um bom proposito que eu fiz em meu interior, e espero não quebrantar nunca, não só porque de si é honesto e nobre, senão que por este meio, o qual não custa mais do que algum suspiro á nossa vaidade, que sempre se torce e confrange de ser mostrada nua, me estremarei da manada dos charlatães literarios, de quem nem o estomago me consente falar. E por que chegue por direito ca-

minho á questão dos esdruxulos, recordarei com vénia e boa paz dos leitores, o que já no Prologo da terceira edição das minhas *Carta de Ecco* deixei tocado ; com a differença, que d'esta vez o farei mais explicitamente.

*

No tempo em que eu cursava meus estudos na Universidade de Coimbra, florescia ella com muitos e bons engenhos de mancebos dados ás Bellas-Lettras. E porque ainda então se não tinham accendido os desastradissimos odios das parcialidades politicas, a Hobbesiana propensão de guerrear se exercia nas lettras.

Duas seitas de escrever se contavam; a cada uma das quaes não faltavam admiradores, apóstolos e evangelistas, assim como, por isso mesmo, inimigos, escarnecedores, e parodiadores. Os livros em que uma juramentava os seus adeptos, eram Gessner e Bocage; Filinto era o Alcorão da outra. Gessner quanto ás coisas e affectos, e Bocage quanto ao térso e lustroso de estylo e metro, eram os idolos de uma; os da outra eram, quanto a coisas e affectos Filinto, quanto a estylo e metro Filinto, e Filinto quanto a tudo em que Filinto podesse bem ou mal ser imitado.

Tinha cada uma d'ellas suas vantagens e seus descontos, como agora claramente diviso, quando as considero com animo livre e desassombrado de preocupações. Não falarei aqui de Gessner, porque já no Prologo o fiz; confrontarei somente, e de corrida, Elmano e Filinto.

*

A ambos dotára a Natureza de talentos, bem que entre si diversissimos, assáz fortes todavia que podessem cunhar á sua feição a poesia de seus tempos.

Elmano, que talvez em seu genero nos ficará sendo unico, de fôrça devia deslumbrar e encantar pelo caudal inexhaurivel, brilhante e estrepitoso de sua veia, que eu appellidarei, e ria quem rir, um Niagára de talento; e, assim como os que pasmam diante d'essa grande cataracta, de puro embevecidos em sua cópia e magnificencia, não teem olhos para notar o estéril do seu curso, o assolador do seu ímpeto, e os penedos que rója envoltos e disfarçados com suas aguas, assim os que presentes assistiram ao poetar de Bocage, ou da tradição o receberam, fascinados com os seus estrondos, espumas e iris, mal se podem lembrar de lhe desejar affecto, sizo, e exactidão, que muitas vezes lhe fallecem.

*

Cinco coisas, pelo menos, para obom poeta se requerem: *faculdade inventiva* — *faculdade sensitiva* — *sciencia* — *lingua* — e *ouvido*; e ainda com estas cinco outra, que talvez resultará sempre de sua união, e sem a qual todas as mais serão baldadas; falo d'aquelle discernimento prompto, que a muitos erradamente pareceu instincto, e a que se costuma dar nome de *gosto*. Em raros sujeitos concorrem tantos predicados; por isso só de longe a longe apparecem os maximos poe-

tas, e já se dão por grandes aquelles a quem menos faltou d'estes requisitos.

*

Faculdade inventiva, ou não a tinha, ou apenas a tinha, Manuel Maria; a sua queda para traductor bastaria para indicio, se de indicios se carecesse aonde claras reluzem as provas: um *Fado*, um *Jove*, *Eternidade*, *Natureza*, *Sóes*, e *Ceos*, são o *index rerum notabilium* da maior parte de seus escritos; e tanto abunda n'estes bordões sustedores e disfarçadores de sua fraqueza, como Ferreira (e quem descobrirá os meus?) na cançada repetição do *esprito*, Jorge de Montemayor na de *hermoso* e *hermosura*, Pina e Mello na de *alento* e *impulso*, Alfeno Cynthio na de *santo* (epitheto, que por mais não ter onde o pegue, até o põe, se bem me lembro, como arrebie na cara de suas pastoras e namoradas); com a differença que os particulares bordões d'estes poetas, e ainda outros de outros muitos, não são em suas obras senão meras circumstancias e accidentes, e os de Bocage menos são estribilhos do que fundo e substancia de inteiros e repetidos periodos.

*

De *faculdade sensitiva* talvez o houvesse menos escassamente dotado a Natureza; mas outras qualidades que lhe ella mesma deu em maior auge, taes como volubilidade de

phantasia, aspereza de condição, espirito sobrebranceiro e satyrico, e coração, como elle mesmo confessa,

mais propenso ao furor do que á ternura,

lhe entibiaram os affectos benignos, de que só a longes distancias lhe sai, como a descuido, algum reflexo.

A estes maus e naturaes elementos accresceram desvarios da fortuna ou do acaso, bem valentes para de todo lhe seccarem a fonte das branduras. Vida mal preparada de educação, nua dos amovaveis habitos domesticos, desallumiada de doutrina e estudo, aturdida de applausos continuos e encarecidos, amargurada a miude de pobreza, vagabunda entre amigos não amados, e por terras não suas, vida, por que tudo diga, corrida á ventura e sem norte conhecido, desenfreada de todas as leis, solta por todos os vicios, cynica por timbre, e por indole silvestre e bravia, e como podia ser que lhe não tisnasse no germen os affectos maviosos? Isso foi, e isso conhece quem bem attento o ler e meditar.

Mas em desconto, as paixões fortes, como o ciume, a colera, a vingança, sente-as e pinta-as vigoroso, assim como todos os objectos grandiosos, remontados, encarecidos, ou terriveis. Não vos debuxará um mendigo, avergado de annos, estendido n'umas palhas esquecidas, junto do cão seu ultimo companheiro, e orando, no desamparo da noite, por quem, sem o convidar para a sua fogueira do inverno, lhe deu fóra da porta

meia fatia de pão; nem ainda as caricias de uma mãe a seu filho; mas dir-vos-ha, rico e altisono, os impetos de uma tempestade, a sanha de uma batalha, as iras de uma madrasta, ou as fúrias de um infeliz que pragueja sua má ventura.

*

Os affectos e a invenção, póde a *sciencia* por algum modo suppril-os, opulentando-nos com os affectos e invenção de melhores autores, uma vez que por nós tenhamos a arte de bem escolher, bem digerir, e bem converter esses litterarios alimentos em substancia nossa, em nosso proprio ser. Ainda mui boa estrella é essa, e não poucos dos afamados desde Virgilio até os nossos dias, só á sciencia, e a essa arte de a aproveitar, haverão devido a melhor parte do seu crédito.

E' o saber principio e fonte de bem escrever, dizia o mestre dos poetas; e dizia o dos oradores, que uns e outros era mister entenderem de tudo. E se já isso foi nos tempos antigos conselho e quasi preceito, preceito absoluto se tornou, e necessidade, para quem escreve n'estes tempos, em que a luz se derramou mais ampla, em que as sciencias, cançadas de viver sobre si, se congregaram como boas irmans em uma só familia, juntaram os seus patrimonios em commum, e cada uma, ajudando a todas as outras, vem a por todas ellas receber um infinito accrescimo em seu peculio.

Limitadissima era a instrucção de Boca-

ge: o latim e o francez, na primeira das quaes linguas mórmente era primoroso sabedor, segundo referem, poderam ter-lh'a dado copiosissima; mas nem a viveza de seu animo, os prazeres e os divertimentos que em seu cerrado circulo o traziam como enfeitado, lhe permittiam estudos, nem são elles facil coisa para pobres e viciosos, nem o que era saudado por divino, como quer que *desatasse na voz o acceso turbilhão* de suas ideias, carecia de ir excavar em livros o suado cabedal, com que outros negoceiam veneração.

*

Quanto á *linguagem*, não será pejo dizer, que a usava limpa e san, não se podendo tatar a sua de mendiga e remendada, como a já muitos de seus contemporaneos vinha acontecendo, nem encarecer de rica e ambiciosa. Pouco tinha lido do portuguez, mas esse pouco com aproveitamento; só d'isso ajudado, e do latim, lá se foi remindo e esteando a sua Musa sem empréstimos do francez; e este carecer de vícios já então era grande virtude.

Para lhe darem, como a texto, cabimento em nosso Diccionario * não vejo eu razão sufficiente, assim como a não ha para o desprezo e esquecimento, em que os havidos por puritanos o deixaram cahir.

Uma coisa é porém verdade irrefragavel, e é, que em nenhum escriptor, antigo nem

* Veja-se a quarta Edição do Diccionario chamado de Moraes.

moderno, apparece a Lingua portugueza mais senhoril e polida, mais egual e ao meio entre o usual e o sublime, entre a penuria e a prodigalidade.

*

Somos chegados á *harmonia*, o mais eminente merito de Bocage, e no qual nem antecessor teve, nem ainda até hoje successor.

De todas as partes que em Bocage corriam para poeta, nenhuma havia tão delicada, e em que tanto se houvesse a Natureza esmerado, como o ouvido. A verdadeira musica dos nossos metros, particularmente do hendecassylabo, não só a desempenhou e ensinou elle, senão que a inventou; e com felicidade tão rara, que não cuido se possa apontar hespanhol, e nem por ventura italiano, que o eguale; e mas é o italiano, pela abundancia de suas brandas e variadas vogaes, pelo moderado e macio de suas consoantes, pelas licenças e elasticidade de seus vocabulos, muito mais prompto e domavel para todo o uso metrico do que o portuguez.

Poucos estafaram tanto os consoantes como Bocage (e ainda ahi é grande o seu louvor, que não é dado rimar mais primorosamente); mas a ninguem eram os consoantes mais excusados. São esses para o verso uns arrebiques e signaes, com que os mal assombrados se disfarçam, para poderem apparecer, mas de que os graciosos e bellos não carecem, nem os devem consentir, por não parecerem menos do que são. ; Por que não ousarei eu dizer, que mais são os seus versos poeticos, do que era poeta

elle proprio? Como simples cantilena agradam, agradam ainda quando por vãos os engeita o juizo, e o coração por frios. Um estrangeiro, que ignorante d'esta lingua os ouvisse bem e devidamente ler, recrear-se-hia como com a toada de um bem tangido instrumento.

Grande excellencia por certo é esta, á qual principalmente deveu levar traz si sus pensos e encantados os animos, e por onde logrou ser, sem o cuidar, fundador de uma escola, que, se me não engano, ainda de todo não passou.

Toda a gloria de engenho é oiro em que nunca faltam fezes: o produzir pela magica de sua versificação uma seita de versificadores, por honroso se podéra haver, se aos discipulos podesse ter transmittido, juntamente com as normas, o talento, a força, a graça, e o gosto com que as produzia e aperfeiçoava. Porém quiz algum Genio máu, para lhe humilhar a vaidade e descontar a victoria, que a maior parte de seus sectarios menos lhe tomassem a melodia do que os escarcéos, as empollas, os trocadilhos, as apóstrophes, as redundancias, e os versos que já se hoje chamam de dobrar,

Seu mais doce penhor, seu bem mais doce,
Viu n'ella os risos, viu as graças n'ella.
Um Deus não é perjuro, um Deus não mente.
Que não paga de um Deus, de um Céu não paga,
Ousaste pregoar mais Céos, mais Deuses.

versos, que, parcamente lançados, como nas Obras de Virgilio, teem graça; semeados a frouxo são affeitos e desdoiros do estylo.

*

Do seu *gosto* já me julgo dispensado de falar, porque me parece que o que d'isso podéra dizer por si mesmo está nascendo do que fica dito.

Concluâmos: o que de Bocage digo em geral, com suas excepções se ha-de entender, porque por uma parte muitas paginas ha suas, mormente em algumas traducções do francez, onde parece lhe esqueceu pôr o tal verniz de dicção e sons que para si inventára, e de que a ninguem deixou a verdadeira receita; e por outra parte tambem, obras temos suas, mormente sonetos e traducções latinas, cabaes e redondissimamente perfectas. •

Passemos-nos já a tomar eguaes contas a Filinto.

*

Muito mais melindroso é este processo, até porque já o querer tomar-lh'as será para seus apaniguados um crime de leso Apollo, e primeira cabeça.

Valha-me porém a declaração que faço, de que em tudo quanto disser, não seguirei outras partes que as de minha razão, declarando previamente que muito pouco dou eu mesmo por ella; mais são consultas que faço, que sentenças que profiro, e antes exercicios de imparcialidade, do que acintes de inimigo. De ninguem o sou, quanto mais de poetas, de perseguidos, de velhos, de mortos.

Foi tempo em que eu, obscuro poetastro do Mondego, ria e vazava epigrammas con-

tra o traductor dos *Martyres*; hoje se me afigura muito mais valioso.

E' elle o mesmo; mudei eu. Deus sabe quantas vezes mudarei ainda com os annos. Do mudar não é nossa a culpa; nossa é porém, e feiíssima a de persistir no erro conhecido; se a republica litteraria tivesse inquisidores, por heresia e contumacia me não haviam relaxar ao braço secular. ¿Ha por ahi muito homem do meu officio que possa dizer de si outro tanto? Mas deixemos esses que estão vivos, e vamo-nos a Filinto.

*

Se é ou não *creador*, já vi ser renhida questão entre ociosos; para mim tenho que semelhante titulo mal lhe póde caber.

O frequente verter ha pouco disse eu que denunciava esterilidade; e podéra accrescentar uma sentença ainda mais desabrida, que ha muito encontrei, cuido que nas Lições litterarias do Doutor inglez Blair, e que muito me cahiu; a saber, que o costume de traduzir, bem que olhado pela rama pareça dever ser frutifero, sempre ao cabo vem a desgastar-nos a faculdade inventiva.

Comparal-o-hei com o linho, que, apesar de tão preciso no mundo, e de tão agradável aos lavradores depois de colhido, por isto só desgosta a muitos d'elles, que a terra onde se creou fica magra, e, como elles dizem, queimada para outras novidades.

Muito mais de metade dos tomos de Filinto trazem no titulo os nomes de autores extranhos, devendo se ainda lançar a este

rol, por boa restituição, bastantes obras, que, talvez por descuido, imprimiu sem nenhuma menção de serem, como eram, vertidas.

As imitações são no merito e inconvenientes meias traducções; e as do nosso poeta são numerosissimas, disfarçadas umas, outras manhosamente dissimuladas.

No resto, que é de sua lavra, apenas se nos depara coisa que abone talento original e productivo: são os chamados logares communs de poesia philosophica, que já por safados custam a passar, e as tão esfalfadas visões e apparecimentos de Apollos, de Musas, de Amores, de Pégasos, e de outros mil defuntos, a quem o tempo já comeu o balsamo, e que todavia são ainda a unica povoação de quasi todos seus poemas, tanto jocosos como sérios.

Algumas vezes me veem desconfianças de que n'aquelle passo da Sátyra do *Bilhar*, em que o nosso Tolentino parece rir de certas Odes, contra Filinto ia tirada a setta de sua critica:

Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
alça o trilingue, mádido tridente;
mas ¿que Górgona filtra? eu vejo, eu vejo...
em dizendo isto é Ode certamente.

Em *affectos* porém sobreleva a Bocage, e não abunda. A espaços lhe vislumbra assomos d'aquella scismadora melancolia, que, mais ou menos, respira em todos os bons poetas.

As amarguras e saudades, que em tão larga vida e desterro lhe não faltaram, al-

guma, e não rara vez, lhe sopraram versos amovaveis, e deliciosos de tristeza.

E' este de todos os dotes de poeta o mais caramente comprado ; sendo assim, que Deus sabe quantas vezes em applaudir um verso que nos toca, batemos por ventura palmas a calados infortunios de quem nol-o escreveu.

Não nos assumptos ditos *sentimentaes* se conhece tanto o verdadeiro sentimento, como nos de indole mais fria e isenta ; porque, se n'estes ultimos apparece inesperada uma palavra maviosa, n'uma flor de festa uma nodoa de lagrima a descuido, ahi vem o infallivel documento de ternura e suavidade ; e d'estas sombras de lagrimas, d'estas palavras maviosas, achamol-as em Filinto.

*

Na *sciencia* é que elle mais notoriamente leva a palma ao seu contendor.

¿ Que muito ? ; com o dôbro de vida, com precisão de estudar para se divertir das maguas e ganhar pão ! ; com o ar e trafico de Paris onde todos inspiram e expiram lettras ! ; e com tão espaçosa velhice, pingue quadra em que as paixões quietando nos deixam todo o silencio, remanso, e curiosidade, necessarios para o estudo !

Tornaram-se-lhe familiares os classicos portuguezes e latinos, de uns e outros dos quaes talvez Bocage não tivesse acabado dois ou tres volumes ; familiares os classicos francezes, hespanhoes, e italianos, e ainda as versões dos inglezes e allemães.

À roda d'elle choviam de dia, a dia, e de hora a hora, os frutos novos de todos os ramos das Sciencias, de que é impossivel a quem por lá vive não provar, até sem querer, e ao cabo não se nutrir e fortificar.

Entretanto repararia eu, se o ousasse, que para quem logrou concurso de tão favoraveis circumstancias, como as que a sua má estrella lhe deparou, não sahiu Filinto o que se podéra esperar de noticioso e culto; e ou desaproveitou o maná que ás mãos do espirito lhe chovia, ou se o tomou lhe não luziu.

A' primeira d'estas duas conjecturas me inclino, porque, segundo o que de seu natural alcanço por suas obras, parece-me que na lição das estranhas mais se ia á caça de vocabulos e phrases curiosas, insolentes e atrevidas, do que de doutrinas e philosophia.

A sua era mean e usual: cançados louvores á Liberdade, á Amizade e á san Virtude, ao estudo, ao descanso e ao deleite; alguns arre-meços de encontro aos Bonzos e Naires; eis ahi sondado até ao lastro o seu poço de saber moral. Alguma historia não rara antiga e moderna, eis todo o seu saber positivo; e todo o seu saber natural, alguns dos principios geraes e diarios das sciencias physicas.

E certo, que, se mais avultados fossem estes seus cabedaes, e veia mais fecunda lhe consentisse ancian mais altas coisas do que palavras e phrases, não se deixára ficar tanto atraz no meio de um seculo novo e alado de poesia; não se contentára o seu estro abstermio com a agua do Parnaso até á ultima hora da vida; e não nos deixára seus volumes pe-jados quasi só de fabula, como armarios de

mوزه antiquario, onde se não vai procurar qual é o mundo em que vivemos, mas deduzir de troncados e desluzidos fragmentos, o que em tal ou tal parte da terra houve lá n'outros tempos, com os quaes e com a qual só pouco ou nada temos.

Diz um escritor insigne *, que a poesia, assim como outr'ora viveu de fabula, revive hoje e se apascenta de verdade. Melhor dissera que de verdade viveu em todos os tempos a nobre poesia, pois que o que para nós se descobriu fabula, era, nos dias em que appareceu e floriu, verdade de factos, ou capa allegórica de verdades, mui crida e sincera.

Resumâmos: Filinto soube mais que Bocage, menos do que podéra, e diverso do que devêra saber.

*

A *Linguagem*, de que pela ordem se me segue falar, mais requeria n'este caso um tratado, do que uma nota de fugida. Algum dia o tentarei, quando me achar mais de assento e sobre mão do que agora, que as justas raiaes d'este escrito me estão tolhendo.

E' a *Linguagem* e elocução a principal feição característica de Francisco Manuel, como de Manuel Maria o é a harmoniosa elegancia.

*

A torrente das hypérboles e conceitos ia arrazando e engolindo todo o nosso Parnaso, quando para lhe pôr a ella diques, e a elle

* Lamartine no Prologo do *Jocelyn*.

salval-o e repovoal-o de natureza, appareceu a Arcadia.

Detençosa e ardua se representava a obra, como aquella em que a razão nua tinha de lutar com a imaginação delirante. Para anteparar impetos de veia tão engrossada com as continuas nascentes e tão copiosas de Italia, Hespanha, e Portugal, já tão senhora do leito e dominadora das margens, era mister que braços fortes lhe levantassem muralhas solidas de grossa e pezada cantaria. Viram os Arcades como lhes estavam á mão as obras, não todas primorosas, mas quasi todas massiças, dos nossos quinhentistas, e dos Romanos classicos; eram accommodadas ao intento, diziam com seu gôsto e costume; valeram se d'ellas, accrescentaram-lhes as suas proprias, levantaram o muro; bramiu, quebrou e escoou-se a inundação.

Raro é o bem, que só porque o é, não traga outros consigo: dos trabalhos, que haviam tido por fim acabar com os nojos e puerilidades do falso engenho, nasceu um conhecimento mais profundo da Linguagem, mais extremoso amor á sua pureza, e o comêço do encarniçado e ainda não findo pleito, entre a puridade e o gallicismo.

Verdade é, que n'este segundo campo se não guerreou com tão favoravel Marte como no primeiro, porque, se as maravilhas da *Fenix Renascida* passaram, os gallicismos fôram em successivo crescimento, sendo já hoje tão caudaes e transbordados, que principio a desconfiar não haverá remedio senão rendermos-nos, encruzar os braços, e deixarmos-nos ir ao fundo; tanto estou convencido de que

nem a própria razão é poderosa contra o espirito de um povo; e a final de contas, Deus sabe, até n'isto, o que é razão!

*

Era Filinto, por sua amisade e commercio íntimo com os sujeitos de maior eredito na Arcadia, e, por motivos de sua propria conveniencia, homem que de necessidade devia entrar na pendencia, e sustental-a até á ultima: n'isso asseitou, e o cumpriu mui pontualmente.

Entendeu desde todo o principio, como aquelle a quem não fallecia bom juízo, em se prover das armas seguras e bem temperadas, sem que lhe não conviria arriscar-se no combate; e se as defensivas que vestiu lhe podessem ter sahido tão impenetraveis ás setas do ridiculo como as offensivas que meneou eram fortes e penetraveis, guapissimo cavalleiro houvera apparecido, e invencivel.

Do antigo portuguez e do latim instituiu concertar toda a sua armadura: com diurna e nocturna mão versou pois os monumentos de ambas estas linguas; e quanto do portuguez já feito se podia enthesostrar, ou se lhe podia accrescentar por derivação, por composição, por analogia, por translação, ou por qualquer outra licença poetica, sem embargo de desenvolta e extrema, tudo ousou com hardimento verdadeiramente admiravel.

Fez estranheza a novidade, offenderam-se os mimosos com o escabroso e difficil de tal estylo, arripiaram-se os pusillanimes com o arrôjo, os ignorantes e perguicosos com a

immensa fadiga que bem viam seria necessaria para entender, não só imitar e seguir, quem tão por fóra caminhava das verédas batidas e vulgares.

Todos estes, e com elles os invejosos, sahiram em campo, combateram e apuparam; e quanto mais apupavam e combatiam, mais recrescia em Filinto o acintoso proposito de se não descer do começado, antes encarecê-lo sempre até o ultimo ponto.

Outra causa havia que para isto lhe fazia força, e era conhecer como sem estes bordados, recamos e relêvos de phrase, o cabedal de suas galas poeticas apparecia, qual em realidade era, grosso, commum e de mui baixa valia.

Mas, quer o movesse esta causa bem perdoavel, quer fosse generosidade com que se offerecia aos motejos e despreço de muitos, com o só intuito de restaurar, e avantajado, o edificio do idioma portuguez, sempre fica certo que n'este particular mereceu mui bem de sua Patria, e a deixou muito mais medrada do que a achára.

Oxalá que dois ou tres mais, dotados de igual credito, pozessem como elle peito á empresa; e, muito embora demaciassem como elle, cunhassem a flux tudo quanto dão as minas portugueza e romana, ainda muito oiro puro de dicção viria enriquecer-nos e facilitar-nos o trato; posto que, tambem como elle, lá cunhassem á mistura oiro enfezado, não de lei, nem de receber, o juizo publico extremaria umas das outras moedas, e as enjeitadas a ninguem fariam mal, se não fosse ao credito de seu autor.

Assim crescêra cabedal, que ainda mingua para as obras do engenho patrio.

Nossa Lingua, qual por ora a temos, e até restituindo-lhe todos seus fóros cahidos, todas suas joias enterradas, não suppre as hodiernas precisões do espirito.

Quando a esphera do saber, sentir, e pensar, se está de hora para hora dilatando no mundo, do qual nós outros (ainda que o não pareçâmos) somos tambem parte, forçado é que a esphera da expressão ao mesmo compasso se dilate e engrandeça.

Repôr ao idioma quanto já teve será louvavel consciencia, porém não bastará se apoz isso se lhe não der com mão liberal, mas prudente, quanta substancia nova elle possa receber e commutar, para que na apostada carreira, que os entendimentos das nações agora levam para o infinito desconhecido, o da nossa, por fraco e sem azas, se não deixe ficar atraz.

*

Uma reflexão quero eu aqui fazer, mas que a taxem de digressão; não será nova para os que escrevem, mas servirá para que os que lêem se abstenham de acoimar poezias em nossos poetas.

Já das palavras se averiguou serem ellas fio e arrimo de que a mente se vale para melhor ir seguindo por suas ideias sem queda nem tropeço. Pois se as palavras, que não passam de reflexos e retratos do pensamento, teem virtude para o fecundar, menos ainda se duvidará precisar a imaginação poetica de uma abundante linguagem, para

se manifestar por obras, assim como o pintor de finas e variadas tintas para seus painéis, e o musico de instrumento prompto e copiosamente registado, para enlevar os animos.

O poeta francez, porque tem uma lingua que á força de bem cultivada por muitos e differentes engenhos, se acommôda prestes e serviçal aos pensamentos mais subteis e novos, e aos affectos mais delicados e passageiros, d'ella se ajuda para inventar, e com ella exprime completamente o que inventou.

Não assim nós, que em pretendendo alcançar-nos por cima de communs ideias do nosso paiz, nos achamos, sem o cuidar, pensando em francez; e se isso, que bem ou mal nos apparece na alma, tentamos passallo para o papel, suamos, bramimos, aqui nos faltam de todo as expressões, ali só tibias nos acodem, outras mal determinadas e mal entendidas, outras estiradas em periphrases.

Dae-me o proprio Lamartine nascido nas margens do Tejo, e pedi-lhe uma só *Meditação*, uma só epocha de *Jocelyn*; grande será o acêrto se as conceber, quasi impossivel que as escreva.

Ponderou Condillac mui avizadamente, que a razão por que appareciam em certo povo e tempo maior numero de varões abalizados em letras, era o ponto de crescimento e sufficiencia abastada a que chegou n'esse tempo a Lingua d'esse povo. Melhor será que o deixemos por sua bocca doutrinar-nos, que bom missionario é em coisas d'estas:

«Acontece com as Linguas (diz elle) o mes-

mo que com os algarismos dos géómetras : quanto mais perfectas são, mais vistas novas nos offerecem, e mais nos dilatam o espirito.

«Os bons acertos de Newton de antemão haviam sido preparados pela escolha dos signaes que antes d'elle se fizera, e pelos methodos de calculo já imaginados. Se mais cedo nascesse, podéra ter sido homem grande para o seu seculo, mas não fôra agora maravilha d'este nosso.

«Outro tanto vai pelos demais generos.

«A boa fortuna dos engenhos mais bem aparelhados, inteiramente depende dos progressos da Lingua no seculo em que vivem, porque os vocabulos correspondem aos algarismos dos géómetras, e o modo de empregar os vocabulos corresponde aos methodos do calculo.

«Portanto, em uma Lingua onde ha penuria de palavras ou de construcções bem azadas, ha os mesmos obstaculos em que a geometria topava antes do invento da algebra.

«O idioma francez foi por largo discurso de tempo tão pouco ageitado aos progressos do espirito, que, se imaginarmos Corneille em cada um dos seculos ascendentes da Monarchia franceza, quanto mais ao remontar nos fôrmos afastando do em que viveu, tanto mais, e gradualmente, irá minguando o seu engenho, e chegar-se-hia por ultimo a um Corneille que nenhuma prova poderia dar de talento.»

*

Voltemos a Filinto.

Não decidirei se houve ou não bom fun-

damento para o allegarem por autor e texto, como o fizeram na quarta edição do Dictionario de Moraes: nem ousaria eu pôr mão no fogo pela infallibilidade de sua pureza, porque (mas a medo e submisso vai o dito, que por dito e não sentença merece vénia) aqui ou acolá se me figura enxergar por suas paginas algumas nódoas d'aquella mesma côr a que nunca perdoou odio.

Mas se as ha, são manchas, ao passo que o geral da sua escriptura é recheado de muitas preciosidades para quem poz peito a bem escrever esta *Lingua*.

Por toda a parte lhe estão pululando lusitanismos em vocabulos, phrases, collocação, inversões, geito e feição de periodos, que, se houver gosto em quem lê para os joeirar e limpar de alguma mistura chôcha ou sedição, farão muito bom sustento para poetas e prosadores.

Se houver gosto, puz eu, e muito que o puz de industria, porque os que d'elle carecerem, lição tal só os fará mais ridiculos; os que ainda o não houverem formado, e se metterem por esses onze e mais volumes sem bom e constante *Mentor*, não sei se em linguagem e em poesia virão nunca a dar fruto que bem saiba e se abenção.

*

Em summa: Francisco Manuel do Nascimento foi um martyr da religião de nossa *Lingua*: para lhe lançar mais gloria cerceou a sua propria; com o excessivo das joias com que a arreou, deixou-a affectada, e menos

matrona grave do que bailarina de corda; sim habilidosa e leve, mas dengosa e presumida; mostrou-lhe o como e por onde devia subir á perfeição, a que por outros, porém tarde e mui tarde, será levada. Foi, por que tudo diga, um destemperado despertador, que nos pôz a pé para o dia das letras.

Quero repetir: fez serviço talvez maior que nenhum dos classicos, mas é de todos o menos para seguir ás cegas. Bem haja elle, que tocou a alvorada para nos acordar; mas mal haja quem quizer ficar com trombeta tão rouca e dissonante a tocar alvoradas todo o dia. Já estamos acordados; cabe agora aproveitar o tempo, como gente de juizo.

*

Se da Lingua passamos em Filinto á *harmonia metrica*, damos maior salto que o de Léucade; e como cumprindo igual oraculo, ou nos afogamos em um mar bravo, ou de lá surdimos curados de todo o amor a tal poeta.

Em nenhuma das quatro ou cinco partes do globo, e em nenhuma era se metrificou jámais tão dura, desleixada, e insolentemente. Se alguma vez se esquece com dois ou tres versos bons, logo se vinga com duas ou tres duzias, que, se os reduzissem a linhas eguaes, não seriam mais nem menos que desaceiada prosa.

E ainda é para agradecer quando só lhe falta melodia, porque algumas vezes nos dispara versos, em que as pausas veem todas desconjuntadas, e outros, em que sobejam *sylla*.

bas, por mais que a maço as procuremos entalar e embeber umas por outras.

A sua rima é por via de regra desnatural e pobre; os seus sonetos e toda sua lyrica de consoantes, enxabimentos ou arripios.

Bem se alcança como eram arrufos de maltratado, as injurias que em muitas partes vomitou contra a rima, e não, como as de Boileau, vozes só de um juizo rigoroso, que de dentro das letras as media.

Nos defeitos de versificador fez de idade para idade successivos e notados progressos, sendo assim que, ou por desleixo, ou por certa petulancia, em que engenhos grandes muitas vezes cahem, tomando por timbre o escarnecer do Publico, quanto mais ia usando do officio, tanto mais desprimoroso se foi mostrando, até ganhar tão duro callo na consciencia, que nem a deliciosa harmonia dos versos de Racine lhe podia já ao cabo inspirar um só verso toleravel de traducção.

*

Do muito que só deixo apontado se deduz a ideia, que para mim tenho, do seu gosto; melhor será do que só deixal-a deduzir, declarar-a.

Parece-me pois ser o seu gosto pouco e mau; e n'isto estribo o parecer:

1.^o que para suas obras originaes costumava de escolher fracos sujeitos.

2.^o que as pejava de taes invenções, que já em tempo de Romanos o não eram.

3.^o que por vida se repete, e por costume redunda.

4.^o que na ordem desordenadissima em que seus escritos poz, anda o peor tão travado com o melhor, e as puerilidades vergonhosas com as odes que lhe lucraram nome, que, sem que o lustre do bom disfarce o mau, o esqualor e nojo d'este deturpa e estraga aquelle.

5.^o que, se para traduzir elegeu ás vezes bons originaes, taes como o Oberon e os Martyres, outras os escolheu desenganadamente incapazes, taes como a triste historia em verso da Guerra Púnica; outras vezes, escolhendo originaes optimos, nem anteviu, nem pelo discurso do trabalho conheceu, nem sequer sentiu depois de findo (porque talvez se o sentisse nos houvera poupado a ler a versão), que havia n'essas obras exclusivos e essencialidades, quer da lingua em que estavam feitas, quer do engenho que as fizera; haja vista ás tão graciosas e admiraveis fabulas de Lafontaine, que em Filinto parecem tanto as mesmas, como estampa de Bertoldo se podera julgar retrato do Apollo de Belveder, etc., etc., etc.

*

Taes são hoje para mim Filinto e Bocage; mui outros dos que já me pareceram, e talvez dos que me hão-de parecêr quando novos livros, novas coisas, e o rodear dos annos, me houverem feito seu ordinario e incontrastavel officio.

N'aquellas eras pois, que já eras antigas se me representam aquelles meus tempos, cahia todo, com o meu Gessner em braços,

para a parte de Bocage, mancebo e lustrozo; e se me figurava que se lograsse traval-os, fundil-os em um, faria obra de se me agradecer.

Os partidarios de Filinto, que não sei porquê, traziam guerra declarada com Bocage, vieram sahindo de seus montes escarpados, empeçados e tenebrosos, para dar vaias e tirar remêssos de epigrammas ao nosso bando. Cerrámo-nos com a bandeira, démos sobre elles com eguaes armas, foi batalha campal, rôta e sem misericordia; não houve mortos nem captivos, poucos transfugas, feridos muitos.

Recolhidos nas trincheiras, cantámos uns e outros, como é costume, o *Te deum* da victoria; dobrámos a altura aos vallos, e profundez aos fossos que nos estremavam; jurámos não acceitar nunca pazes, quanto menos commettel-as, nem consentir em alguma coisa que ás dos inimigos se parecesse.

Eu, que fôra dos mal feridos, e ainda palpava as costuras, ¿como havia de faltar a nenhum ponto da conjuração?

Muitos d'elles mereceriam tratados, mas porque não fazem para o fim d'esta Nota, venho aos esdruxulos, e só libarei a materia.

*

Da Natureza, como quer que seja, nos vem sempre o gosto; mas sendo que a moda, que muitas vezes se gera de um acaso, introduz o uso, e este chega a mudar ou alterar a Natureza, vem a ser o gosto em muitos casos enleada materia, e muito esquiva para

questão, abonando-se talvez por ahí o proverbio, que sobre gostos prohibe disputar.

Dir-me-hão, que nada tem a Natureza com os metros, que só a moda a seu talante os cria e os acaba. E' e não é verdade; mas tambem isso deixaremos de parte, por pedir digressão larga e mui subida philosophia.

Em breve: parece-me que a phantasia ou o acaso inventa os metros, a moda os espalha e rege, a nossa natureza se lhes afaz, mas deve, quanto poder, afeiçoal os e conchegal-os comsigo.

Das dez, onze ou doze sillabas de que pôde constar o nosso verso heroico, quiz a moda que o numero de onze fosse em Portugal, Hespanha e Italia, o usual e corrente; moda que estribou no ser d'estas linguas, em que a quantia de vozes graves excede ás das agudas e dactilycas.

Costumou se o ouvido com a egualdade da queda, creou uma certa natureza, e todas as vezes que inopinadamente o obrigam a outra queda maior ou menor, como que se espanta e sobressalta. Porei exemplo nos que sobem ou descem ás escuras, e já pelo tino, uma escada; se lhes falta no subir um degrau com que ainda contavam, o pé que no ar pôz firmeza cái em falso, e comsigo leva todo o corpo estremecido; se lhes sobeja um no descer, o pé que já se dava por assente, não desce mas atropellã e transpõe.

Por tanto, regra geral, o verso grave, que é o da moda, e tambem o da nossa natureza, é o de que nos deveremos ser-

vir. Como porém, entre as coisas sujeitas á poesia, se nos deparem algumas, cuja indole pode ser esse mesmo estremeção, ou atropellamento, razão será que em taes casos bem averiguados e por via de excepção, acudamos á ideia com o verso que melhor lhe condiz. Os exemplos são faceis de colher nos autores; não gastaremos com elles papel.

Ora para se consentir n'esta excepção, não deixa de haver outro motivo de algum momento, e verdadeiramente é elle o mesmo em que a regra geral se fundou; porque as estranhezas, que por desagradaveis persuadiram á regra, por uteis nos conformam com a excepção, sendo que tem virtude para nos espertarem, quando o embalar da monotonia nos vai adormecendo.

Não por outra causa, vieram os melhores metrificadores latinos em variar, ainda que rarissima vez, os seus hexametros perfeitos com o espondaico, ou com um monosyllabo final. Ambos nos abalam; os primeiros em certo modo como os esdruxulos, os segundos como os agudos; e abalando-nos a proposito, por exemplo para sentirmos a queda do animal no famoso *procumbit humi bos*, deixam-nos afiados para proseguir com attenção, e melhor tomar o gosto ao caminho, que outra vez continua lizo e macio, passado o tropeço.

*

Assentámos o principio; vejamos se o uso lhe tem sido conforme.

A Italia, attenta a promptidão, e musica de

sua Lingua, devêra ser d'estes tres povos do sul o mais aprimorado em toda a qualidade de metrificacão; e todavia é o contrario no hendecasyllabo solto, podendo dizer por si o que o seu Ovidio poz na bocca de Narciso: que a sua riqueza a fez pobre. Os seus poetas, ainda os modernissimos, sobre não curarem dos sons que recheiam o verso, e quantas vezes nem das pausas, sobre estirarem desmesuradamente os seus periodos, consentindo que os versos se travem e encadeiem de continuo, misturam, sem nenhum motivo de effeito, os versos agudos e esdruxulos com os graves, segundo o acaso lh'os vai deparando.

E' o mesmo que succede a quem possui terra de sobejo fertil e facil: ella que supra por si ás primeiras precisões; trabalhe-se o necessario para que não falte; o resto, que bastaria para a fazer paraizo, dê-se á perguica.

Os Francezes, que tão menos poetica Lingua tinham, obrigados por essa mesma pobreza a cultural a, esmerados e incançaveis, ; quanto a não levam já por arte, adiante do que por natureza pudêra ser a italiana! são n'uma parte os paues de Hollanda a produzir; na outra, terras pingues e dobradas de Otaiti a regalar com pão e frutos espontaneos aos semi-nus e ociosos naturaes.

D'este versejar de Italianos, me dizia uma vez José Agostinho de Macedo, que a maior parte de taes poesias lhe dava a lembrar as réguas de mulos de almocreve, que enfiados e prezos uns a outros, ao som dos chocalhos enfadosos lá se vão, ora tropeçando ora er-

guendo-se; continuando o caminho, e sempre chegam com a carga onde teem de ir.

Quando assim falo, quero que se entenda que me não refiro a todos sem excepção, mas só ao geral d'quelles poetas. Bem pode ser que os haja agora primorosissimos que eu não conheça, e dos conhecidos alguns ha com quem não serei tão severo: taes como Monti na tradução da Iliada, Fôscolo se me não engana a lembrança que d'elle me ficou, Alexandre Manzoni, e Felice Romani.

*

Em Portugal, pois que a Lingua era tambem préstes e serviçal, e os que n'ella poe-tavam se compraziam de se irem sempre na pista dos Toscanos, sente-se nos poetas antigos o mesmo desmazelo.

Lá andam com os versos graves os esdru-xulos inuteis, ainda que não frequentes, e os agudos aos cardumes.

Camões, que de todos elles foi por ventura o de mais delicado ouvido, rimando hendecasyllabos, até na epopeia não duvidou em os pôr, quando acaso lhe appareciam, e sem nenhuma intenção ou fito poetico; o que a Vasco Mauzinho de Quebedo, seu inferior em poesia, mas superior (se é licito dizel-o) em metrificar, por tal arte desagradou, que em todo o poema de *Affonso Africano* nunca interpolou com elles versos graves; e d'isso faz alarde em seu prologo.

*

N'esta incerteza correu a coisa até os nossos tempos, em que dois homens

de força, dois atletas da Poesia, representando cada uma das encontradas opiniões, deviam ter perante os olhos publicos um calado e rijo certame, para decisão ultima da contenda.

Foi Bocage o mancebo, cavalleiro da metrificação liza e uniforme; o velho Filinto da mixta e liberrima.

Todo o empenho de Bocage era a harmonia constante; todos os seus versos foram graves, e de compasso batido: Nascimento queria por cima de todas as outras coisas dar todas as suas ideias, boas ou más, graúdas ou miudas, mui bem pintadas e repintadas, que, ainda quando insignificantes, não deixassem de ferir na vista.

Servia Bocage ao metro como a senhor. Nascimento, como de escravo se servia d'elle, trazia-o roto, contrafeito, demudado, e por todas as ilhargas estalando com o pezo da carga.

Se é licito comparar estes dois poetas com outros dois romanos, de muito mais subidos quilates, digo, que são na metrificação hendecasyllaba, o que nos dysticos elegiacos eróticos foram Ovidio e Propercio.

O dystico de Ovidio é sempre torneado por medida; nada lhe falta nem sobra; reluz de polido, e algumas vezes pouco peza. Nos de Propercio ha sempre mais succo de coisas (bastante espremeu d'elles Ovidio para seu remedio); mas o hexametro sai a miude desalinhado, o pentametro dissonante da sua usual toada, acabando não em dissyllabo, como para bem o requer o geito de tal metro, mas em trissyllabos e quadryssyllabos á

moda de Catullo; partem-se menos apuradamente os hemistichios; embebe-se e embrulha-se em demasia o pentametro no hexametro, e, o que mais riço é, o hexametro de um dystico no pentametro do anterior; o que não tira ser Propercio, em meu conceito, um poeta de muito alta valia (e não sei se diga que o unico amante apaixonado dos antigos, com licença dos grammaticos e dos perguiçosos que o enjeitam por escuro), e Ovidio um dos mais bem assombrados engenhos do mundo.

*

Do que levo ponderado, se é exacto, como cuido que é, segue-se que nem Bocage, nem Filinto, eram para modelos absolutos; e que tão desacordado andava quem não consentia um verso que grave não fosse, como quem esdruxulava por vida e fóra d'aquelles casos, em que o esdruxular traz em si mesmo a desculpa e o louvor.

Entendi que já por acinte o faziam, e por acinte contra acinte escrevi essa nota da primeira edição, que atraz deixo trasladada.

Fôra o voto pueril, conheci-o assim como o sangue alvoroçado da batalha me esfriou; mas tão sobre maneira se oppunha a vergonha a uma retratação, que permaneci até hoje sem um esdruxulo em tantos versos sôltos como tenho impresso, e tantos mais que ainda não sahiram á luz.

Quantas vezes, compondo a *Noite de Castello* e o *Bardo*, não senti tentações e impetos de romper e acabar por uma vez

com uma prisão imaginaria, que a olhos vista me estava tolhendo mui bons effeitos poeticos! e comtudo confrangia-me, esquivava-me, escrupuleava, e não podia acabar comigo que me resolvesse; podendo dizer como aquelle Rei de França: *lá se vai tudo menos a honra*:

Os passos d'esses poemas em que tal me acontecia, por si se estão ainda agora denunciando, postos os dactilycos imitativos nos logares, que abaixo do final se podem reputar pelos mais autorizados e distinctos do verso, que são o ponto do hemisticio ou pausa do meio verso, e o começo do seguinte, quando fica bem cortado e estremado.

D'este livro ao diante me dou por desobrigado do voto; e eis aqui, me parece, o como lá para os outros me hei-de haver: nunca porei só por pôr ou por me forrar trabalho, verso dactylico; nunca o enjeitarei quando a força, graça, ou qualquer outra vantagem da poesia, o requererem.

Bem quizera dizer outro tanto dos agudos; mas ahí ainda o meu antojo é forte; sei que a razão não está menos por elles, e não ouso segui-la; veremos o que o tempo, grande causador de mudanças, poderá trazer comslgo.

Nota de Augusto Frederico de Castilho

Pag. 121, verso 11

Vejamós, meu irmão, a tua escolha, etc.

Quando um autor, para publicar os seus pensamentos, se entrega á nossa boa fé e lealdade, os nossos olhos e mãos para logo mudam de dono; ficam seus; tem de vigiar e zelar o deposito confiado, para que nada se lhe acrescente nem cerceie; qualquer palavra, qualquer virgula de mais ou de menos, por muito que as pareçam estar pedindo este ou aquelle passo do texto, são mais que violação de testamento, porque ideias são propriedade mais real e sagrada do que bens da fortuna. Assim é, mas cumpre que não seja assim na presente occasião: faltarei ao direito do autor e á minha obrigação de secretario, para cumprir com outra mais santa lei, a do amor fraterno, alliviando aqui, e em mais de uma maneira, o meu coração, ás escondidas do mesmo autor, para quem serão grande novidade estas linhas, quando de alguém (que não de mim) as chegar a ouvir ler.

Direi em primeiro logar, que na festa da Primavera, cujas honras foram na maior parte a meu irmão, os versos a que esta nota vai lançada tanto abalo fizeram em mim, que pela primeira vez os lia, que eu me vi necessitado a interrompê-los coberto de lagrimas e afogado em soluços, para me ir lançar no seio d'elle, protestando lhe assim, com um silencio que eu não tive pala-

vras para romper, que os seus desejos de vivermos para sempre unidos, já em mim eram necessidade, e que o pensamento de separação se me representava tão *atroz* e *impossível* como a elle. Eu o vi profundamente commovido entre os meus braços, e foi esta a primeira vez em que nos fizemos uma declaração tão expressa de amor, nós que, semelhantes aos *dois amigos* de Gessner, sempre tínhamos vivido e contávamos viver um para o outro, sem ainda uma só vez nos havermos dado o nome de amigos. O meu voto, ufano-me de o dizer, tem sido santamente cumprido. Já lá vão quinze annos, e eis-me aqui ao lado d'elle, eis-me tão inseparavel como tinha sido desde menino até aquella hora. ;Que digo? ainda mais; porque para reparar a perda horrivel que elle acabava de experimentar, eu carecia de ter agora em mim, em vez de um, dois ou mais corações para lhe offerecer.

Agora cumpre-me preencher o principal fim d'esta nota, transcrevendopara aqui alguns versos parallelos a estes, de um meu poemeto, que com o titulo de *Primavera* recitei n'aquelle mesmo dia. Os elogios que o leitor vai achar não m'os inspirou só a amizade fraternal, mas a convicção em que ainda hoje estou, e hoje muito mais, do subido mérito do elogiado. Aqui éra o lugar de desmentir um grande numero, talvez a maior parte das sentenças, que sobre a valia d'estes poemas a sua modestia (em tudo excessiva) lhe ditou no Ante-Prologo, e principalmente no Prologo d'este livro ; mas não

cuido que a minha licença possa chegar
tanto adiante; calar-me-hei, bastando-me
agora ter desabafado, por algum modo, nos
versos que se vão ler.

.....
E tu, meu caro Irmão, tu me arrebatas,
quando magico attráis aos sons da lyra,
as Musas do Danubio á foz do Tejo.

! Oh! dize-me: ¿ onde has visto a Natureza,
virgem tão bella para ti sorrindo ?

Lá na idade infantil, quando teus olhos
inda na luz formosos se espraíavam,
¿ veio ella mesma perfumar-te o berço,
tingir-te em rósea côr dos ceos o espaço,
encher-te o ar de ignotas harmonias,
de affectos orvalhar-te o brando seio,
e com magas visões doirar teus sonhos ?

Sim veio; e quaes na mente que as afaga
as maternas feições impressas ficam,
taes seu olhar, e voz, e graça, e tudo,
te vivem, te reluzem pela mente,
doiram-te a escuridão, compõem-te um mundo.

Em silencio te admiro ha longo tempo;
e até (quê fui tão louco) ousei co'as tuas
minhas forças medir, tentar-te a gloria.

¿ Não fomos nós irmãos? me disse eu mesmo.
¿ Não corremos eguaes no longo estudo?
¿ pois ha de a lira d'elle ousar prodigios,
sem que, para a imitar, desperte a minha?

! Mas que vale o dezejo, o sangue, o estudo!
Tu sabes remontar-te aos ceos n'um vôo;

eu tento, eu me debato, ergo-me, cáio,
no inglorio chão cançado me adormeço.
Será pois d'elle só a eternidade.
; Só d'elle? a sua gloria aos dois nos basta;
qual nossos corações amor vincula,
tal has-de unir, ó Fama, os nomes d'ambos.
Com todo o etermo sôpro enchendo a tuba,
«Este o maior, dirás, dos lusos vates!»
Dirás depois mais baixo: «Este com os olhos
«leu e estudou do Irmão, do terno amigo.»

FIM DO TOMO I

NOTAS DOS EDITORES

Pag. 9. *Ante-prologo*

N'esta ante-sala do Livro, deixou o autor inconscientemente estampado o amargor de duvidas politicas que nos primeiros annos do regimen constitucional atormentava os pensadores. Transparecem em varios periodos os pessimismos de 1835. O mundo velho tinha desabado; era saudades para muitos. O mundo novo ainda não consolidado era um ponto de interrogação, que trazia suspensos os animos publicos.

Pag. 16, lin. 21, nota

Parece ter-se perdido a correspondencia, a que ahi se allude, entre o douto e talentoso Padre José Agostinho de Macedo, e Castilho; pelo menos não a encontramos entre os seus papeis. Emprestada talvez, como curioso documento litterario, não voltou ao poder de seu dono legitimo. ¿Onde pararão hoje essas interessantes cartas?

Pag. 31. *Prologo*

E' notavel de sinceridade a critica severa que o autor faz da sua obra. Exemplo raro e admiravel.

Pag. 37, lin. 24

A observação de Boileau é como segue:

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin,
Est toujours, quoiqu'il fasse, um méchant écrivain.

Castilho traduziu assim esses dois bellos versos:

Autor na lingua falho, em tudo mais divino,
se rá, por mais que faça, escrevedor mofino.

Pag. 44, lin 5, e nota

Ao seu primeiro mestre poetico, o doutissimo Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, teve sempre Castilho verdadeira ufanía de prestar culto de admiração e agradecimento.

Pag. 54, linha 16.

Em 1 (e não 2) de Fevereiro de 1837, passou o Poeta por um dos maiores desgostos da sua vida: perdeu sua extremecida mulher, a senhora D. Maria Izabel de Baêna, fallecida no Campo de Sant'Anna, em Lisboa, no palacete da esquina da Travessa de José Vaz de Carvalho.

Pag. 61, lin. 9

De 25 de Dezembro de 1821 a 9 de Janeiro de 1822, passou o Poeta muito agradavelmente em Aguiç, aonde costumava ir muita vez. Essa estada ahi entre amigos e parentes intimos, ou na casa de Aguiç, ou na quinta da Murteira, ou na do Tanque, vem mudamente contada nas *Memorias de Castilho*.

Pag 65 lin. 8

Essa *cabina de groseiros troncos* é a representação ficticia da casa que o Poeta habitou.

Pag. 85

Na descripção da Lapa dos Esteios (hoje chamada dos Poetas) notará o observador attento algumas differenças, se a comparar com o estado actual da Lapa; mudanças que oitenta annos trouxeram, inevitaveis mas dolorosas. No geral o quadro é em tudo ainda hoje muito semelhante.

Pag. 91 lin. 5

Elmir era José Victorino Freire Cardoso da Fonseca.

Pag. 91 lin. 12

Anfriso era Francisco de Senna Fernandes.

Pag. 91 lin. 31

Josino era José Maria Grande.

Pag. 94 lin. 1

Albano era Albano Sutil de Pina.

Pag. 94 lin. 3

Francilio era Francisco Cesario Rodrigues Moacho.

Pag. 94 lin 7

Franzino era Francisco de Assis de Salles Caldeira.

Pag. 103 lin. 3 4

Este trecho desde o verso

Por aqui vai a encosta disfarçada
até

Sem se enramar o portico musgoso

parece dever ter por modelo algum sitio de Aguim, tão natural e exacto se nos figura. Infelizmente não podemos dizer a que logar se refira. Essa fonte, ou chafariz, onde as moças aldeans iam por agua, essa ladeira, essas avelleiras, esse casalinho, o moinho, vamos apostar que são quadro de Aguim, na Bairrada. Pormenores assim não se inventam; copiam-se.

N. B. — O retrato que adorna este volume é feito segundo uma photographia pelo snr. José Arthur Barcia do busto esculpido em 1836 por Francisco de Assis Rodrigues.

CASILLAS

A

PRIMAVERA

